

JORGE MANUEL DA CONCEIÇÃO RODRIGUES

A CONFRARIA DAS ALMAS DO CORPO SANTO
DE MASSARELOS
E SUAS CONGÉNERES DE MAREANTES

PORTO
2002

**Dissertação de Mestrado em História Moderna apresentada
na Faculdade de Letras da Universidade do Porto**

AGRADECIMENTOS

Ante o fim da dissertação, é com muito gosto que agradeço todo o apoio e incentivo que recebi de familiares e amigos, que me permitiu levar a bom porto este trabalho sobre a Confraria das Almas do Corpo Santo e suas Congéneres de Mareantes.

Gostaria também de manifestar a minha gratidão para com o Sr. Professor Doutor Aurélio de Oliveira, que orientou esta dissertação, pela enorme disponibilidade que sempre revelou, os conselhos que deu e a ajuda que me prestou nos momentos difíceis com que esta tese se deparou.

Gostaria também de agradecer ao Sr. Dr. Miguel Nogueira, não só pela formação dada no âmbito da cartografia, mas também porque são da sua autoria os mapas que fazem parte desta tese.

À Sr.^a Dr. Paula Bonifácio pela revisão dos textos desta dissertação, tenho muito gosto em manifestar os meus mais sinceros agradecimentos.

Ao Sr. Eng.^o Paulo Valada, Juiz Provedor da Confraria do Corpo Santo de Massarelos, e ao Sr. Dr. Moura Pacheco, os meus agradecimentos por me terem facultado o acesso ao Arquivo da Confraria, sempre que foi necessário.

E para terminar quero agradecer a muitas pessoas credoras do meu reconhecimento, em particular as bibliotecas e arquivos que frequentei.

A todos os meus sinceros agradecimentos.

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

1. Objecto do Estudo

A doutrina Moderna do seguro social considera que apenas ele pode beneficiar os economicamente débeis, protegendo-os nos casos de diminuição, perda total da sua receita ou de se verificar um aumento das suas necessidades. Este é o primeiro limite imposto ao nosso trabalho: a debilidade económica leva os humildes a recorrerem ao “mutualismo”, protecção e amparo frente aos riscos da vida. Este estudo irá de cingir-se à Provisão livre, que nasce ao à revelia do Estado e com desconhecimento quase absoluto deste, sem que se possa falar propriamente de seguros sociais, no sentido moderno da doutrina, posto que a característica fundamental dos mesmos é, precisamente, a intervenção mais da política de assistência social, para dar aos indivíduos o auxílio económico, a garantia e a segurança que requerem.

Assim, o sujeito do nosso trabalho é o homem humilde: o mareante e o pescador. O objecto, as instituições que a espontaneidade social criou para garantir os seus indivíduos frente aos riscos da vida: doença, invalidez, velhice, morte, maternidade, etc. Mas que instituições foram estas, múltiplas e variadas, e tão intimamente enlaçadas com a história do trabalho? O espírito de associação tem as suas origens mais remotas nos “colégios” e “solidita” da Península Hispânico-Romana e, historicamente, o seu fim nos Montepios do século XVIII, passando, no intermédio, pela Confraria, a Irmandade e o Grémio. As referidas associações limitam o nosso estudo, dentro da História Geral da Instituições Sociais. Só a indicação destes nomes marca o campo privativo do nosso estudo, dentro da história geral das instituições sociais. Elas serão a base principal, que nos servirão para fundamentar os antecedentes remotos e próximos da Assistência Social e dos seguros sociais.

Mas, até ao presente, não obstante existirem já alguns estudos parcelares sobre o assunto, a verdade é que em conjunto, e sob diversos aspectos, ainda não foi suficientemente posta em relevo a contribuição nacional para o êxito de tão larga viragem dos tempos modernos, génese de tantos progressos materiais e espirituais da civilização, para os quais as ordens mendicantes, as confrarias e as irmandades de mareantes e pescadores tanta

influência tiveram. O trabalho que apresento tem por objectivo o estudo dos Compromissos Marítimos, em particular os do Corpo Santo.

Como segundo objectivo, temos a inventariação e estudo dos bens e património desta instituição. Face a raridade documental à nossa disposição e a necessidade de um estudo comparativo de outras instituições congéneres, até porque este estava por fazer, deparamo-nos com um trabalho sistemático por fazer.

2. Fontes

Porém, após ter delimitado e enquadrado o trabalho, torna-se necessário referir certos detalhes sobre as fontes que serviram para a sua redacção: fontes manuscritas; fontes impressas e bibliografia.

O fundo documental da Confraria das Almas do Corpo Santo de Massarelos, que foi utilizado, é composto por um pequeno conjunto de documentos, entre os quais: o «Tombo do Rendimento e Despesas de 1684-1617», o «Tombo da Fábrica da Capela de 1753-1773» e alguns documentos relacionados com vários tombos e que foram seleccionados por considerar-mos de todo o interesse tratá-los. Temos por exemplo: documentos relativos aos «conhecimentos de bordo», «Relíquias de S. Pedro Gonçalves», entre outros. O seu estado de conservação não é bom, visto que em quase todos os tombos foi encontrada documentação minada pela humidade, que tornou impossível a recuperação de alguns documentos. É o caso do traslado de 1616, que trata da data da fundação da Confraria, cuja transcrição, efectuada em 1921 pelo Secretário da Confraria Rodrigues Conceição, nos leva a concluir que o documento se deteriorou a partir dessa altura, encontrando-se praticamente ilegível.

O fundo documental é constituído, na sua maioria, por documentos muito tardios, escondendo, assim os primeiros tempos da fundação da Confraria. E os que restam são, na maioria, cópias. Ver inventário dos tombos e livros antigos da confraria no apêndice III.

I

AS CONFRARIAS E IRMANDADES
DE MAREANTES E PESCADORES
(Enquadramento Global)

I. As Confrarias e Irmandades de Mareantes e Pescadores (enquadramento global)

O espírito de associação, teve já apogeu entre o povo romano. Por isso, cabe apontar como principal determinante no nascimento das corporações de trabalhadores. A origem das corporações de trabalhadores, como de tantas outras instituições romanas, é, segundo Plutarco, atribuída a Numa, que terá removido a distribuição do povo por artes e ofícios como remédio contra os males e as lutas políticas. Porém, esta asserção não foi universalmente aceite. Para outros, os colégios (públicos e privados) datariam da época de Sérvio Túlio¹

Na Espanha romana, havia uma vida industrial muito desenvolvida nas cidades mais ricas e florescentes. Também se expressaram outros escritores a favor do seu aparecimento em Toledo, Sagunto, Tarragona, Braga, Clunia e Malaga, etc. Pois bem, a exploração das riquezas mineiras e do mar, a sua transformação industrial e sua distribuição por meio do comércio, levou a que estes trabalhadores se agrupassem também em colégios, os quais adoptariam a forma do colégio Romano privado e livre.

Com o triunfo do cristianismo, muitas de estas associações romanas, dado a matiz pagã que tinham, desapareceram ou evoluíram para a confraria de influência cristã ou “diaconias”, fundadas para a prática da caridade mútua, com o intuito de alimentar e enterrar os pobres, proteger os indigentes e órfãos, auxiliar os velhos e os náufragos, etc.²

Na Espanha visigoda, conservou-se em geral, a organização política e administrativa dos Romanos, a organização do trabalho persiste, ainda que adaptando-se às particularidades do momento. Provavelmente, os «Collegia» romanos fizeram também parte da organização e da provisão do trabalho na época visigoda. Verificou-se a existência do artesanato livre, urbano, frente ao artesanato escravo, das grandes explorações agrárias senhoriais. A importância alcançada pela “indústria”, contribuiu para a persistência dos «Collegia» e se estes subsistiram, não foi com características idênticas às corporações de trabalhadores romanos. A rigidez estreita dos mesmos rompeu-se e desapareceu a sujeição ao ofício.

¹ CAMPOS, Fernando - *O princípio da organização corporativa através da História*. Lisboa, Edições da Nação Portuguesa, 1936, pp. 9-10.

² RUMEU DE ARMAS, António - *Historia de La Prevision Social en España*. Madrid. 1958, p. 21.

Com a invasão muçulmana e a reconquista cristã desaparece toda a organização anterior, nos primeiros séculos da reconquista, assistindo-se ao retrocesso a uma economia rudimentar, fechada e de casa, com a ausência de todo o espírito que não fosse o militar e guerreiro, e com a carência de vida urbana e municipal, abrindo caminho para este vazio que abrange os séculos VIII a XII.³

A partir do século XII, os vestígios da Provisão Social multiplicam-se, adquire perfis determinados e concretos, no momento em que nasce a confraria medieval. Por outro lado, os séculos X e XI marcam o surgimento do municipalismo medieval, à sombra do qual renascem os ofícios, para adquirirem extraordinária expressão no século XII, enriquecendo os centros urbanos e apresentando novos problemas de índole económica e de policia.

Neste ambiente, o espírito religioso e assistencial da época dá origem à «Confraria» de carácter geral, que agrupa os homens sem distinção de classe nem de profissões. Provavelmente, a confraria religioso-assistencial tem suas origens no século XI e aparece plenamente desenvolvida no século XII. Quando a este espírito religioso-assistencial se une o interesse de grupo, que reúna homens de uma mesma profissão, que se exercitam num mesmo trabalho e instituem culto a um santo patrono e auxiliar-se mutuamente frente aos riscos da vida, surge a confraria profissional ou gremial.

Porém, até agora o município e as imposições municipais limitaram-se a reconhecer a existência simples dos «ofícios», não como entidade nem como corporação, senão como actividade que precisa de uma regulamentação, de umas medidas de policia para evitar abusos e fraudes, em beneficio do interesse geral e para cobrar certos impostos.

Assim, a nova corporação que surge, umas vezes ligada à velha confraria gremial, unindo-se o interesse e o móbil religioso, com o assistencial e o profissional, e dando lugar ao que chamaremos a «confraria-grémio»; outras vezes surge independente daquela, dando origem ao «grémio» exclusivamente profissional.

A Confraria, ofício, confraria gremial, confraria grémio e grémio, são distintos momentos de um mesmo processo, que se iniciou no século XI para terminar no XIII, e cujo estudo se iniciará com a «Confraria» medieval, tratando antes a «ghilde», como seu antecedente mais próximo.

³ RUMEAU DE ARMAS, António - *Historia de La Prevision Social en España*. Madrid. 1958, p. 29.

1. A «ghilde» como antecedente da nossa Confraria medieval

A «ghilde» é uma associação de defesa e assistência mútua própria e característica dos povos germânicos, unidos numa fraternidade de armas e banquetes, e remonta ao século IX, ainda que os estatutos mais antigos que se conservam sejam do século XI, referentes nas Abbots Burra, Exter y Cambrige. Neles aparecem reguladas as reuniões anuais dos confrades para adorar a Deus e render culto ao santo patrono, as comidas em comum, com participação dos pobres, a assistência mútua no caso de doença e a pessoal aos enterros, os castigos por insultos que se dirigem, aos confrades, etc.

Do ponto de vista de Wilda e Gross⁴, «ghilde» deve a sua origem às ideias de caridade e fraternidade difundidas pelo cristianismo. Segundo Harturig,⁵ a «ghilde» não é outra coisa que a corporação romana propagada pelo cristianismo entre os povos do Norte, e ali transformada ao calor dos seus próprios costumes

As primeiras «ghildes» são associações de defesa mútua ou de cariz religioso. Além de em Inglaterra, comprova-se a existência destas associações na Alemanha e Dinamarca. As «ghildes» ou confrarias organizaram-se também em França, ao mesmo tempo que em Inglaterra. Diversos capitulares de Carlos Magno proibiram-nas no século IX. A causa dessa proibição seria, seguramente, o excesso nos banquetes e nas libações a que muitas vezes, por degeneração do seu primitivo instituto, se entregavam. Está comprovada a existência, em época posterior, destas «gildes» religiosas, como a famosa fraternidade de Cluny, cujos estatutos se limitavam exclusivamente a fins piedosos.

“Na base destas associações dominavam objectivos profanos: realização de um banquete, entreajuda e reconciliação de delitos entre consócios: preconizam-se ofertas para o culto, esmola aos necessitados, orações em comum e exéquias pelos defuntos.

Por isso podemos considerar que as *Guildas* carolíngias se converteram em confrarias cristãs.”⁶

Por outro lado, em vários países da Europa surgiram, simultaneamente, as associações de mercadores, chamadas *ghildes* ou *hansas*, para o exercício e defesa mútua das

⁴ *The Gild Merchant. A contribution to british municipal history*. Citado em RUMEU DE ARMAS, António - *Historia de la Prevision Social en España*. Madrid. 1958, p. 31.

⁵ *Untersuchungen iiber die ersten Anfaenge des Gildwesens*. Citado por RUMEU DE ARMAS, António - *Historia de la Prevision Social en España*. Madrid. 1958, p. 31.

⁶ BEIRANTE, Maria Ângela Godinho Vieira da Rocha - *Confrarias Medievais Portuguesas*. Lisboa, 1990, p. 5.

suas actividades mercantis. Ainda que tenham aparecido na França, na Flandres, na Inglaterra, na Espanha e em Portugal. a mais notável de todas foi a célebre *Liga hanseática* alemã, vasta criação comercial, nascida do Estado ou dos Estados, como organismo tipicamente internacional.⁷

2. As confrarias no século XII

As mais remotas confrarias hispânicas têm a sua origem e inspiração além Pirinéus. As relações constantes dos povos de ambas vertentes, a influência clunicense, e, por último, as peregrinações e a participação dos cavaleiros franceses nas empresas militares de Afonso VI de Castela e de Afonso I de Aragão, serviram de veículo e propagação a este espírito de fraternidade religioso-assistencial, que em França tinha precedentes.⁸

Muitas outras confrarias semelhantes parece terem existido nos distintos reinos cristãos da reconquista, nestes tempos todavia obscuros do século XIII. No entanto, a confraria é um magnifico expoente e reflexo do espírito de fraternidade cristã da Espanha do século XII.

3. O município medieval e os «Ofícios»

As povoações donde irá surgir o regime municipal tinham origens diversas: umas existiam desde o período romano ou visigodo, outras nasceram por serem locais favoráveis ao desenvolvimento do comércio e defesa, outras deveram o seu crescimento ao facto de se encontrarem em lugares estratégicos propícios à formação de um povoamento ou à fundação de um Mosteiro, ou bem ao desejo de perpetuar antigas sedes.

A população era constituída por elementos heterogéneos, e a conveniência entre eles engendrou uma comunidade de interesses e necessidades, que tinham necessidade de ser regulados por normas de administração local, referentes à policia de provisão e mercados. Pelos forais sabemos que uma das atribuições primitivas do concelho era o policiamento da

⁷ CORTESÃO, Jaime - *História dos Descobrimentos Portugueses*. Lisboa, 1978, Vol. I, p. 54.

⁸ RUMEU DE ARMAS, António - *Historia de la Prevision Social en España*. Madrid. 1958, p. 33.

indústria e do comércio, o que prova que mesteres e mercadores se instituía, no núcleo do primitivo município, como «ofícios», já constituídos ou ainda sem constituição.

Todos estes dados se evidenciam desde o século XII, o que produz um “renascimento” extraordinário na vida económica e industrial dos distintos reinos cristãos, o qual levou a que, como consequência, o espírito corporativo se fosse acentuando entre os homens que exerciam um mesmo ofício.

Se juntar-mos agora, a todo o exposto, a tendência clara na Península do século XII, a que os ofícios se radicassem numa mesma cidade ou num mesmo bairro, não é ousado supor que, da conjugação de todos estes elementos, ou seja: a existência dos «ofícios» com vida desenvolvida e próspera; a tendência à união ou agremiação por espírito de corpo e para defesa dos comuns interesses; as ânsias de irmandade e união, que se reflectem primeiro na «colatio» como célula paroquial, e mais fortemente na «confratria», expressão a um tempo do religioso e do assistencial, tão arreigados na Idade média, como fruto daquele estado de abandono, insegurança e risco, que faz pensar constantemente em Deus e buscar a protecção e ajuda mutua nos que nele crêem, e, por último, a tendência a que os ofícios se agrupem em determinados bairros ou ruas; nascesse a confraria gremial, ou de «ofício»⁹

4. A confraria- grémio e o grémio, suas diferenças

Para o aparecimento do «ofício» organizado, quer dizer, o ofício unido e regulamentado, é preciso que exista uma ordenança ou regulamento próprio e uma autoridade que zele pelo cumprimento do mesmo. Quando a autoridade, seja o rei seja o município, regula as actividades de uns indivíduos de profissão comum, e as submete a determinadas prescrições de policia ou de técnica, temos como constituído o «ofício». Essa mesma autoridade, por iniciativa própria, ou a petição dos ofícios, organiza e regula, por meio de uma carta, ordenança ou estatuto o «ofício», e cria uma autoridade gremial, assim constituindo e organizando o «grémio». Exemplo dele translusce-se nos séculos posteriores nas cidades e que logo se distribuíram por ruas¹⁰, indício de organização. Há necessidade de avançar vários anos

⁹ RUMEU DE ARMAS, António - *Historia de la Prevision Social en España*. Madrid., 1958, p. 42.

¹⁰ Gestoso Pérez, José - *Ensayo de un Diccionario de los artífices que florecieron en Sevilla*. Sevilla., 1899, p. 15. Citado por RUMEU DE ARMAS, António - *Historia de la Prevision Social en España*. Madrid. 1958, p. 49.

para comprovar a existência de confraria ou irmandade, não se constituindo, com ordenanças próprias, a maior parte deles.

Grande parte das vezes a confraria serve de embrião ao grémio, e fundindo-se, em seus princípios, com ele, formando o que, para maior esclarecimento, denominaremos «confraria-grémio». Num menor número de casos, o grémio constitui-se com independência e desconhecendo em absoluto a confraria.

E o mais curioso é constatar que este processo geral repetir-se-á através dos séculos, até mesmo ao século XVIII, e que podemos falar do predomínio, em cada século, de uma ou de outra forma de reunião, porém que todas elas: seja «ofício», «confraria gremial», «confraria-grémio», «grémio» com «confraria» independente, «grémio» sem «confraria», e até «grémio» que dá lugar posteriormente ao nascimento de uma «irmandade» ou «confraria», se perpetuam quase até aos nossos dias.¹¹

Voltando aos séculos XII e XIII, podemos resumir o exposto nas seguintes conclusões:

- que apenas a «confraria gremial» pode ser a porta de entrada na «confraria-grémio», na qual aparecem entrosados os fins técnicos, policia e autoridade gremial, com os fins religiosos e assistenciais;
- sendo mais antiga a confraria e servindo de fundamento ao grémio, este se constitui e organiza com independência daquela, ainda que institucionalmente relacionados, uma vez que as multas, penas e derramas do grémio passam engrossar a caixa da confraria, para cumprir os fins religiosos assistenciais, que lhe são próprios e característicos;
- que, em ocasiões excepcionais, o grémio se constitui isoladamente; com desconhecimento da confraria; dando até lugar, mais adiante, a que esta se organize a partir daquele.

¹¹ RUMEAU DE ARMAS, António - *Historia de la Prevision Social en España. Madrid. 1958, p. 54.*

II

ENQUADRAMENTO RELIGIOSO (O papel das Ordens Mendicantes)

II. Enquadramento religioso: o papel das Ordens Mendicantes.

No início do século XIII, surgiram as Ordens Mendicantes, fundadas por São Francisco de Assis e São Domingos, formados num ambiente de protesto espiritual e popular, provocado pela extrema brandura dos costumes e abusos do poder, que então corroíam o clero secular e as demais ordens. Os dois novos institutos propunham-se reformar profundamente a vida religiosa pelo voto da pobreza e o contacto directo com o povo. Tiveram o papel histórico de elaborar e divulgar a todos os níveis da sociedade, em particular nos meios urbanos, um modo de vida que permitisse a cada cristão viver em conformidade com o evangelho, no seio da Igreja e dentro do mundo.¹²

Com o estabelecimento das ordens mendicantes: a dos Dominicanos, fundada em 1205 por um espanhol, São Domingos, cónego e teólogo, da família fidalga dos Gusman; e a dos Franciscanos, fundada em 1209, por São Francisco de Assis, laico italiano de educação francesa, filho de comerciante rico, rasgaram-se, de súbito, novos rumos e horizontes à Igreja e à Humanidade.

Enquanto os Dominicanos, cujo representante máximo foi São Tomás de Aquino, se conservavam fiéis defensores do princípio da autoridade à custa do espírito de independência, verdadeiros conservadores dentro da escola, os Franciscanos representam o estímulo renovador, a tendência à observação da Natureza e as aspirações à liberdade individual.

São Francisco de Assis teve o imenso mérito de realizar a síntese entre as aspirações, por vezes contraditórias, dos movimentos religiosos que haviam marcado as gerações precedentes e a mais autêntica tradição cristã. E ainda que, sob certos aspectos, a sua mensagem se situe no prolongamento da que transmitiam os movimentos religiosos do século XII, não será possível esquecer que a sua vida foi daqueles acontecimentos que, não sendo inexplicáveis, modificam todavia o curso da História.¹³

Para o monaquismo de reclusão e eremitério, tão característico da época pré-franciscana, a Terra era apenas um lugar de passagem e purificação. A inércia contemplativa e a abstenção ascética levavam à maior perfeição e aproximação dos pecadores de Deus. O ideal

¹² CORTESÃO, Jaime - *História dos Descobrimentos Portugueses*. Lisboa, 1978, Vol. I, p. 63.

¹³ VAUCHEZ, André - *A Espiritualidade da Idade Média Ocidental Séc. VIII - XIII*. Editorial Estampa, Lisboa, , 1995, p. 143.

era a suprema imobilidade e isolamento do cenobita ou do eremita, no refúgio da cela ou do deserto. Este espírito, inibitório do esforço, opunha-se a toda a ideia de expansão.

Sob o ponto de vista institucional, a originalidade fundamental dos Irmãos Menores, nome que tomou, em 1209, a fraternidade fundada por S. Francisco e os seus companheiros, após o seu reconhecimento pelo Papa Inocêncio III, reside na vontade de levar uma vida pobre e errante, a exemplo de Cristo e dos Apóstolos, que se traduziu numa recusa da posse de bens não só pessoais, mas igualmente comunitários. S. Francisco rompia, sem aparato mas em profundidade, o estrito laço então existente entre o estado religioso e a condição senhorial.¹⁴

A São Francisco de Assis, ou melhor, ao franciscanismo, soma das tendências e dos esforços da nova Ordem religiosa, se deve a conciliação entre os dois conceitos - síntese do espírito que dilatou o cristianismo à Natureza e libertou os povos do Ocidente do entrave que os impedia de se alargar sobre o mundo. Assim se compreende que a nova Ordem dos Franciscanos encontrasse desde o começo tão grande favor entre a burguesia e, por forma geral, entre as classes populares, e houvesse de sustentar tão ásperas lutas com o clero secular e as outras ordens.

Alimenta a ambição de se dilatar, rapidamente, a toda a Terra e a toda a Humanidade, muito particularmente aos infiéis. E este é um dos caracteres do franciscanismo que mais nos interessa nas suas relações com os grandes descobrimentos.

São Francisco de Assis é o verdadeiro criador do espírito de missão. Finalmente, São Francisco de Assis e os seus continuadores, aproximam o homem da Divindade e da natureza. Cristo, Deus de bondade é, segundo eles, o irmão dos humildes, sequioso de os proteger e consolar; e a Virgem, de imaculada Conceição, cujo culto difundiram e exaltaram, a Mãe misericordiosa dos homens. Com o culto do Menino Jesus e a liturgia do presépio, que desde a Itália se difundiu por todo o ocidente europeu, o franciscanismo contribuiu para exaltar o amor da criança, como já preparara, com o culto da virgem, a dignificação da mulher.¹⁵

À dignidade do trabalho que o povo então conquistara nas lutas sociais, veio o franciscanismo coroar duma espécie de dignidade religiosa. Ao velho espírito do Antigo

¹⁴ VAUCHEZ, André - *A Espiritualidade da Idade Média Ocidental Séc. VIII - XIII*. Editorial Estampa, Lisboa, , 1995, p. 144.

¹⁵ CORTESÃO, Jaime - *História dos Descobrimentos Portugueses*. Lisboa, 1978, Vol. I, p. 65.

Testamento, que fazia de Deus um patriarca colérico e distante, e do homem, o filho sempre bastardo do pecado original, opunham os franciscanos um deus amorável e enternecido, uma Natureza em cuja formosura se reflectia a imagem divina, do mesmo passo que ascendia o homem à comunicação familiar com a divindade e à fraternidade com o universo. Compreende-se a força, a confiança, o poder criador que os homens haviam de tirar desse estado de espírito, essencialmente formado pelo franciscanismo. O ideal de São Francisco era fundar pelo amor a comunidade de todos os seres da criação. Segundo ele, aves, árvores e estrelas são também irmãos do homem.

Mas o que torna singularmente eficiente a nova ordem, é a comunicação constante com o povo, cujos interesses e aspirações comunga e que inicia nessa particular disposição de alma, nesse mais vasto e enternecido cristianismo, que tão de perto acompanhava as grandes transformações económicas e sociais.

“Por nossa parte, buscámos, mais de uma vez e desde 1932, mostrar quanto o conjunto de certas forças e elementos novos que o franciscanismo trouxe á religião e ao espírito medieval - a dignificação religiosa do homem e da natureza, o proselitismo ardente, dirigido aos infiéis, e a paixão das viagens - representa como factor poderosíssimo da expansão da cristandade. A esse conjunto de novas tendências espirituais chamamos “a mística dos Descobrimentos.”¹⁶

O predomínio dos Franciscanos no mundo religioso dos últimos séculos da Idade Média e a inigualável eficácia do seu apostolado em todas as classes sociais, a coincidência da sua influencia nas artes com a transformação naturalista por eles iniciada na literatura geográfica, o vasto e simultâneo desenvolvimento da sua penetração na Ásia, na África, nos arquipélagos atlânticos e na própria América; e, por fim, o paralelismo da sua expansão com os sucessivos progressos das navegações dos Portugueses e dos castelhanos, convencem-nos de que foram eles os principais criadores da mística dos Descobrimentos. Aproximando o homem da natureza e substituindo um ideal contemplativo e de aspirações extraterrenas por um cristianismo amorável, comunicativo e pragmático, o franciscanismo dissipou a sombra de maldição e terror, que se estendia sobre a parte do mundo desconhecido,

¹⁶ CORTESÃO, Jaime - *História dos Descobrimentos Portugueses*. Lisboa, 1978, Vol. I, p. 66.

das lendas proibitivas do mar Tenebroso, dos monstros fabulosos e das zonas inabitáveis que pesavam sobre a vida e sobre a Terra e abriu caminho à marcha do homem no planeta.

Graças a São Francisco e aos seus colaboradores, o cristianismo revelou, nos últimos séculos da Idade Média, uma vitalidade e um poder de evolução capazes de encaminhar e transcender as transformações económicas e sociais que os povos europeus acabavam de sofrer, dando às suas aspirações utilitárias um prolongamento sublime no mundo dos sentimentos e das ideias.

A utopia franciscana, na sua formula, não tem nada de deslocado, se entendermos por ela não a expressão de um idealismo quimérico, mas antes uma concepção original e coerente da vida, certamente muito difícil de levar à prática, de tal modo se mostrava exigente e, sob certos aspectos, avançada para o seu tempo, mas que no entanto, viria a exercer, durante décadas e até mesmo séculos, um profundo fascínio sobre muitos espíritos.¹⁷

1. Mística, misticismo, surto urbano e mercantil

O marinheiro, era um homem místico por natureza, devido aos riscos que enfrentava, apesar de acostumados às lutas do mar. Contudo sabiam que partiam com vida e podiam não voltar, deixando os seus familiares desamparados. Para um marinheiro embarcado a segurança e disciplina andam de mãos dadas. Neste sentido, revela-se a existência e o desenvolvimento de um apurado espírito associativo entre os marítimos. Ao longo dos últimos séculos, diversas iniciativas individuais foram criando em vários portos, hospitais e estabelecimentos congêneres para o uso das gentes do mar.

Na orla atlântica, na segunda metade da Idade Média, a ajuda entre as gentes do mar beneficia sobretudo da actividade das confrarias, a qual, para além de fixar a ajuda material que de costume já se praticava, visava, antes de mais, trazer uma entreaajuda espiritual àqueles que viviam do mar.

Estas associações, que frequentemente adoptavam um santo patrono ligado às actividades marítimas, desenvolveram, em alguns casos, uma acção relevante. Nesta extensa zona atlântica, a acção das confrarias de mareantes fez-se sentir no socorro a navios em perigo

¹⁷ VAUCHEZ, André - *A Espiritualidade da Idade Média Ocidental Séc. VIII - XIII*. Lisboa 1995, p. 146.

e os náufragos, na busca e enterramento dos seus corpos, na celebração de missas confraternais, auxiliando viúvas e órfãos e dando esmola aos confrades mais pobres, retidos em terra. A criação de um forte espírito de grupo é, sem dúvida, um dos principais objectivos das confrarias a que os homens do mar aderem fervorosamente.

Ao mesmo tempo, e decerto integrado nessa nova religiosidade, está o culto dos santos, em expansão nos portos da Europa desde meados do século XIV, cujas virtudes inspiravam uma prática de vida irrepreensível.

Se os frades mendicantes, através da pregação e acção catequética, tiveram a maior importância no incremento destas novas práticas religiosas, as confrarias, por seu turno, “exerciam uma função consolidadora e de enraizamento do espírito que animava essas duas ordens,”¹⁸ promovendo a piedade cristã e a caridade entre as populações sobre as quais exerciam a sua influência.

A mística, o misticismo e o surto urbano e mercantil estão directamente relacionados com as ordens mendicantes e a burguesia mercantil. Por seu lado, a mística dos descobrimentos, de que tratou Jaime Cortesão, está presente no franciscanismo. Esta ordem mendicante promoveu o culto do Espírito Santo, contudo é provável que o culto do Corpo Santo esteja também ele directamente relacionado com os dominicanos.

Nesse sentido, a actividade dos leigos, reunidos em confrarias e participando activamente na vida eclesiástica, tornou-se um precioso auxiliar destas Ordens, estimulando a participação de um número cada vez mais importante de cristãos à prática frequente de diversas actividades religiosas.

A actuação religiosa destas associações, dirigindo-se essencialmente para o conforto espiritual dos seus membros, tinha como objectivos principais a promoção do culto do seu patrono celeste e, em muitos casos, a participação da confraria num ou mais actos religiosos.

Uma vez que, na sua maioria, não possuíam templo próprio, as confrarias acolhiam-se às igrejas da paróquias onde estavam situadas. Nessas igrejas possuíam, quase sempre, capela privativa em que se venerava a imagem do orago.

¹⁸ MARQUES, José - Os pergaminhos da confraria de S. João do Souto da Cidade de Braga (1186-1545), sep. De “Bracara Augusta”, Vol. 36, Braga, 1982, p. 11.

2. O Culto de S. Telmo e as suas prováveis relações com a Galiza

Duma forma geral, nas povoações da costa portuguesa ter-se-á passado, subitamente, da pesca à cabotagem mercantil, uma vez que de início se tratou mais de um facto de segurança que dum interesse comercial. O homem criado na escola do mar, ensaiou nas labutas da pesca novas rotas. Desde muito cedo, os pescadores mostraram-se aptos para mais amplas actividades, e, no século XII e desde antes, já iam do Porto pescar às costas da Galiza e da Pederneira às do Algarve, desde a conquista (1249) do Algarve.¹⁹

As póvoas marítimas integram-se nessa mesma política de povoamento e protecção às actividades que vão da pesca, extracção do sal, à construção naval e ao comércio. D. Dinis teve uma acção notável de Caminha à costa Algarvia. Destas acções resultou, também desde cedo, o desenvolvimento e fortalecimento de uma frota de pesca e comércio e de uma frota militar, das quais os monarcas se socorreram com frequência. Como consequência, o aparecimento de uma marinhagem e de um corpo de mestres de naus e oficiais de comando, que os mesmos monarcas foram privilegiando e notabilizando sob uma directa protecção, isentando-os das alçadas concelhias e senhoriais e outorgando-lhes, muitas vezes, foro próprio, para entre si dirimirem seus pleitos e contendas.²⁰

Um outro aspecto do relacionamento entre o Porto e a Galiza, diz respeito ao intercâmbio de populações. Sabe-se que as gentes galegas procuravam trabalho a Sul do rio Minho, e, no Porto, é evidente a sua presença. Não só pescadores e mestres de embarcações, que abasteciam a cidade de peixe, (é sabido quão importante foi a cooperação galega neste domínio, especialmente no respeitante à sardinha), mas também aqueles que vinham e permaneciam.

Encontramo-los na actividade comercial, na indústria, mas também os vemos em labor de razoável cotação social e económica: dois dos nove pilotos que prestavam serviço na barra do Douro, em 1584, eram oriundos da Galiza e um Feitor da Alfândega, assinalado em 1598, também daí era natural. Por outro lado, o vinho do Douro era exportado para a Galiza.

¹⁹ CORTESÃO, Jaime - *Os Factores Democráticos na Formação de Portugal*. Livros Horizonte, Lisboa, p.81.

²⁰ AURÉLIO, Oliveira; CRUZ, Maria Augusta Lima; GUERREIRO, Inácio; DOMINGUES, Francisco Contento - *História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa*. Universidade Aberta, Lisboa, 1990, p. 36, 37.

Um outro aspecto interessante no intercâmbio entre o Porto e a Galiza, está no facto, de os mercadores do Porto se socorrerem de barcos galegos para o transporte de vinhos para Lisboa:

“A multiplicidade de locais de matrícula dos barcos sugere-nos, uma vez mais, quão plurifacetado seria o relacionamento económico entre o litoral lusitano e a Galiza”.²¹

Paralelamente, a costa marítima e os troços fluviais, vocacionaram outros centros para o trato de outros produtos. A penetração propiciada pelos rios Minho, Lima, Cávado, Ave, Douro e Vouga, pondo as povoações ribeirinhas em dupla confluência dos caminhos fluviais, marítimos e terrestres, veio a favorecê-los, mas desta feita modelando mais a natureza dos produtos trocados: sal, pescado, madeiras e outros produtos.

A conjuntura política, decorrente da união das Coroas, favoreceu e dinamizou o intercâmbio económico, aproveitando as potencialidades de complementaridade. Contudo, as relações mercantis são anteriores à união ibérica.²²

Durante a segunda metade do século XVII, há alterações significativas neste trato. O Porto assume uma posição de destaque, canalizando para si a esmagadora maioria do comércio com as nações do Norte. Podemos referir, no século XVII, sobretudo, Viana, Ponte de Lima, Caminha, Azurara - Vila do Conde, Póvoa de Varzim, Esposende e Porto. A mudança está confirmada no primeiro triénio do século XVIII. O trato costeiro com a Galiza e mesmo com algumas terras do interior, veio acompanhar esta evolução geral.²³

A pesca, a cabotagem mercantil e as viagens de longo curso, criaram nos mareantes e pescadores um espírito de coesão e solidariedade únicos, uma vez que esta classe, frente aos perigos do mar, estava entregue a si mesma e a Deus, contava principalmente com o auxílio dos seus santos patronos, criando um mundo místico e muito característico dos mareantes e pescadores. Procuraram também organizar-se, sendo as povoações marítimas um reflexo dessa tentativa. Contudo, são as confrarias dos mareantes e pescadores que evidenciam

²¹ SILVA, Francisco Ribeiro da - *Porto, Noroeste de Portugal e Galiza: Achegas para o Estudo dos Intercâmbios e Influências (1580-1640)*. Separata do Boletim Cultural da C.M.P., 2.ª Série, vol. 3 / 4 - 1985/86, p. 188.

²² SILVA, Francisco Ribeiro da - *Porto, Noroeste de Portugal e Galiza: Achegas para o Estudo dos Intercâmbios e Influências (1580-1640)*. Separata do Boletim Cultural da C.M.P., 2.ª Série, vol. 3 / 4 - 1985/86, p.185.

²³ OLIVEIRA, Aurélio de; GARCIA LOMBARDEIRO, Jaime - “Alguns dados em torno das relações económicas entre o Porto e a Galiza na Época Moderna” - Sec. XVII, XVIII. In «Revista de História», Vol. II, Porto, 1979, pp 119-147.

esta organização, com o objectivo de fazerem face aos infortúnios da vida de marinheiro, deixando amparados a mulher e os filhos.

3. Influência Galega?

Desde os lugares mais próximos de Tuy, no Sul da Galiza e no Norte de Portugal, a devoção ao «Corpo Santo» estender-se-ia progressivamente, por toda a costa portuguesa, ao calor da protecção que os marinheiros sentiam nos momentos de perigo. Não é estranho que o nome do seu patrono, «O Corpo Santo», titule as confrarias de mareantes.²⁴

Com efeito, percorrendo as costas portuguesas apreciaremos diversas representações deste Santo, vinculado a devoções dos mareantes e pescadores. As capelas do litoral estavam dedicadas à devoção de «O Corpo Santo», sendo Leça da Palmeira uma dessas capelas. Também algumas confrarias de mareantes conservam, todavia, o título do dito Santo, como sucede na igreja das Almas do Corpo Santo de Massarelos.

Nas costas galegas, vêm-se imagens e capelas erigidas em honra de São Pedro Gonçalves que o mesmo sucede em todo o reino de Portugal, cujos naturais são sumamente devotos do Santo Frei Pedro Gonçalves, cuja protecção experimentaram, e experimentam cada dia. Além do mais, diz-se que uma série de navegantes, pilotos e capitães vizinhos da Vila de Viana, deste tempo, conjuraram os perigos do mar, invocando o dito Santo.

O patrono preferido pelos navegantes portugueses é «O Corpo Santo» que se apresentava com hábito branco e manto negro, próprio dos frades dominicanos, cujos conventos se haviam estabelecido em muitas povoações portuguesas desde o século XIII. Acresce que a sua efigie era representada com um círio triplo numa mão e um barco na outra, simbolizando a protecção que exercia sobre os navegantes e pescadores. Uma série de milagres à gentes do mar vão difundir a devoção ao Santo, cujo «Corpo Santo» veneravam na Catedral de Tuy. Podemos inferir que o culto se expandiu desde as costas da Galiza, em direcção aos

²⁴ Sobre esta precoce relação e contactos como das principais fases ou etapas desta articulação do Noroeste com a Galiza ver: OLIVEIRA, Aurélio - *Do Porto a Pontevedra Os Tratos Marítimos no Noroeste Peninsular Séc. XII - XVII*. Pontevedra, 2001. ANDRÉS ORDAX, Salvador - *Un Patrono para los Navegantes Portugueses: «O Corpo Santo»*. Tomo V (El Área Atlántica. Portugal y Flandres) In *Las Sociedades Ibéricas y el Mar a Finlaes del Siglo XVI*, Universidad de Valladolid, p. 128.

núcleos piscatórios da costa portuguesa, dada a intensidade dos contactos e a existência de colónias de pescadores e marítimos, quer galegos em Portugal, quer portugueses na Galiza.²⁵

São Pedro Gonçalves, que nasceu no ano de 1185, na povoação palentina de Frómista, ingressou no convento Dominicano acabado de fundar, por Santo Domingo de Guzmán, em Palencia. Porém, a etapa mais fecunda seria a percorrida na Galiza, sobretudo em Bayona e Tuy, sendo esta cidade episcopal.

São Pedro Gonçalves faleceu no ano de 1246, e foi sepultado na Catedral de Tuy, na orla do rio Minho. Pregou aos mareantes e pescadores em meados do século XIII, realizando certos prodígios que evitaram tragédias, até se converter em protector dos homens do mar.²⁶

A formalização da sua canonização oficial é já fruto das devoções, que culminam no século XVI, em grande parte relacionadas com sua protecção aos marinheiros e com a defesa da sua memória por parte da diocese de Tuy e Braga, assim como por parte de seus companheiros da Ordem dos Dominicanos.

O Reino de Portugal esmerou-se em alargar o culto do Santo, como meio de procurar a sua Canonização. Com este fim, fez o Arcebispo de Lisboa uma representação ao Papa em 1592, Assim como a Cidade de Braga, em 1608. Escreveu o Rei D. Filipe II (III de Espanha) ao Pontífice, sobre a mesma instância, nos dois anos seguintes.

Finalmente, obteve-se em 13 de Janeiro de 1741, um decreto do Papa Urbano VIII, pelo qual se aprovava a existência de um culto imemorial, como Beato, a favor do dominicano Frei Pedro Gonçalves.²⁷

Assim, como “Pedro Gonçalves Telmo”, é conhecido em algumas obras. E também somente como “São Elmo”, ainda que coincida o nome com o de São Erasmo (Ermo ou Telmo), o Santo Bispo, que desde seu Santuário de Gaeta (Itália), protegia os navegantes do Mediterrâneo.

²⁵ OLIVEIRA, Aurélio - *Do Porto a Pontevedra Os Tratos Marítimos no Noroeste Peninsular Séc. XII - XVII*. Pontevedra, 2001.

²⁶ ANDRÉS ORDAX, Salvador - *Un Patrono para los Navegantes Portugueses: «O Corpo Santo»*. Tomo V (El Área Atlántica. Portugal y Flandres) In *Las Sociedades Ibéricas y el Mar a Finlaes del Siglo XVI*, Universidad de Valladolid, p. 130

²⁷ ANDRÉS ORDAX, Salvador - *Un Patrono para los Navegantes Portugueses: «O Corpo Santo»*. Tomo V (El Área Atlántica. Portugal y Flandres) In *Las Sociedades Ibéricas y el Mar a Finlaes del Siglo XVI*, Universidad de Valladolid, p. 132

Segundo Andrés Ordax não se tem conhecimento do momento, em que se incorpora o apelido de Telmo e, que bem podia ter sido conhecida a devoção a São Erasmo (Ermo ou Telmo) através de marinheiros italianos, nome que passaria a chamar-se ao patrono dos navegantes da Galiza e de Portugal, assim como dos ambientes dominicanos. Os dominicanos foram, logicamente, um agente impulsionador da devoção e das imagens de São Pedro Gonçalves. Assim sendo, o «Corpo Santo», o dominicano Pedro Gonçalves, chamado também Telmo, é o patrono dos navegantes sobretudo no Sul Peninsular hispânico,²⁸ na Galiza, costa de Portugal, e terras ultramarinas.

A iconografia e a arquitectura da arte portuguesa manterão até ao século XVIII, com expressão, a memória deste patrono dos mareantes e pescadores, que se consolidou²⁹ em fins do século XVI³⁰ em Portugal.

²⁸ Temos quatro confrarias-grémios maiorquinas: a de S. Pedro, de Pescadores de Palma de Maiorca; a de San Telmo, de mareantes da mesma cidade; a de San Pedro, de pescadores de Andrix, Sóller, Alcúdia y Falanitx, e a de San Pedro, de Pescadores de Banalbufar. RUMEU DE ARMAS, António - *Historia de La Prevision Social en España*. Madrid. 1958, p. 384.

²⁹ Possivelmente desde muito antes. Algumas confrarias do séc. XIV-XV, referem, à data do primeiro documento que as atesta, a sua antiguidade da sua fundação.

³⁰ ANDRÉS ORDAX, Salvador - *Un Patrono para los Navegantes Portugueses: «O Corpo Santo»*. Tomo V (El Área Atlántica. Portugal y Flandres) In *Las Sociedades Ibéricas y el Mar a Finlaes del Siglo XVI*, Universidad de Valladolid, p. 13.

III

AS CONFRARIAS DE MAREANTES E PESCADORES (SÉC. XIII A XVIII)

III. As confrarias de mareantes e pescadores dos séculos XIII a XVIII.

As confrarias de mareantes, isto é, de marinheiros, pescadores e actividades relacionadas com o mar, foram provavelmente as confrarias profissionais mais antigas da Península Ibérica. Estavam já organizadas e constituídas no século XII em toda a costa Cantábrica, de «Bayona a Bayona» (a de França e a da Galiza), como se expressavam alguns documentos medievais.³¹ Contudo, a importância destas confrarias acresce, extraordinariamente, em comparação com a dos ofícios, porque a sua vida não se circunscreveu ao puramente profissional ou técnico.

As origens da Marinha de guerra, na Corunha de Castela, estiveram unidas de tal maneira às confrarias de marinheiros que formam uma mesma e comum história. Os navios cantábricos, os pilotos e marinheiros do Norte, avezados em audazes empresas, formaram o primeiro plantel de barcos e marujos espanhóis. E não houve empresa guerreira na Idade Média, em que as confrarias, e suas naves, não se cobriram de glória, derramando seu esforço e seu sangue pela grandeza da pátria.

Foi o imperador Afonso VII quem, precisamente, se mostrou mais duvidoso para com as confrarias de mareantes, e ao calor destas franquias e privilégios, foram-se criando laços de amizade e companheirismo entre umas e outras confrarias, até ao ponto de notar-se indícios de Irmandade e união.

Em Portugal, permaneceram as confrarias de mareantes, limitadas em cada porto ao regime interior, à ordem e administração das operações de pesca, carga e descarga, vigias, e ao auxilio mútuo dos impedidos e necessitados.

Para fins da Idade Média e depois no decurso dos tempos Modernos, muitos centros portuários fluviais vão entrar em decadência, devido ao assoreamento dos rios.³² O apagamento de portos fluviais favorecem o aparecimento de centros não atingidos por portos de mar.³³

³¹ RUMEU DE ARMAS, António - *Historia de la Prevision Social en España*. Madrid, 1958, pp. 138-139.

³² CORTESÃO, Jaime - *Os Factores Democráticos na Formação de Portugal*. Livros Horizonte, Lisboa, p. 59.

³³ Principiando de Norte para Sul, podem contar-se desde estes tempos uns 43 portos e surgidouros marítimos: Minho: Caminha* - Viana* - Espozende e Fão; Douro: Póvoa de Varzim - Vila do Conde* - Porto* - Ovar - Aveiro* Figueira da Foz e Buarcos* - Lávos; Estremadura (ao Norte do Tejo): Vieira - Pataias - Nazaré - Pederneira - S. Martinho do Porto - Salir do Porto - Peniche - Ericeira - Cascais* - Lisboa; Estremadura (ao Sul do Tejo): Sesimbra - Setúbal* - Comporta - Sines; Alentejo: Vila Nova de Mil Fontes; Algarve: Odesseixe - Arrifana - Villa do Bispo - Atalaia - Lagos* - Alvôr - Vila Nova de Portimão* - Ferragudo - Pêra - Albufeira - Quarteira - Faro* - Olhão* - Fozeta - Tavira - Cacela - Villa Real de Santo António* - Castro Marim. (Os que levam asterisco, são os de maior tráfego marítimo). - LEAL, Pinho, *Portugal Antigo e Moderno. Diccionario Geographico, Estatístico, Chorographico, Heraldico, Archeologico*,

Em Portugal, a proximidade ao mar das capitais ou centros directivos (Lisboa e Porto), fez com que os reis vigiassem mais de perto as actividades marítimas dos seus súbditos, controlando seus conatos de independência e organizando a esquadra de maneira mais centralizada.

1. As Confrarias de mareantes e pescadores em Portugal Continental e Ilhas

As confrarias de mareantes estender-se-ão, ao longo da costa portuguesa, por todas as cidades, aldeias e vilas de marinheiros e pescadores. De muitas, não nos terá ficado notícia. As que nos foi possível rastrear, são nomeadas em documentos normalmente mais tardios, que elas nos dão a primeira conta. Registe-se na verdade, que em algumas localidades, esses anos são muito tardios em relação ao provável início das actividades da pesca e, até, do trato marítimo e das próprias populações desse porto. Consta que na Época Moderna existiam as seguintes confrarias:

Aveiro:

CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DE SÁ DA VILA DE AVEIRO, sita na Igreja do Lugar de Sá, em 1200-1855.³⁴

Desde tempos remotos, a situação geográfica da Vila de Aveiro permitiu-lhe dedicar-se ao comércio de exportação e importação, utilizando os seus navios com as respectivas tripulações: os mestres, os pilotos e os marinheiros.

Nesta localidade, a pesca era um dos principais recursos dos seus habitantes. Os pescadores exerciam a sua actividade quer nos grandes canais do salgado, quer no oceano, na pesca costeira, para o que as barcas saíam pela foz. Esta pesca abrangia principalmente a sardinha.

Em virtude dos progressos da navegação marítima, no principio do século XVI, os pescadores de Aveiro e Viana da Foz do Lima iniciaram-se na pesca do bacalhau nos bancos da Terra Nova. Os navios destinados à pesca do bacalhau na Terra Nova eram do tipo

Historico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal, Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 18 80, Vol. 7, pp. 587 e 588.

³⁴ NEVES, Francisco Ferreira - *A Confraria dos Pescadores e Mareantes de Aveiro (1200 - 1855)*. Separata do Vol. XXXIX do Arquivo do Distrito de Aveiro, Aveiro, 1973.

caravela, sendo abastecidos pelos seus proprietários. As pescarias revelaram-se muito úteis e lucrativas, pelo que o porto de Aveiro, na centúria de quinhentos, tornou-se muito importante, o que lhe permitiu progredir e enriquecer.

Grande parte dos pescadores e mareantes vivia num subúrbio desta Vila, ou arrabalde, que veio a chamar-se Vila Nova. No século XIII, os pescadores e mareantes da Vila, vivendo em abundância, fundaram então a Confraria de Nossa Senhora de Sá, com sede na pequena igreja do Lugar de Sá, limítrofe da Vila de Aveiro.

A confraria realizava obras pias e de caridade, e entre estas estava a manutenção de um hospital em Aveiro. Este hospital durou cerca de duzentos anos e veio a ter junto uma capela da invocação de Nossa Senhora da Graça.

A confraria de Nossa Senhora de Sá tinha o seu juiz e o seu mordomo, escolhidos entre os confrades, não podendo, nos actos de administração que ela efectuava, intervir o Ordinário eclesiástico.

Porto:

A CONFRARIA DE N.ª S.ª DA BOA NOVA, sita na Igreja de S. Nicolau, em 1247.³⁵

Nossa Senhora da Boa Nova era padroeira dos homens do comércio, mareantes e negociantes no mar da cidade do Porto. É muito provável que a devoção destes homens já existisse na pequena ermida de S. Nicolau, da Rua da Reboleira, que, até 1247, serviu de oratório do hospital de Santa Catarina.

Porto e Aveiro, precisamente, onde se registaram as mais antigas e intensas relações com a vizinha Galiza, com as respectivas colónias instaladas.

Tavira:

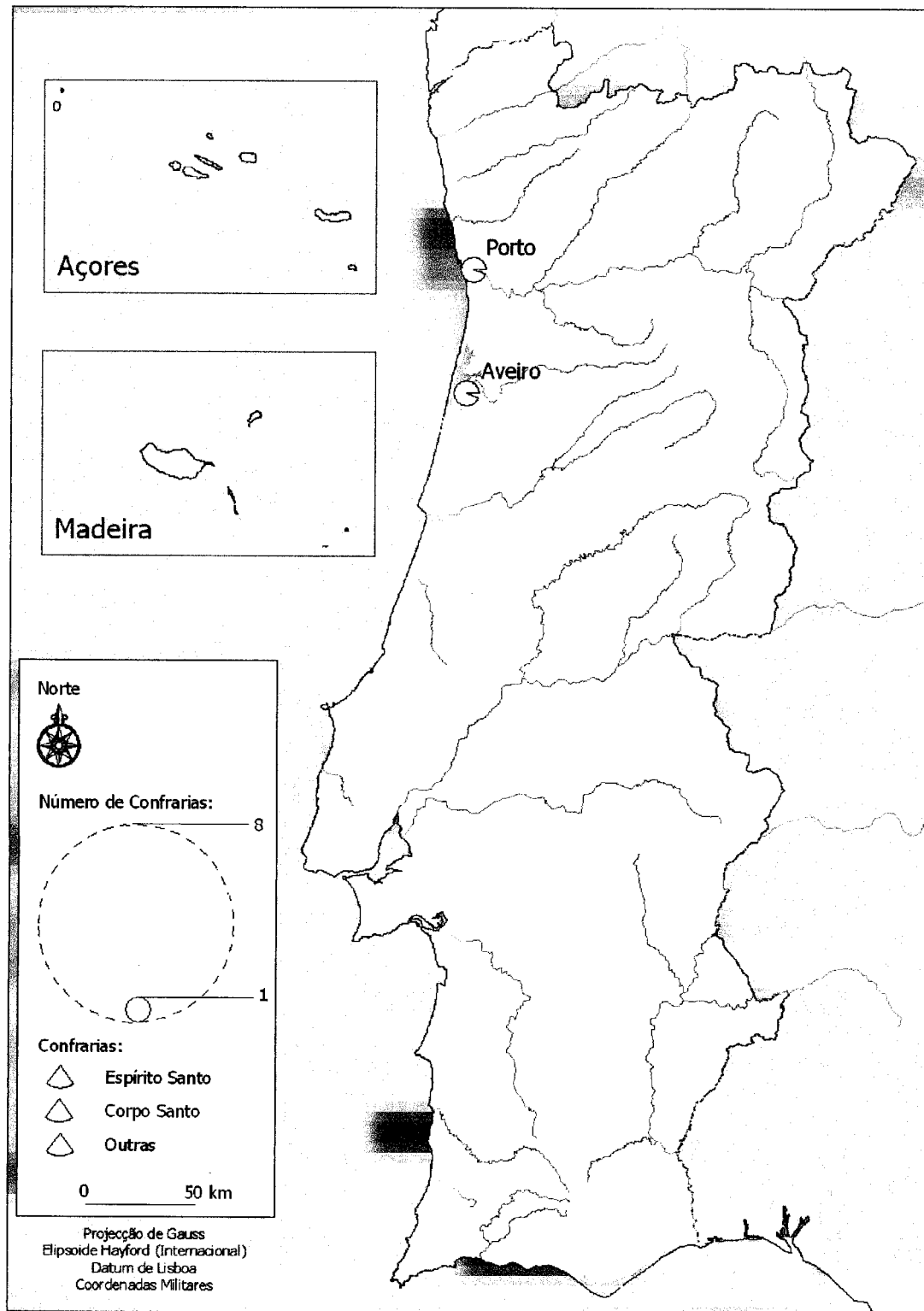
A CONFRARIA DO CORPO SANTO DOS MAREANTES DA CIDADE TAVIRA, outra das mais antigas do Algarve erecta na Igreja de N.ª S.ª das Ondas ou Igreja do Corpo Santo, em 1382.³⁶

Ficou a cargo desta corporação o reparo e conservação da igreja. Possuíam os mareantes sacristão e capelão, e todos os anos sufragavam as almas dos fiéis defuntos,

³⁵ LANHOSO, Adriano Coutinho - "Nossa Senhora Protectora dos Mareantes do Velho Burgo do Porto." Boletim Cultural da C. M. do Porto, Vol. XXIX, 1966, pp. 109-112.

³⁶ IRIA, Alberto - *Descobrimientos Portugueses*. INIC, Lisboa, 1988, Vol. II, Tomo I, p. 34; LEAL, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno. Diccionario Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal*. Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1880, Vol. IX, pág. 506.

As Confrarias em Portugal no XIII



Fonte: Entre outros:

LEAL, Pinho, *Portugal Antigo e Moderno. Dicionário Geographico. ...*, Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira e Cardosos, 1882, vol. I-X.

SILVA, Andrade, *Collecção Chronológica da Legislação portugueza: Compilada e Anotada 1603-1702*, Lisboa, Imprensa de J. J. A. Silva, 1854.

IRIA, Alberto, *Descobrimientos Portugueses*, Lisboa, 1988, vol. II, tomo I.

OLIVEIRA, Eduardo, *Elementos para a História do Município de Lisboa*, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa, 1882, tomo I-XVII.

Carta Administrativa de Portugal (Atlas do Ambiente), escala 1:250.000, Direcção Geral do Ambiente, 1994.



fac. letras univ. porto
serv. doc. informação
cartografia 2002

além de lhes competir prestar auxílio pecuniário à Confraria do Santíssimo Sacramento, na Matriz de Santa Maria. A eleição dos corpos gerentes era feita antes de principiar a festa em honra de S. Pedro Gonçalves Telmo, o santo padroeiro, bem como em louvor de N.^a S.^a das Ondas e de N.^a S.^a da Graça, sendo a Mesa Constituída pelo juiz, pelo escrivão e pelo tesoureiro. Eram eleitores todos os mestres dos barcos e as eleições faziam-se na igreja, possivelmente, na Igreja do Corpo Santo ou de N.^a S.^a das Ondas.

Havia, por essa época, no cartório da corporação, inventários de móveis, de bens e rendimentos, de livros, papéis, escrituras, títulos, sentenças e ainda inventários de todos os paramentos, vasos sagrados e alfaías religiosas. Na Igreja de N.^a S.^a das Ondas, conserva-se o estandarte da Associação dos Mareantes, sumptuosa peça de malha de ouro vermelha, bordada a fio de ouro, prata e lantejolas.

Pagavam os mareantes o que correspondia a um companheiro. Todavia, os mestres das artes de arrastar ou chávégas contribuíam com uma parte correspondente a dois homens, visto não darem parte do terço que pertencia aos donos das embarcações.

No entanto, os mestres das embarcações, cujos donos não eram marítimos ou não residiam em Tavira, contribuíam também com a parte correspondente a um homem.

Os calafates ou carpinteiros da ribeira pagavam 2\$440 reis anuais, desde que pertencessem à corporação, tal como os marítimos aposentados.

Os que se entregassem às especulações do negócio marítimo, pagavam 5% dos seus interesses, tal como os sócios marítimos, mandadores, perguiceiros e escrivães das armações de atum - as antigas almadravas - desde que, tendo abandonado as lides do mar, a pesca ou o navego, estivessem impossibilitados de as exercer.

A nível da assistência médica, além do médico possuíam também cirurgião, sangrador e boticário. Usufruía de todas as regalias do Compromisso as filhas dos marítimos, enquanto solteiras e desde que casassem com homens do mar. D. João I concedeu privilégio aos homens do mar, em 1382, para poderem vender o pescado onde e a quem quisessem, tanto em Portugal como em Castela. Os mareantes de Tavira iam sempre, nas procissões no lado direito, com seus ofícios e cera da sua Confraria do Corpo Santo, enquanto os lavradores iam sempre do lado esquerdo. Este privilégio foi concedido por D. João III, tal como o havia ordenado D. Manuel I. Os mareantes da cidade, para se socorrerem mutuamente, estabeleceram o Hospital do Corpo Santo com uma confraria, à

qual D. Manuel I, concedeu em 10 de Fevereiro de 1497, o privilégio de eleger entre si, todos os anos, um juiz para administrar o hospital.

A Confraria do Corpo Santo possui um estandarte de seda, bordado a ouro, tendo ao centro o Escudo Real de D. João V (o qual escapou à pilhagem dos invasores franceses em 1808), uma caravela de velas redondas em filigrana, com cerca de duzentos anos e em mau estado de conservação, além de outros objectos de prata. As pinturas do tecto na Igreja de N.^a S.^a das Ondas, que foram executadas em 1798, representam a imagem de S. Pedro Gonçalves Telmo. No altar mór está a imagem de S. Pedro Gonçalves Telmo, com uma embarcação de vela na mão esquerda.

FARO:

A CONFRARIA DO CORPO SANTO DOS MAREANTES DE FARO, uma das mais antigas que temos, sita na Actual Casa dos Pescadores, 1392.³⁷

Nesta cidade, antiga sede desta corporação marítima, este edifício foi construído pelos próprios mareantes no século XVIII e é actualmente a Casa dos Pescadores. No tecto da sua antiga sala de despacho, pode ver-se S. Pedro Gonçalves Telmo, protector dos mareantes e pescadores, pintado a óleo. No tecto de uma outra sala vê-se, também em pintura a óleo, o escudo real seguido da legenda: *A.S.M.C.M.*, que significa: Associação Socorros Mútuos do Compromisso Marítimo e, ainda, a representação de um navio.

Os privilégios e documentos mais antigos do Compromisso de Faro, remontam a 1392, e estão registados num códice dos finais do século XVII.

Porto:

A CONFRARIA DAS ALMAS DO CORPO SANTO DE MASSARELOS (S. PEDRO GONÇALVES TELMO), sita na Ermida do Corpo Santo, em 1394.³⁸

Os documentos do auto da fundação da Confraria das Almas do Corpo Santo, que se guardam no tombo, descrevem-nos que o primitivo templo era uma pequena e humilde ermida que fora construída no ano de 1394, à custa das esmolas dos marinheiros devotos, recolhidas nas caixinhas que, junto da imagem do santo, todos os navios traziam.

³⁷ IRIA, Alberto - *Descobrimientos Portugueses*. INIC, Lisboa, 1988, Vol. II, Tomo I, p. 49. COSTA, Américo - *Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular*. Porto, Vol. VI, p. 604.

³⁸ Arquivo Paroquial de Massarelos - Tombo n. 1, fol. n.º 1.

A CONFRARIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO E ALMAS, sita na Capela de Santa Catarina, Lordelo do Ouro / Porto em 1395.³⁹

Os marinheiros moradores em Lordelo do Ouro na cidade do Porto, pediram ao Rei para fazer uma capela num pardieiro junto ao rio Douro:

“E que por quanto em a mayor parte dos bôos portos de mar se acostumava d’aver Igreja de Sancta catelina e a nom avya no porto da dicta Cidade se nossa merçee fosse elles mandaryam fazer no dicto pardeheiro hua Igreja de Sancta Catherina... E mandamos que os dictos marinheiros possam en elle fazer a dicta Igreja sem outro embargo nenhuu.”⁴⁰

A ermida, que foi erguida por marinheiros portuenses no século XV, em honra e louvor de Santa Catarina, ficava na margem direita do rio Douro, frente ao mar e próxima da Ribeira do Ouro, onde se equipavam embarcações de alto bordo superiores ao melhor que se aparelhava nos portos estrangeiros.

CONFRARIA E HOSPITAL DO ESPÍRITO SANTO, erecta na Capela do Espírito Santo de Miragaia em 1405.⁴¹

A Confraria do Espírito Santo de S. Pedro de Miragaia, constituía um compromisso das gentes do mar, e além da vertente religiosa e assistencial, também promoviam o espírito de grupo entre os seus membros, estavam estes objectivos consignados no respectivo compromisso.

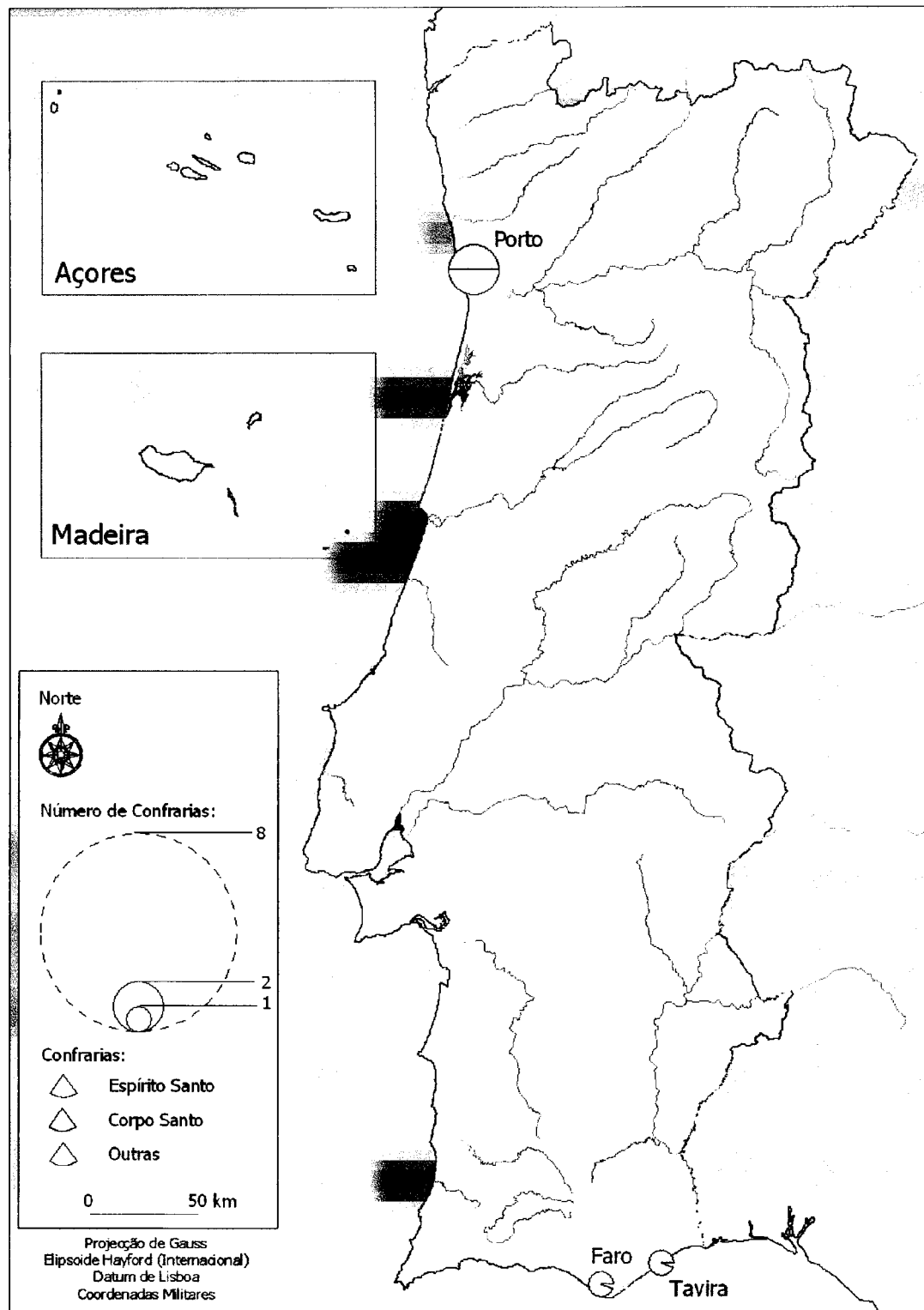
O Hospital do Espírito Santo de Miragaia, fundado em 1405, e cuja dotação inicial deveu-se a três abastadas viúvas portuenses. Foram também elas que doaram o terreno, onde o hospital foi construído como era seu desejo. A ajuda prestada pela Confraria e o Hospital do Espírito Santo não se limitava apenas ao acolhimento dos confrades ou de seus familiares, mas também acolhiam caminhanes e peregrinos, a quem fornecia abrigo de três dias.

³⁹ LANHOSO, Adriano Coutinho - “Nossa Senhora Protectora dos Mareantes do Velho Burgo do Porto.” Boletim Cultural da C. M. do Porto, Vol. XXIX, 1966, pp. 76-79.

⁴⁰ D. João I fez aos marinheiros do Porto a graça dessa doação em 8 de Outubro de 1395.

⁴¹ BARROS, Amândio Jorge Morais - *A Confraria de S. Pedro de Miragaia do Porto no Século XV*. (Dissertação de Mestrado em História Medieval), FLUP, Porto, 1991, p. 32.

As Confrarias em Portugal no XIV



Fonte: Entre outros:

LEAL, Pinho, *Portugal Antigo e Moderno. Dicionário Geographico. ...*, Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira e Cardosos, 1882, vol. I-X.

SILVA, Andrade, *Collecção Chronológica da Legislação portugueza: Compilada e Anotada 1603-1702*, Lisboa, Imprensa de J. J. A. Silva, 1854.

IRIA, Alberto, *Descobrimientos Portugueses*, Lisboa, 1988, vol. II, tomo I.

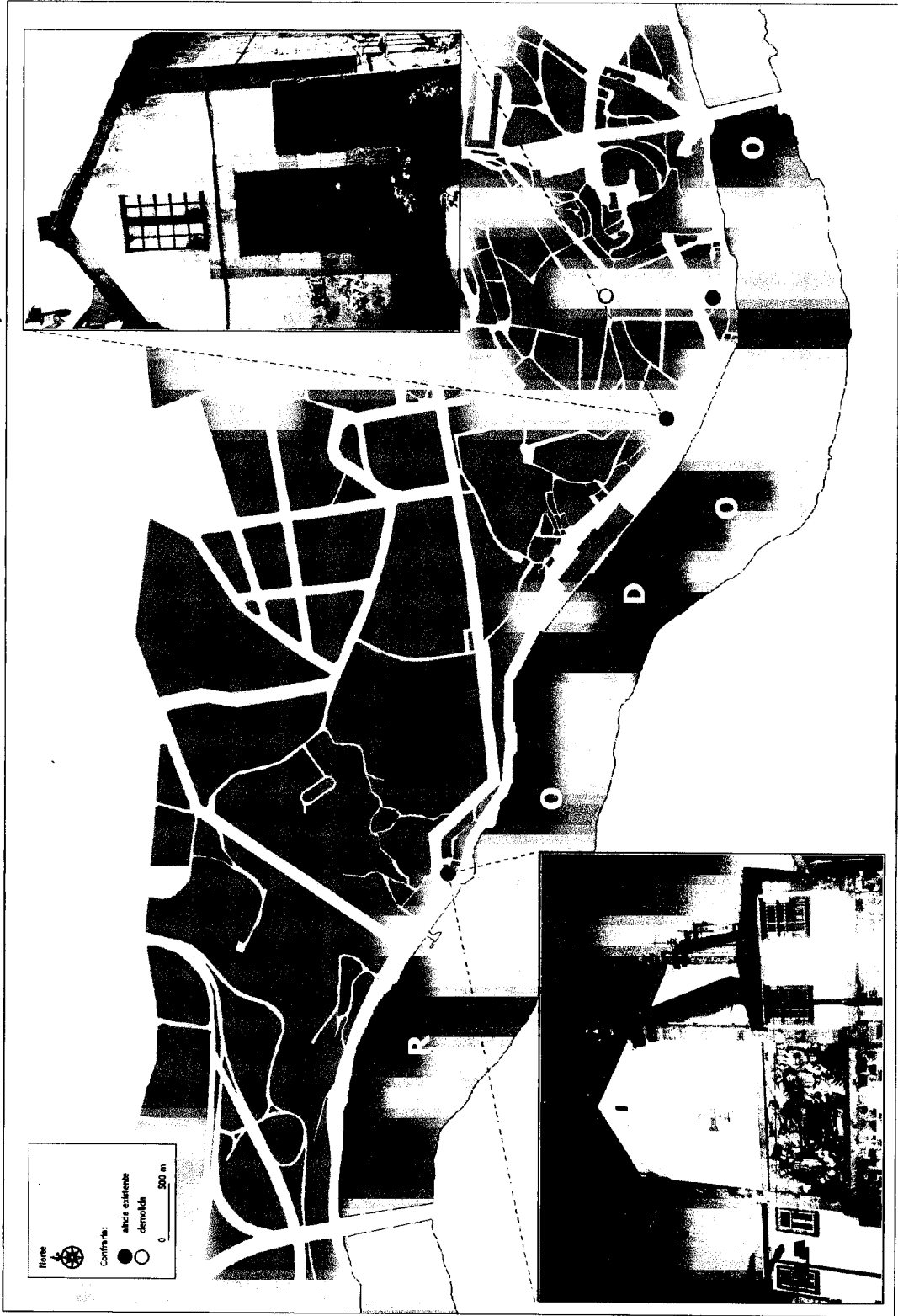
OLIVEIRA, Eduardo, *Elementos para a História do Município de Lisboa*, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa, 1882, tomo I-XVII.

Carta Administrativa de Portugal (Atlas do Ambiente), escala 1:250.000, Direcção Geral do Ambiente, 1994.



fac letras univ porto
serv. doc. informação
cartografia 2002

As Confrarias e Irmandades dos mareantes e pescadores na cidade do Porto



Lagos:

A CONFRARIA DO CORPO SANTO DOS MAREANTES DE LAGOS, sita na Igreja do Corpo Santo em 1412.⁴²

Tavira:

A CONFRARIA DE SANTA MARIA E HOSPITAL DO ESPÍRITO SANTO DE TAVIRA, em 1442.⁴³

O Hospital do Espírito Santo, foi fundado em 1442, pela confraria de Santa Maria, com a invocação do Espírito Santo. Teve grandes privilégios, concedidos por D. Afonso V, em 16 de Fevereiro de 1450, confirmados e ampliados pelo mesmo soberano, em 3 de Janeiro de 1480, e por D. João II, em 10 de Fevereiro de 1487.

Vinham a este Hospital tratar-se muitos doentes de varias partes do Algarve e das nossas possessões africanas, pelo que o rei D. Manuel atribuiu ao Hospital um por cento de todo o rendimento do almoxarifado da alfândega desta cidade, por Alvará de 9 de Março de 1508; por cujo rendimento se lhe deu 25\$300 reis, por provisão de 22 de agosto de 1511. Dom João III, confirmou-lhe ainda vários privilégios, por Alvará de 28 de Agosto de 1530. Vários legados, aumentaram, ainda, as rendas deste hospital.

Setúbal:

A CONFRARIA DO CORPO SANTO (S. PEDRO GONÇALVES TELMO), sita em Setúbal, no ano de 1444.⁴⁴

Esteve aqui edificada a antiquíssima confraria dos navegantes e pescadores de Setúbal, cujo padroeiro e advogado dos mareantes é S. Pedro Gonçalves Telmo, ao qual aqui davam a invocação do Corpo Santo, e a que os marinheiros dão o nome de Santelmo. Nas procissões a irmandade do Corpo Santo tinha o privilegio de ir com a sua cruz, no lugar

⁴² IRIA, Alberto - *Descobrimientos Portugueses*. INIC, Lisboa, 1988, Vol. II, Tomo I, p. 76. RIBEIRO, Victor - *História da Beneficência Pública em Portugal*. Coimbra, 1907, p. 387.

⁴³ IRIA, Alberto - *Descobrimientos Portugueses*. INIC, Lisboa, 1988, Vol. II, Tomo I, p. 56; LEAL, Pinho- *Portugal Antigo e Moderno. Dicionario Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal*. Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1880, Vol. IX, pág. 506.

⁴⁴ SILVA, José Justino de Andrade e - "Collecção Chronológica da Legislação Portugueza: Compilada e Annotada 1603 - 1612." Lisboa, Imprensa de J. J. A. Silva, 1854, p. 251.

de honra, atrás das outras irmandades. Os confrades gozavam muitos e importantes privilégios, entre eles, a isenção de servirem em cargos do concelho.⁴⁵

Era muito antiga pois, por uma provisão de 24 de Dezembro de 1444, o infante D. Pedro, regente do reino na menoridade de seu sobrinho e genro, D. Afonso V, isentou os mareantes, da Casa do Corpo Santo, dos cargos públicos do concelho e do pagamento de impostos, para o mesmo concelho.

Uma carta régia do rei D. Manuel, datada de 24 de Outubro de 1500, ordena que os juizes da casa do Corpo Santo possam mandar prender os mareantes que lhes sejam rebeldes.

Em 1633, foi concedido privilégio aos juizes da casa do Corpo Santo, em atenção aos serviços por eles prestados durante a guerra da restauração, de poderem ser eleitos para os cargos da câmara, quando para isso tivessem aptidão e capacidade. No dia 1 de Janeiro de 1635, D. Filipe IV confirmou todos os privilégios, concedidos pelos seus antecessores, à casa do Corpo Santo.

Em 21 de Abril de 1704, D. João Diogo de Athaide, sargento-môr de batalha, passou uma certidão, declarando os bons serviços dos mareantes da Casa do Corpo Santo, de Setúbal, prestando todos os barcos precisos para o transporte das tropas inglesas, até ao porto d'El-Rei.

No arquivo do Município, que tomou posse desta ermida, existe o Compromisso dos navegantes e pescadores da vila de Setúbal, unidas na capela do Corpo Santo, da mesma vila, no ano de 1737.

Era a irmandade obrigada a fazer a festa ao seu orago (S. Pedro Gonçalves) no domingo de Pascoela, com pompa e grandeza, e assistindo toda a mesa.

No dia seguinte, a irmandade festejava, na igreja de S. Julião, a Senhora da Boa Viagem.

Privilégio concedido à Irmandade do Corpo Santo de Setúbal pelo seguinte Decreto:

⁴⁵ Avelar refere uma confraria de 1330, cujo compromisso tratou em: AVELAR, Ana Filipe Sá e Serpa Gomes de - *O Compromisso da Confraria de Setúbal de 1330*. Policopiado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1996.

“Sendo as utilidades que resultão aos Meus Vassallos da actividade do Commercio e do augmento da Navegação hum dos principaes objectos da Minha Real Attenção; E querendo a este fim animar e favorecer assim o Commercio particular da extracção do Sal da Villa de Setubal, como a navegação das Embarcações dos Maritimos incorporados na Irmandade do Corpo Santo da mesma Villa: Sou Servida ordenar a este respeito o seguinte: Que do sal que na dita Villa de Setubal se despachar para os Reinos Estrangeiros sendo carregado nas Embarcações pertencentes aos incorporados na referida Irmandade, senão cobrem daqui em diante, e em quanto Eu não mandar o contrario, os direitos mais do que tão sómente a razão de duzentos e cinquenta réis por moio; assim e do mesmo modo que pela Providencia setima das que forão determinadas em vinte e três de Dezembro de mil setecentos sessenta e hum, se lhes concedeo para o Sal que navegava para os Postos da Galiza, e Asturias: Cuja graça terá lugar, ou a extracção se faça por conta propria dos mesmos incorporados, ou pela de qualquer outra Pessoa Nacional, ou Estrangeira; com tanto porém que a embarcação e a sua Equipagem sejam Portuguezas; á excepção sómente de alguns Pilotos práticos Estrangeiros que sejam necesarios para aquelles Portos, ou Melhores de que os Nacionaes não tenham inteiro conhecimento. Que o Sal que na Villa de Setubal houver de se carregar nas Embarcações dos incorporados na Irmandade do Corpo Santo para ser transportado, ou seja para os Portos destes Reinos ou para os das suas Conquistas, aonde lhes he permittido levarem-no; ou ainda para qualquer Porto dos Dominios Estrangeiros; poderá ser comprado livremente á convenção das Partes e nas marinhas que mais convierem pelo preço em que particularmente se ajustarem: sendo a este respeito abolida a taxa estabelecida pela Carta Régia de vinte e tres de Dezembro de mil setecentos sessenta e hum que acompanhou as Providencias acima mencionadas; contanto porém que fique annualmente reservado o Sal competente á repartição de huma roda para os Navios Estrangeiros que houverem de carregar pelo preço fixo e determinado de mil réis; no qual por agora não deve haver innovação alguma; não devendo entender-se a referida liberdade para o Sal as Embarcações Nacionaes não encorporados e pertencentes ás outras partes do Reino; porque assim a respeito dellas como dos Navios Estrangeiros, ficarão subsistindo as Providencias que até gora se tem observado: que os sobreditos Incorporados poderão dar fiança aos Direitos do Sal que nas suas Embarcações se extrahir para fóra do Reino na fórmula que lhes foi

permittedo pelo Mandado do Conselho da Faxenda dezenovee de Agosto de mil setecentos e sessenta; com a condição de pagarem esses Direitos logo que chegarem de volta da mesma Viagem: E sendo esta graça restricta aos ditos Incorporados domiciliarios da Villa de Setubal não poderão fazer della uso os Mestres das Embarcações de outros Pórtos que vem áquelle a carregar Sal pela incerteza da sua volta ao mesmo Porto para a satisfação dos Direitos: Que ficará subsistindo a taxa do preço do Sal para o consumo da terra, a qual não poderá exceder de quinhentos réis o moio, e isto em beneficio da salgação da Sardinha, e mais peixes, pela grande importancia de que he este ramo de Commercio: Finalmente que ás Embarcações armadas á Redonda, senão levarão daqui em diante maiores Emolumentos, ou Direitos daquelles que presentemente pagão os Hiates; o que he cconformee á determinação do Conselho da Fazenda de treze de março de mil setecentos trinta e sete; e isto se observará não sómente com as Embarcações nos Incorporados na Irmandade do Corpo Santo da Villa de Setubal; mas tambem com as outras Embarcações dos mais Pórtos destes Reinos, e suas Conquistas, por não ser justo que a utelidade de alguns particulares sirva de obstáculo á industria dos Navegantes, em procurarem por este meio fazer as suas viagens com menos despeza e maior segurança, de cujas vantagens resulta o beneficio Geral da navegação, do Commercio, e do Estado. O Conselho da Fazenda o tenha assim entendido, e faça executar, expedindo as ordens necessárias. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda em 16 de Janeiro de 1779. = Com a Rubrica de Sua Magestade.”⁴⁶

A Confraria do Corpo Santo, de Setúbal, foi uma instituição importantíssima e que concorria sempre, briosamente, para as necessidades publicas, e o que levam os nossos reis a concederem-lhe muitos privilégios e isenções.

Porto:

A IRMANDADE DE N.^a S.^a DA PIEDADE DO CAIS, situada na Capela e Hospital de N.^a S.^a da Piedade do Cais, S. Nicolau / Porto em 1484.⁴⁷

⁴⁶ SILVA, António Delgado da - “Collecção da Legislação Portuguesa: Desde a Ultima Compilação das Ordenções, 1775 - 1790.” Lisboa, Typografia Maigrense, 1828, p. 194 e 195.

⁴⁷ LANHOSO, Adriano Coutinho - “Nossa Senhora Protectora dos Mareantes do Velho Burgo do Porto.” Boletim Cultural da C. M. do Porto, Vol. XXIX, 1966, pp.113-125.

A imagem da Nossa Senhora da Piedade era venerada na sua capela do largo do Terreiro, à beira do rio Douro, pelos trabalhadores que serviam na descarga das mercadorias para a Alfândega Velha e depois as carregavam dela para os armazéns dos mercadores da cidade. Estes trabalhadores tinham uma irmandade, que tinha por patrona Nossa Senhora da Piedade do Cais.

Caminha:

A CONFRARIA DOS NAVEGANTES DE CAMINHA, situada na Capela da Igreja Matriz de Caminha.⁴⁸

Esta Igreja foi iniciada pelo mestre biscainho Tomé de Tolosa em 1488. É notável a torre sineira que, provavelmente, serviu de torre de observação e atalaia, devido à sua posição em relação ao mar, a qual favorecia essa função.

Em Caminha São Telmo ou Corpo Santo, foi venerado pelos mareantes sob invocação do Espírito Santo.⁴⁹

Portimão:

A IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA DE PORTIMÃO, sita na Igreja de N.ª S.ª da Esperança em 1497.⁵⁰

Era objecto de grande devoção dos povos da vila, principalmente dos navegantes e pescadores. O seu rio era então navegável, entrando nele embarcações de todos os lotes, fundeando mesmo em frente do mosteiro. O seu porto podia conter, com segurança, 200 navios de alto bordo, por ser abrigado dos ventos. Rica e importante pela fertilidade do seu território, torna-se ainda, pela pescaria e grande comércio de exportação.

Aveiro:

CONFRARIA DO CORPO SANTO DE AVEIRO, erecta na Capela de N.ª S.ª das Areias ou do Corpo Santo, em Aveiro, séc. XV.⁵¹

⁴⁸ “Descoberta da Arte do Tempo de D. Manuel II.”. O Comércio do Porto, Porto: 9 Ago. 2002, p. 2..

⁴⁹ FILGUEIRAS, Octávio Lixa - *O Barco Poveiro*. Câmara Municipal da Póvoa do Varzim, 1995, p. 144.

⁵⁰ LEAL, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno. Diccionario Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal*. Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1880, Vol. 7, pp. 266-267. - Vieira, P.ª José Baptista Gonçalves - *Memória Monográfica de Villa Nova de Portimão*. Porto 1911, p.80; IRIA, Alberto - *Descobrimentos Portugueses*. INIC, Lisboa, 1988, Vol. II, Tomo I, p. 24.

Na praia de S. Jacinto, que fica em frente do forte, está uma elegante capela em forma poligonal, dedicada a Nossa Senhora das Areias. Foi edificada no fim do século XV.

Segundo a tradição foi mandada edificar pelo cabido da Sé do Porto, a quem antigamente pertencia a dizima do pescado da costa de S. Jacinto.

Funchal:

IRMANDADE DO CORPO SANTO, sita na Capela do Corpo Santo, do Funchal / Madeira, no Séc. XV.⁵²

A capela do Corpo Santo remonta aos meados do século XV e a sua fundação ficou a dever-se aos homens do mar. Edificada no fim da povoação, junto ao chamado Cabo do Calhau. Em 1594 foram executadas obras de vulto, conforme consta de uma lápide. A decoração interior demonstra que foi sendo permanentemente enriquecida.

Sesimbra:

A CONFRARIA E HOSPITAL DOS MAREANTES DE SESIMBRA, sita na Capela do Espírito Santo dos Mareantes, em Sesimbra, no Séc. XV.⁵³

A maior parte da população de Sesimbra são pescadores, e dedica-se ao comércio de peixe, não só com o reino, mas também com Espanha. A Capela Real de N.ª Sr.ª do Cabo é um templo magnífico. Esta romaria é conhecida em toda a Lisboa e seu termo. Esta igreja tem a categoria de Capela Real. A imagem de N.ª S.ª do Cabo apareceu por volta de 1250, no tempo de D. Afonso III.

Peniche:

CONFRARIA DO CORPO SANTO, sita na Capela do Corpo Santo, em Peniche⁵⁴

Fundada, em 1505, pelos marítimos que o administravam, e era destinado a socorrer os seus órfãos e viúvas.

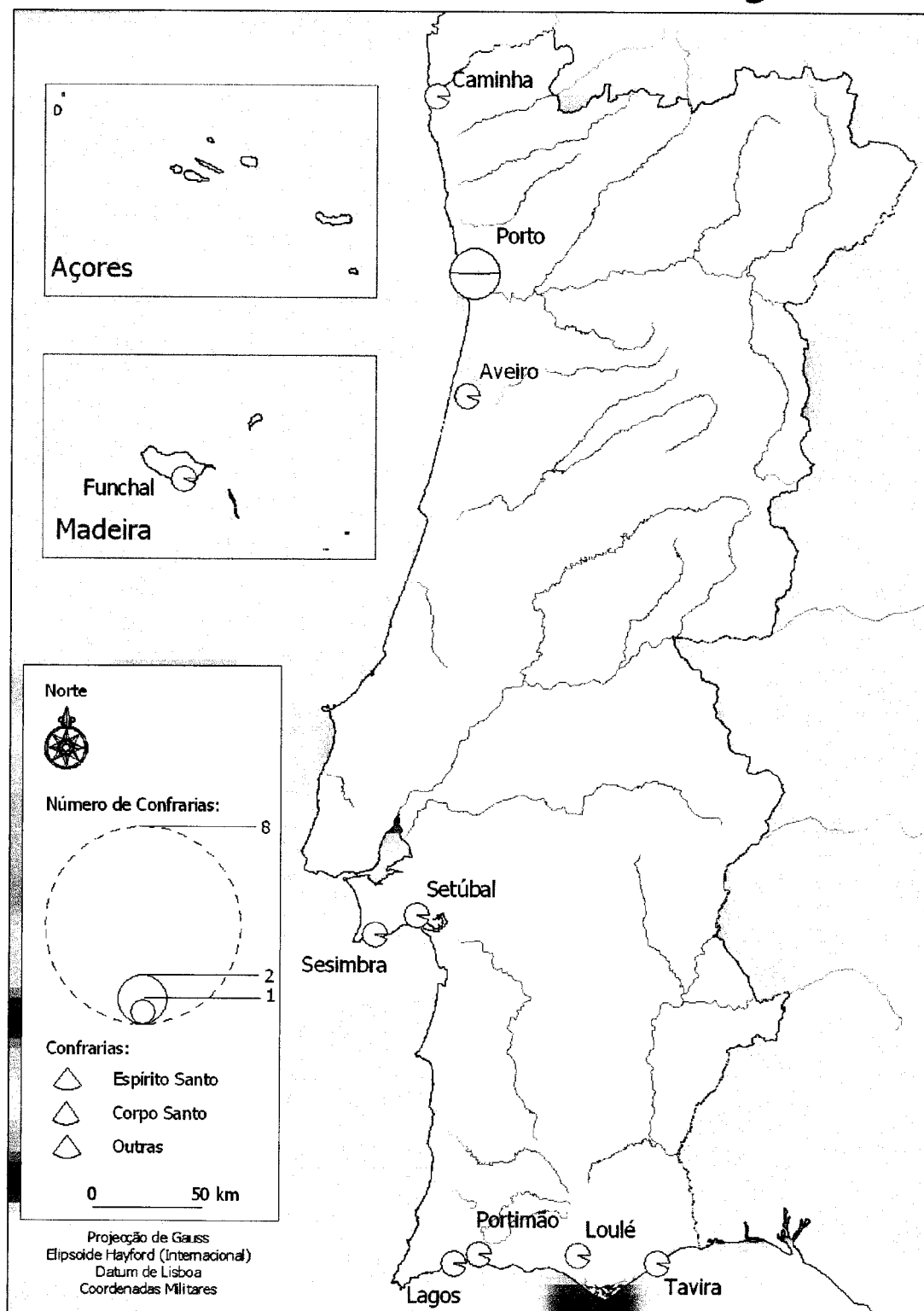
⁵¹ GOMES, Marques - "Memórias de Aveiro." p. 102. Cit. RIBEIRO, Victor - *História da Beneficência Pública em Portugal*. Coimbra, 1907, p.387.

⁵² DIAS, Pedro - *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822)*, O Espaço Atlântico. Navarra, 1999, p. 147.

⁵³ ALMEIDA, José António Ferreira de - *Direcção de Tesouros Artísticos de Portugal. Edição de Selecções do Reader's Digest*, Lisboa, 1976, p. 517.

⁵⁴ LEAL, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno. Dicionário Geographico, Estatístico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal*, Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1875, Vol. 6, p. 628.

As Confrarias em Portugal no XV



Fonte: Entre outros:

LEAL, Pinho, *Portugal Antigo e Moderno. Dicionário Geographico. ...*, Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira e Cardosos, 1882, vol. I-X.

SILVA, Andrade, *Collecção Chronológica da Legislação portugueza: Compilada e Anotada 1603-1702*, Lisboa, Imprensa de J. J. A. Silva, 1854.

IRIA, Alberto, *Descobrimientos Portugueses*, Lisboa, 1988, vol. II, tomo I.

OLIVEIRA, Eduardo, *Elementos para a História do Município de Lisboa*, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa, 1882, tomo I-XVII.

Carta Administrativa de Portugal (Atlas do Ambiente), escala 1:250.000, Direcção Geral do Ambiente, 1994.



fac. letras univ. porto
serv. doc. informação
cartografia 2002

Viana do Castelo:

CONFRARIA DO NOME DE JESUS DOS MAREANTES DE VIANA, sita na Igreja Matriz de Santa Maria Maior, em Viana do Castelo, 1506.

Na parede exterior desta ermida, encontrava-se, a *lapide dos mareantes*, que diz:

“Ave Jesus e Mãe Maria - mandou fazer os mareantes. Era de 1404 (1366 J. C.)”⁵⁵

Esta inscrição é anterior à fundação da actual ermida. Por isso é provável que pertencesse à primitiva, que ficou dentro do castelo, e cuja pedra foi para aqui mudada, quando se construiu a nova. A prosperidade antiga de Viana, assim como a sua decadência, estão ligadas a esta confraria de *homens do mar* que a tornaram rica e importante.

A capela de Jesus dos Mareantes, uma das mais antigas da cidade, é privativa dos homens do mar, que entraram na posse dela, em 1506, como consta do documento existente no cartório dos Mareantes, que diz:

“... 1.º de maio de 1506, na dita villa de Viana de Foz do Lima... reuniram Fernão Gonçalves e outros muitos mareantes e pescadores d'esta villa e arrabaldes, os quaes todos, por si, etc., determinaram fazer uma capella acatada (em frente) á egreja, da banda do aquilão (norte) a qual está começada; e que se digam varias missas, na ermida de Santa Catarina...”⁵⁶

Os nossos reis concederam a esta capela grandes privilégios, sendo os principais:

Andarem armados no caminho de seus barcos e pitanças de pesca, depois do sino corrido (Carta de D. João III, de 16 de Outubro de 1530); Os provedores da vila não lhes exigirem contas. (Carta de D. Filipe II, de 2 de Maio de 1590); Não darem casa nem cama a soldados. (Carta de D. Filipe III, de 7 de Janeiro de 1612).

Muitas questões houve, por causa destas prerrogativas, e várias vezes tiveram os reis de intervir. No dia 1 de Junho de 1589, protestaram os mareantes, por causa do novo caminho que seguia a procissão de Corpus Christi, dizendo a D. Filipe II que se

⁵⁵ LEAL, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno. Diccionario Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal*. Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Cardosos, 1882, Vol. 10, pp. 370-373.

⁵⁶ LEAL, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno. Diccionario Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal*. Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Cardosos, 1882, Vol. 10, p. 372.

lhes não usurpasse a ermida (agora dentro do castelo), eles teriam visita da procissão, o que agora não acontecia. Atendeu D. Filipe a este protesto, mandando fazer a ermida de Santa Catarina, cujas obras se concluíram em 1604.

Vila do Conde:

A CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM de Vila do Conde, sita na Igreja Matriz, em 1542.⁵⁷

Na Igreja Matriz existe um altar de Nossa Senhora da Boa Viagem, velha devoção dos mareantes de Vila do Conde.

Viana do Castelo:

IRMANDADE DE S. PEDRO, sita na Capela do Espírito Santo, em Areosa / Viana do Castelo, 1547.⁵⁸

A ermida do Espírito Santo, ou irmandade de S. Pedro, dos Clérigos, de antiquíssima origem, pois consta que foi edificada na igreja de Santa Maria da Vinha, na freguesia da Areosa, e transferida depois para a Igreja Velha. Aí residiram, até se levantar o novo templo, para o qual mudaram, depois de terem ajudado a fazer a parte esquerda do cruzeiro, que escolheram por ter mais espaçosas sacristias que a defrontam, e que é dos mareantes.

Vila de Cascais:

A CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DA GUIA (ESPIRITO SANTO) na Vila de Cascais, sita na Capela e Farol de N.^a S.^a da Guia, 1570.⁵⁹

A Capela de Nossa Senhora da Guia, fica contígua ao farol, dando-lhe por isso o nome. Foi fundada, por volta do ano de 1570, por António Ribeiro da Fonseca, que

⁵⁷ ALMEIDA, José António Ferreira de - *Direcção de Tesouros Artísticos de Portugal. Edição de Selecções do Reader's Digest*, Lisboa, 1976, p. 357.

⁵⁸ LEAL, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno. Diccionario Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal*. Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Cardosos, 1882, Vol. 10, pp. 370-373.

⁵⁹ LEAL, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno. Diccionario Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal*. Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Cardosos, 1882, Vol. II, p. 154.

morreu em 1577 e foi sepultado nesta capela. Os mercadores de Lisboa faziam aqui uma festividade, sob a invocação do Espírito Santo.

Porto:

A CONFRARIA DE N.^a S.^a DA GUIA, situada na Igreja de S. João Novo, que foi do Convento dos Religiosos Eremitas de Santo Agostinho, 1592.⁶⁰

Nossa Senhora da Guia era patrona de uma irmandade, composta por homens de negócio e mareantes da cidade do Porto, cujos membros gozavam do privilégio de sepulturas determinadas junto do altar da Senhora. Todos os anos, a irmandade, e os muitos devotos da Senhora da Guia, faziam-lhe uma grande festividade.

Faro:

CONFRARIA E IRMANDADE DE N.^a S.^a DA VICTÓRIA, situada na Igreja de S. Pedro de Faro instituída, e administrada, pelos mancebos solteiros do mar, em 1598.⁶¹

Este compromisso e estatutos foram aprovados e confirmados, em Faro, pelo Bispo do Algarve, D. Fernando Martins Mascarenhas, em 21 de Julho de 1598, que os autentica com o seu próprio selo.

Oeiras:

IRMANDADE DE N.^a SENHORA DE PORTO-SALVO, sita na Capela de Nossa Senhora de Porto-Salvo em Porto-Salvo / Oeiras⁶²

Esta irmandade, quase exclusivamente composta de marinheiros e pescadores, que cuida do asseio e conservação do templo, faz uma sumptuosa festa à Nossa Senhora de Porto-Salvo, a 25 de Julho. O templo primitivo era muito antigo, ignorando-se a data da sua fundação, não remontando, no entanto, além do século XVI. Segundo a lenda, a origem deste foi a seguinte:

⁶⁰ LANHOSO, Adriano Coutinho - "Nossa Senhora Protectora dos Mareantes do Velho Burgo do Porto." Boletim Cultural da C. M. do Porto, Vol. XXIX, 1966, pp. 98-100.

⁶¹ IRIA, Alberto - *Descobrimientos Portugueses*. INIC, Lisboa, 1988, Vol. II, Tomo I, p. 56. COSTA, Américo - *Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular*. Porto, Vol. VI, p. 604.

⁶² LEAL, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno. Diccionario Geographico, Estatístico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal*, Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1880, Vol. 7, pág. 584 a 587.

“Vindo uma nau, da Índia para Portugal, encontrou tão furioso temporal no Cabo da Boa-Esperança, que a sua tripulação tinha quasi perdidas as esperanças de se salvar. N’esta aflição, prometteram todos, se chegassem a salvamento, a Lisboa, edificarem uma ermida, dedicada a S. S. Virgem, sob o titulo de Porto-Salvo, no primeiro alto que descobrissem ao aproximar-se da costa de Portugal. O tempo abonançou, e a tripulação chegou a Lisboa sem soffrer outra tormenta.”⁶³

Trataram todos logo de cumprir a promessa, construindo a capela neste sitio, que desde logo principiou a ser concorrida, sobretudo pelos navegantes e suas famílias, e Nossa Senhora do Porto-Salvo, objecto da particular devoção.

Todos os navios de guerra que entravam ou saíam a barra de Lisboa, ao passarem em frente da poética capela, a salvavam com 21 tiros, como preito e homenagem à Virgem de Porto-Salvo:

“...oh Virgem de Porto-Salvo,
Candida Estrella do Mar,
Sois para sempre Madrinha,
Dos que andam a navegar.”⁶⁴

Aveiro:

CONFRARIA DE N.ª S.ª DA ALEGRIA DE AVEIRO, sita na Capela de N.ª S.ª da Alegria, séc. XVI.⁶⁵

Este pequeno templo teve, provavelmente, origem na devoção dos mareantes que demandavam a Terra Nova. Conserva da primitiva traça o arco cruzeiro, dos princípios do século XVI, em estilo gótico de feição manuelina.

⁶³ LEAL, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno. Diccionario Geographico, Estatístico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal*, Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1880, Vol. 7, pág. 585.

⁶⁴ LEAL, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno. Diccionario Geographico, Estatístico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal*, Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1880, Vol. 7, pág. 586.

⁶⁵ GOMES, Marques - “Memórias de Aveiro.” p. 102. Cit. RIBEIRO, Victor - *História da Beneficência Pública em Portugal*. Coimbra, 1907, p. 387. ALMEIDA, José António Ferreira de - *Tesouros Artísticos de Portugal*, Lisboa, 1976, p. 114. ANDRÉS ORDAX, Salvador - *Un Patrono para Los Navegantes Portugueses: «O Corpo Santo»*, Universidad de Valladolid, 1998, p. 135.

Porto:

IRMANDADE DOS HOMENS DE NEGÓCIOS DA CIDADE DO PORTO, fundada na Capela da Ajuda, em Lordelo do Ouro / Porto, do Século XVI.⁶⁶

Esta irmandade era composta apenas por armadores de navios, que tributavam à Nossa Senhora da Ajuda, sua patrona, grande veneração e afecto, por ela sempre servir de amparo aos seus navios, protegendo-os dos perigos do mar.

A capela da Nossa Senhora da Ajuda foi edificada próximo da Ribeira das Naus. Nossa Senhora da Ajuda era padroeira dos mareantes e da humilde gente que trabalhava nos antigos estaleiros reais, local onde se construíram muitas das naus, galeões, barcas, caravelas, tafoneiras, urcas, navetas, barinéis e tantos outros navios, que foram à descoberta e conquista de novas terras. Os estaleiros trabalhavam todos os dias, mesmo aos domingos, razão pela qual construíram este templo, para que muitos trabalhadores das taracenas do Ouro pudessem, aos domingos e dias santos, cumprir as suas obrigações religiosas.

Matosinhos:

A CONFRARIA DO BOM JESUS DE MATOSINHOS,⁶⁷ sita na Igreja Paroquial do Bom Jesus de Matosinhos, em 1607.⁶⁸

Actualmente, pertence à Santa casa da Misericórdia de Matosinhos, e tem a seu cargo inúmeras instituições de solidariedade social do concelho, como o hospital, escolas, asilos, casa mortuária, etc. Possui património sacro de valor incalculável, incluindo a famosa imagem do Bom Jesus de Matosinhos.

Setúbal:

CONFRARIA DE N.^a S.^a DO SOCORRO, sita na Capela de N.^a S.^a do Socorro de Setúbal, em 1614:

“... damno que os religiosos do Mosteiro de S. Luis da Villa de Setúbal recebem de um campanário que os marinheiros fizeram em uma capela da invocação de N.^a S.^a do Socorro, que está junto ao dito Mosteiro, e dos aleiros que também plantaram no mesmo sitio.”⁶⁹

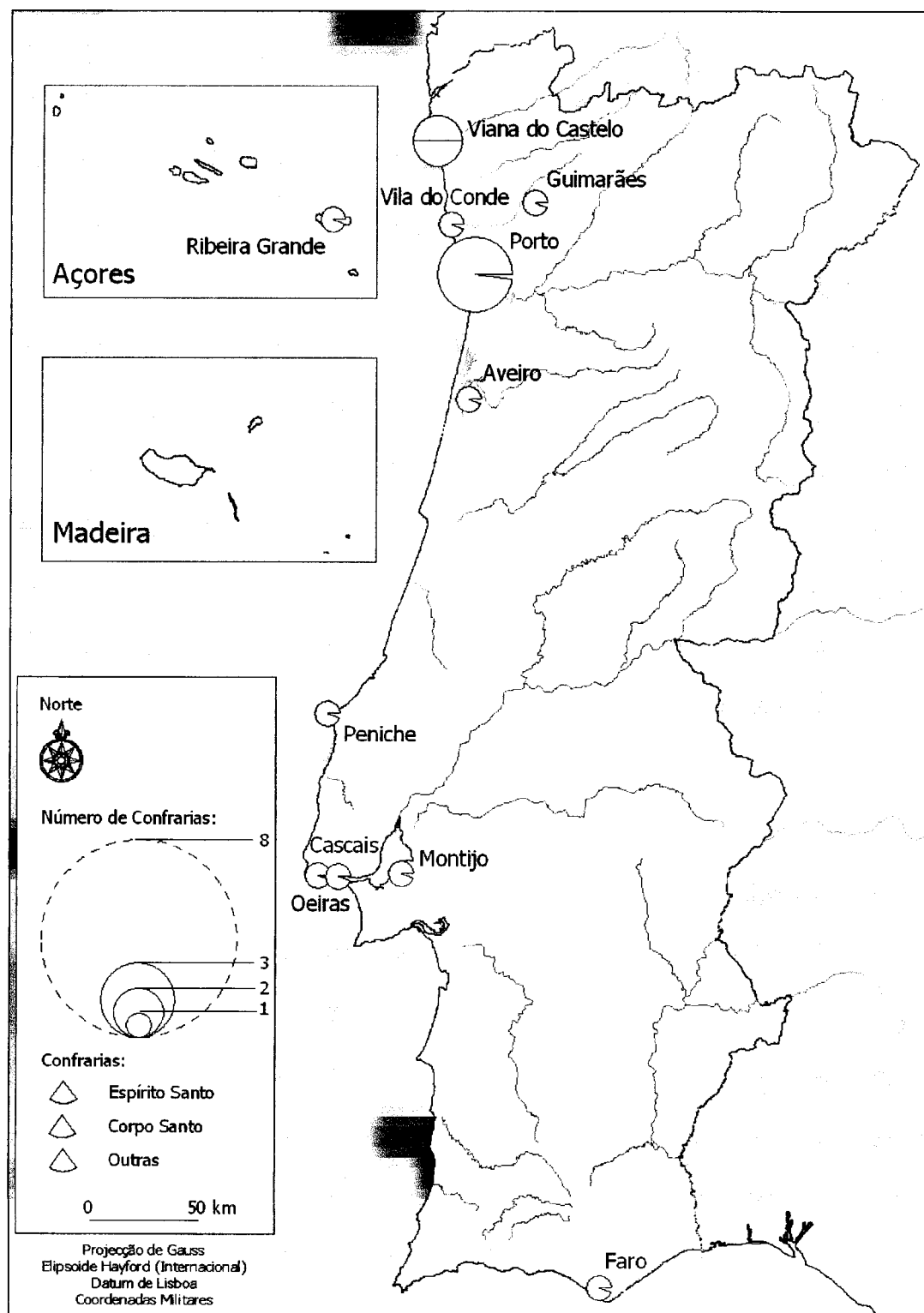
⁶⁶ LANHOSO, Adriano Coutinho - “Nossa Senhora Protectora dos Mareantes do Velho Burgo do Porto.” Boletim Cultural da C. M. do Porto, Vol. XXIX, 1966, pp. 66-75.

⁶⁷ Passou a denominar-se, Real Confraria do Bom Jesus de Matosinhos em 17 de Setembro de 1901.

⁶⁸ CLETO, Joel Alves C. e OLIVEIRA, Maria José - “Confrarias do Concelho de Matosinhos.” O Tripeiro, 7.^a Série, Ano XII / n.º 5, Maio, 1993, p. 155.

⁶⁹ SILVA, José Justino de Andrade e - “Collecção Chronológica da Legislação Portuguesa: Compilada e Annotada 1613 - 1619.” Lisboa, Imprensa de J. J. A. Silva, 1855. pp. 105-106.

As Confrarias em Portugal no XVI



Fonte: Entre outros:

LEAL, Pinho, *Portugal Antigo e Moderno. Dicionário Geographico. ...*, Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira e Cardosos, 1882, vol. I-X.

SILVA, Andrade, *Collecção Chronológica da Legislação portugueza: Compilada e Anotada 1603-1702*, Lisboa, Imprensa de J. J. A. Silva, 1854.

IRIA, Alberto, *Descobrimientos Portugueses*, Lisboa, 1988, vol. II, tomo I.

OLIVEIRA, Eduardo, *Elementos para a História do Município de Lisboa*, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa, 1882, tomo I-XVII.

Carta Administrativa de Portugal (Atlas do Ambiente), escala 1:250.000, Direcção Geral do Ambiente, 1994.



fac. letras univ. porto
serv. doc. informação
cartografia 2002

Lisboa:

CONFRARIA DE N.^a S.^a DA PENHA DE FRANÇA, sita na Capela de N.^a S.^a da Penha de França, em Lisboa, 1609.⁷⁰

No compromisso com que foi instituída a irmandade de Nossa Senhora da Penha de França, aprovado por decreto de 6 de Outubro de 1609, estatuiu-se que o juiz seria sempre o capitão-mor que nesse ano passasse à Índia, e assim vinha expresso nas cartas dos referidos capitães-mores.

Uma vez, que no ano de 1599, quando grassava a peste no continente, partiam para a Índia sete naus, de que era capitão-mor D. Jerónimo Coutinho. Levará este fidalgo consigo, por devoção, um círio da Senhora da Penha, mas desenvolvendo-se a peste a bordo, fizera, no dia 20 de Março desse ano, quando a armada navegava no cabo de Boa Esperança, promessa solene de instituir uma confraria e irmandade para culto da Nossa Senhora da Penha de França. Inscrevendo-se logo muitas das pessoas que iam nas naus, e elegendo para juiz o referido capitão-mor. Nenhum dos inscritos pereceu de peste, e quando regressaram a Portugal foram todos em procissão à Penha, levando à Senhora muitas ofertas vindas da Ásia.

Carta de 1617:

“Com esta Carta se vos envia uma petição que aqui se me presentou, por parte do Prior e Religiosos do Mosteiro de N.^a S.^a de Penha de França, dessa Cidade, sobre as contas que pertendem se tomem á Confraria que os mareantes da carreira da Índia instituíram n’aquelle Convento, das esmola que tiram entre si... sem tratar por ora da devassa e castigo dos que, pelo...”⁷¹

Ancora:

A IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO SOCORRO DE ÂNCORA, situada na Capela de Nossa Senhora do Socorro, 1640.⁷²

⁷⁰ OLIVEIRA, Eduardo Freire de - *Elementos para a História do Município de Lisboa*. C. M. Lisboa, Lisboa, 1891, Tomo VI, pp. 578-581.

⁷¹ SILVA, José Justino de Andrade e - “Collecção Chronológica da Legislação Portuguesa: Compilada e Annotada 1613 - 1619.” Lisboa, Imprensa de J. J. A. Silva, 1855. p. 263.

⁷² LEAL, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno. Diccionario Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal*. Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Cardosos, 1882, Vol. I, pp. 210-212.

A Capela de N.^a S.^a do Socorro, edificada sobre um rochedo no lugar de Lage, é antiquíssima, mas, nos princípios do século XVII, encontrava-se em muito mau estado de conservação.

Em 1640, vindo do Brasil Domingos Sanches, de Balthazares, viu-se em grande perigo no alto mar, pelo que prometeu à Virgem reedificar a sua ermida da invocação do Socorro. Salvo do naufrágio iminente, tratou de cumprir a promessa, mas faleceu antes de concluir a obra concluindo-a um seu sobrinho.

O templo era abobadado em granito, bem como a sacristia. Tinha três altares e uma torre e, sobre a porta lateral, havia outra torre, esta com relógio. Em frente da capela havia uma galilé.

A irmandade de N.^a S.^a do Socorro era numerosa, tendo cerca de 800 irmãos, possuindo um rico património, legado pelo fundador, constituído por pinhais, bouças e campos, tudo à volta da ermida. A 15 de Agosto fazia-se a festa, bem como a romaria, sendo a padroeira objecto de grande devoção. Era a festa muito concorrida, não só de portugueses, mas também de gente da Galiza, que vinham aqui cumprir os seus votos piedosos.

Lisboa:

A CONFRARIA DO ESPIRITO SANTO (IRMANDADE DOS MAREANTES E PESCADORES DO ALTO), sita na Igreja de S. Miguel de Alfama, em Lisboa, 1645.⁷³

Os oficiais da irmandade dos mareantes e pescadores do Alto, da confraria do Espírito Santo, sita na igreja de S. Miguel de Alfama da cidade de Lisboa. Chamados a Cabido, decidiram fazer novo compromisso, para melhor administrarem a dita confraria. Fizeram uma petição ao rei, para que lhes confirmasse o novo compromisso, o qual o monarca atendeu favoravelmente.

A confraria intitulada do Espírito Santo dos Pescadores do Alto, tinha a seu cargo animar a fértil escola de marinheiros com que, as armadas da coroa iam fazendo gloriosos progressos em todas as partes do mundo descoberto.⁷⁴

⁷³ SILVA, José Justino de Andrade e - "Collecção Chronológica da Legislação Portuguesa: Compilada e Annotada 1641 - 1683 (Suplemento à Segunda Serie)." Lisboa, Imprensa de J. J. A. Silva, 1857, pp. 261-262.

⁷⁴ OLIVEIRA, Eduardo Freire de - *Elementos para a História do Município de Lisboa*. C. M. Lisboa, Lisboa, 1911, Tomo XVII, p. 320.

IRMANDADE E HOSPITAL DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA DO CORPO SANTO (pescadores da Cruz de Cata-o-que-farás),⁷⁵ sita na Igreja do Corpo Santo, em Lisboa, 1648. Esta Irmandade é muito antiga, ainda que, de incerta fundação.

Esta capela tinha sido reedificada em 1594. Tinha grandes privilégios, e todos os moradores do sítio, desde a praia até ao largo, pagavam à Senhora certa pensão ou tributo, e tudo quanto no largo se expunha à venda, lhe pagava também uma pequena contribuição.

No Largo do Corpo Santo, está edificada a bonita igreja do Corpo Santo, que deu o nome à Praça ou Largo que lhe fica em frente:

“Principiou esta egreja por uma capela dedicada a Nossa Senhora da Graça, muito antiga, e que se não sabe por quem nem quando foi fundada. (Sabe-se que foi antigamente igreja paroquial, até 1412, em que a sede da freguesia se mudou para S. Paulo, como se via de uma inscrição que estava na porta principal da igreja do Corpo Santo, que assim o declarava.) Subia-se para esta ermida por uma escada, de pedra, de 15 degraus, terminada superiormente por um pátio parapeito, que servia de excelente púlpito.”⁷⁶

A companhia de Jesus costumava aos domingos de tarde, ensinar a doutrina cristã a esta gente. Os marítimos mandaram aqui colocar uma imagem de Santo Frei Pedro Gonçalves, a que eles dão o nome de Corpo Santo, e os espanhóis Santelmo, e que é o primeiro advogado dos navegantes e de todos os que andam sobre as aguas do mar. Como grande parte dos habitantes destes sítios eram marinheiros e pescadores, foi pouco e pouco perdendo a capela o seu antigo titulo de Nossa Senhora da Graça e denominando-se do Corpo Santo.

Até 1755, foram administradores desta capela os pescadores do alto, do bairro da Pampilha, que formaram uma irmandade de Nossa Senhora da Graça, e faziam à sua custa os reparos da capela e as solenidade religiosas dos dois padroeiros.

⁷⁵ A porta do Cata-que-farás ou postigo do Cata-que-farás, depois *porta do Corpo Santo* e *postigo do Corpo Santo*. Era próximo de uma ermida da invocação de N.ª S.ª da Graça, ficava na Praça do Côrte Real, posteriormente *Largo do Corpo Santo*, em frente do hospício dos religiosos irlandezes da ordem de S. Domingos, ou *igreja do Corpo Santo*, na embocadura de uma rua a que chamavam das *Fontainhas*, por onde se subia para S. Francisco. A praça de Côrte Real era situada extra -muros. OLIVEIRA, Eduardo Freire de - *Elementos para a História do Município de Lisboa*. C. M. Lisboa, Lisboa, 1894, Tomo VIII, p. 200.

⁷⁶ SILVA, José Justino de Andrade e - “Collecção Chronológica da Legislação Portuguesa: Compilada e Annotada (Supplemento à Segunda Serie) 1641 - 1683.” Lisboa, Imprensa de F. X. De Souza, 1857, pp. 181-182.

A ermida em questão pertencia à confraria de Nossa Senhora da Graça e Corpo Santo, dos homens marítimos, que ali tinham o seu Hospital. Era de antiga fundação e, não foi destruída pelo terramoto em 1755.⁷⁷

Naquela ermida, faziam os marítimos, em dia de Nossa Senhora dos Prazeres, uma solene festa em honra de S. Pedro Gonçalves, seu patrono, e dali saíam em procissão, percorrendo, com a imagem do Santo, as ruas e hortas da cidade de Lisboa com grande entusiasmo.

Esposende:

CONFRARIA DE MAREANTES DE ESPOSENDE, sita na Capela dos Mareantes da Igreja Matriz de Esposende, em 1650⁷⁸

Esta Capela foi reconstruída em 1650, é coberta por uma abóbada pintada. Possui seis pinturas sobre tábua representando passos da Paixão de Cristo, da mesma época. Também de antiga fundação.

Sardoal:

A CONFRARIA DO ESPÍRITO SANTO DA VILA DO SARDOAL, erecta em 1666:

“... Irmãos e Confrades da Confraria do Espírito Santo, da Villa do Sardoal, pedindo-me lhes fizesse mercê confirmar os vinte e um capitulos deste compromisso...”⁷⁹

O Sardoal é uma terra do interior, mas intimamente ligada aos tratos fluviais.

Lisboa:

A CONFRARIA DA CORTE, sita na Capela Real em Lisboa, 1672

O Provedor e Irmãos da Mesa da Confraria da Côrte, sita na Capella Real, apresentaram um Alvará em 5 de Julho de 1672, do qual o treslado é o seguinte:

“Eu o PRINCIPE, como Regente e Governador dos Reinos de Portugal e Algarves, faço saber aos que este Alvará virem, que, tendo respeito a não

⁷⁷ OLIVEIRA, Eduardo Freire de - *Elementos para a História do Município de Lisboa*. C. M. Lisboa, Lisboa, 1901, Tomo XI, pp. 363-364.

⁷⁸ ALMEIDA, José António Ferreira de - *Tesouros Artísticos de Portugal*. Lisboa, 1976, pág 237.

⁷⁹ SILVA, José Justino de Andrade e, - “Collecção Chronológica da Legislação Portuguesa: Compilada e Annotada (Supplemento á Segunda Serie) 1641 - 1683”, Lisboa, Imprensa de F. X. De Souza, 1857, p. 276.

chegarem os mil cruzados que mandei se repartissem por esmolos na Casa da India, com a vinda de nus d'aquelle Estado, por cuja razão não havia pagamento a Mesa da Confraria da Côrte, sita na Capella Real, dos 50\$000 réis que nellas lhe mandava dar, para effeito tão pio - hei por bem e me praz de fazer esmola á mesma Confraria, que se lhe pague os ditos 50\$000 réis cada anno, no rendimento e direitos do pau do Brasil; e os começará a vencer de 15 de Março deste anno em diante....⁸⁰

IRMANDADE DO ESPÍRITO SANTO DOS PESCADORES, sita na Ermida de Nossa Senhora dos Remédios, em Lisboa, 1674.⁸¹

A irmandade de N.^a S.^a dos Remédios, situada na Capela de N.^a S.^a dos Remédios, em Alfama, foi edificada em 1674. Tem a referida Irmandade do Espírito Santo, formada por pescadores, 4 capelães e 2 meninos de sacristia, um hospital para os irmãos e respectivas mulheres.

Matosinhos:

A CONFRARIA DO SANTO CRUCIFIXO DE BOUÇAS, fundada no ano de 1680, em Matosinhos.⁸²

Os mareantes de Matosinhos instituíram esta confraria, agradecendo a Deus pelo aparecimento da imagem do Bom Jesus, do Lugar de Espinheiro.

Porto:

A CONFRARIA DE N.^a S.^a DA LUZ, sita na Capela da Senhora da Luz na Foz do Douro / Porto, em 1680.⁸³

No Monte da Luz na Foz do Douro, existiu uma pequena ermida que tinha por padroeira Nossa Senhora da Luz, que era objecto de grande devoção. A confraria, com a ajuda dos homens do mar, fazia-lhe todos os anos uma grande festa no dia das Sete Senhoras, em 8 de Setembro, data que soleniza a Natividade da Virgem, atraindo à Foz do Douro muita gente da Cidade do Porto e dos arredores. A capela era pequena, comportando apenas um

⁸⁰ SILVA, José Justino de Andrade e - "Collecção Chronológica da Legislação Portuguesa: Compilada e Annotada 1683 - 1700." Lisboa, Imprensa Nacional, 1859, p. 473.

⁸¹ SILVA, José Justino de Andrade e - "Collecção Chronológica da Legislação Portuguesa: Compilada e Annotada 1683 - 1700." Lisboa, Imprensa Nacional, 1859, p. 314. OLIVEIRA, Eduardo Freire de - *Elementos para a História do Município de Lisboa*. C. M. Lisboa, Lisboa,, Tomo X, pp. 575-576.

⁸² CLETO, Joel Alves C. e OLIVEIRA, Maria José - "Confrarias do Concelho de Matosinhos." *O Tripeiro*, 7.^a Série, Ano XII / n.º 5, Maio, 1993, p. 155.

⁸³ LANHOSO, Adriano Coutinho - "Nossa Senhora Protectora dos Mareantes do Velho Burgo do Porto." *Boletim Cultural da C. M. do Porto*, Vol. XXIX, 1966, pp. 45-50.

altar, onde estava entronizada a imagem da padroeira. Este altar, o camarim, a tribuna, as paredes e o tecto, eram todos em talha dourada, de alto relevo.

Quando a capela foi demolida, em 1832, a imagem de Nossa Senhora da Luz e o seu rico altar foram levados para a igreja matriz da Foz Douro.

Junto à capela de Nossa Senhora da Luz, existiu um farol que guiava os marinheiros que pretendiam entrar na barra ou seguiam a sua rota à vista da costa, chamavam-lhe os mareantes e a gente da terra, Farol da Nossa Senhora da Luz.⁸⁴

Cascais:

A CONFRARIA DOS MAREANTES, sita na capela da gente do mar, na Vila de Cascais, em 1682:

“... o Provedor, e officiaes da Capella da gente do mar, da Villa de Cascaes, sobre a desobediência, com que se haviam com elles os mareantes de sua Confraria, que recusavam a satisfação da parte que a cada um lhes tocava contribuir, que recusavam a satisfação da parte que a cada um lhes tocava contribuir, para as pagas dos marinheiros, que todos os annos costumam dar para me servirem nas Armadas da Costa - hei por bem e me praz fazer-lhes mercê, que possam fazer autos das pessoas que lhes forem inobedientes, no tocante á contribuição...”⁸⁵

IRMANDADE DAS CHAGAS DE CRISTO, sita na Igreja Paroquial das Chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo, em Lisboa, 1689:

“... os navegantes deste Reino buscaram para o bom successo de suas viagens o tutelar amparo das Chagas de Nosso Senhor Jesus Christo, lhes concederam muitas graças, privilegios e isenções, e que a dita Igreja ficasse sendo para os navegantes Parochial, correndo por conta delles as despesas do Culto Divino; e por que no tal tempo florescia muito a navegação deste Reino para suas Conquistas, se recolhiam grandes interesses das viagens da India, Ceilão, e Brazil; e assim faziam os navegantes copiosas esmolos, com que se continuava e augmentava cada vez mais o serviço de Deus; e hoje, enfraquecidos os ditos interesses com a mudança dos tempos, se enfraqueceram tambem as esmolos de tal maneira, que para se não extinguir uma devoção tão antiga, e tão bem fundada, fôra ncessario que os supplicantes tomassem o meio de assim o lembrarem aos navegantes interessados, propondo-lhes que o modo mais facil, e mais suave, que podiam ter para contribuição das mesmas esmolos, era a concessão de dous

⁸⁴ O Farol foi construído em cumprimento das determinações que o Marques de Pombal fez publicar em Alvará de 1 de Fevereiro de 1758.

⁸⁵ SILVA, José Justino de Andrade e - “Collecção Chronológica da Legislação Portugueza: Compilada e Annotada 1641 - 1683 (Suplemento à Segunda Serie).” Lisboa, Imprensa de J. J. A. Silva, 1857, p.351.

mil réis por esmola em cada uma das embarcações que chegasse do Brazil, Cabo Verde, Angola, e das mais partes ultramarinas, que navegassem com gente portuguesa - no que voluntaria e devotamente convieram, como se mostrava da dita escriptura, que ajuntavam, em que assignaram...”⁸⁶

A CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DAS NEVES, DAS DORES E SANTOS REIS MAGOS, sita no Convento de S. Domingos, no Porto em 1694.

“O Juiz, Mordomo, e mais Irmãos da Confraria de Nossa Senhora das Neves, das Dores, e Santos Reis Magos, sita no Convento e Adro de S. Domingos da Cidade do Porto, me representaram por sua petição, que por causa da dita Confraria se não administrar nem governar como convinha, por falta dos rendimentos de que necessitava, e dos supplicantes não gozarem das indulgências e prerogativas, a ella, e seus Irmãos, concedidas, em grande prejuízo seu, e das almas, de seu moto proprio e livre vontade, por todos serem Mercadores, e lhes tocar como taes, o governo e perpetuação da dita Confraria, ajustaram entre si, que de cada caixa de assucar, que viesse das partes do Brazil a cada um delles, e seus sucessores, se pagasse um vintem por entrada, aos Administradores e Procuradores da dita Confraria, para ajuda das missões, capella, cera, e mais gastos e suffragios della, como tudo constava do terceiro capitulo dos Estatutos, que novamente fizeram, assignados por todos, ou ao menos pela maior parte: e porque, para maior observancia dos ditos Estatutos, e capitulos, os queriam confirmar por mim, me pediam lhes fizesse mercê confirmar os ditos estatutos, assim e na fôrma que nelles se continha.”⁸⁷

Funchal:

A CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM, sita na Ermida do Apostolo S. Bartolomeu do Funchal / Madeira, em 1696 :

“... Mordomos e Devotos de Nossa Senhora da Boa Viagem, sita na Ermida do Apostolo S. Bartholomeu, na Cidade do Funchal da Ilha da Madeira, me representaram por sua petição, que havia muitos annos serviam a mesma Senhora, conforme as suas devoções os ajudavam; e que, para com maior veneração e fervoroso zelo se continuarem os applausos que se lhe deviam, e até o presente se lhe fizeram, queriam erigir Confraria, com sua Irmandade, na dita Igreja, onde estava o Altar e Imagem da mesma Senhora, a quem tributavam seus obsequiosos desejos, e honrosos cultos - e para que crescessem, como convinha ao Serviço de Deus e de sua Mãe

⁸⁶ SILVA, José Justino de Andrade e - “Collecção Chronológica da Legislação Portuguesa: Compilada e Annotada 1641 - 1683 (Suplemento à Segunda Serie).” Lisboa, Imprensa de J. J. A. Silva, 1857, p. 201.

⁸⁷ LANHOSO, Adriano Coutinho - “Nossa Senhora Protectora dos Mareantes do Velho Burgo do Porto.” Boletim Cultural da C. M. do Porto, Vol. XXIX, 1966.

Santíssima, me pediam lhes fizesse mercê aprovar e assignar as regras e institutos de seu Compromisso que offereciam.”⁸⁸

Porto:

A CONFRARIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO sita na Capela de N.^a S.^a da Boa Viagem, Cedofeita / Porto em 1699-1835.⁸⁹

A ermida era muito antiga e foram os mareantes que custearam a sua construção, em honra de Nossa Senhora da Boa Viagem, e eram também eles que trabalhavam para a sustentação do culto, a ela sempre recorrendo quando dos seus infortúnios do mar.

Como a capela era muito antiga, no ano de 1699 encontrava-se em muito mau estado de conservação, prestes a ruir e quase abandonada pelo priorado de Cedofeita. Existe um documento no Arquivo da Confraria das Alma do Corpo Santo de Massarelos, no qual se diz que o bispo D. Frei José de Santa Maria encarregara a confraria de angariar esmolas para a reedificação da igreja.

A confraria do Corpo Santo custeou, também, as obras de reparação que a mesma igreja necessitou nos anos de 1804 e 1815.

A Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem ficava situada na calçada da Boa Viagem. Era frequente ver as tripulações dos navios com a vela do navio às costas, e os seus capitães à frente, subir a íngreme calçada, para agradecer à Senhora da Boa Viagem, por ela ter ouvido as suas preces, quando estavam em perigo no mar.

Em 3 de Fevereiro de 1868, o edificio foi declarado em ruínas. O administrador do concelho advertiu o juiz da Confraria do Santíssimo Sacramento, para que não se realizassem officios divinos enquanto não se fizessem obras de reparação. Esta é provavelmente das mais antigas confrarias de mar documentadas.

Em cumprimento dessa determinação, o bispo D. João da França Castro e Moura, mandou passar o serviço paroquial para a capela do Corpo Santo.⁹⁰

⁸⁸ SILVA, José Justino de Andrade e - “Collecção Chronológica da Legislação Portuguesa: Compilada e Annotada 1641 - 1683 (Suplemento à Segunda Serie).” Lisboa, Imprensa de J. J. A. Silva, 1857, p.388.

⁸⁹ LANHOSO, Adriano Coutinho - “Nossa Senhora Protectora dos Mareantes do Velho Burgo do Porto.” Boletim Cultural da C. M. do Porto, Vol. XXIX, 1966, pp. 80-82.

⁹⁰ O Santíssimo Sacramento foi levado em procissão para a capela do Corpo Santo em 12 de Março de 1868.

Póvoa do Varzim:

A CONFRARIA N.^a S.^a DAS NEVES DE A-VER-O-MAR, sita na Póvoa do Varzim, no séc. XVII.⁹¹

Na procissão de N.^a S.^a da Assunção tomavam lugar como convidadas, as Confrarias do Senhor dos Navegantes de Caxinas e de N.^a S.^a das Neves de A-Ver-O-Mar à frente da procissão, e a Confraria do Senhor de Matosinhos, em lugar especial.

A CONFRARIA DO SENHOR DOS NAVEGANTES DE CAXINAS na Póvoa do Varzim, Sec. XVII.⁹²

Setúbal:

CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, DO CAIS (Guardas e remadores da alfândega), em Setúbal, no séc. XVII.⁹³

Esta confraria é composta dos guardas e remadores da alfândega e de outros devotos, que lhe fazem todos os anos, em um domingo de Agosto, uma esplendida festa. Este oratório foi construído no reinado de D. João IV.

Vila de Cascais:

A IRMANDADE DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO da Vila de Cascais, sita Igreja de N.^a S.^a da Assunção, em 1720.⁹⁴

A igreja matriz de Nossa Senhora da Assunção estava situada num largo próximo ao Convento. É uma edificação de uma só nave, estando as paredes interiores, forradas de azulejo, com bonitas pinturas de quadros bíblicos. A capela do Santíssimo Sacramento foi mandada fazer por D. Inez, viúva do Major José Eduardo. O púlpito, de mármore é notável pela sua elegância e simplicidade. A sacristia da irmandade do Santíssimo Sacramento foi mandada fazer pelos irmãos marítimos, em 1720.

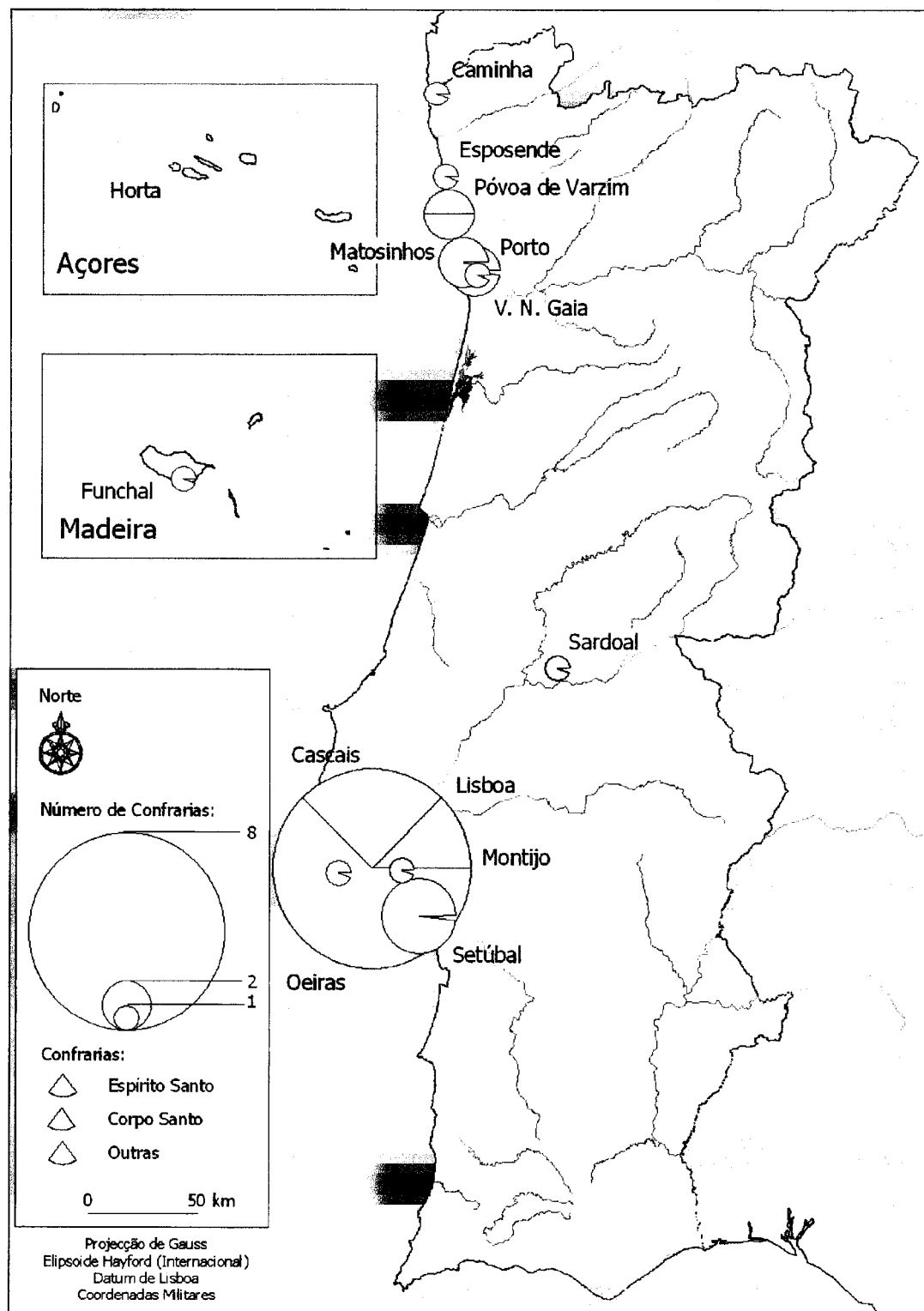
⁹¹COSTA, Martins da - "Irmandades e Confrarias da Póvoa de Varzim." Separata do Bolet. Cultural, Póvoa de Varzim. 1978, Vol. XVII, n.º 1, pp. 51-53.

⁹²COSTA, Martins da - "Irmandades e Confrarias da Póvoa de Varzim." Separata do Bolet. Cultural, Póvoa de Varzim. 1978, Vol. XVII, n.º 1, p. 34.

⁹³LEAL, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno. Diccionario Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal*. Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1880, Vol. 9. p. 263.

⁹⁴LEAL, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno. Diccionario Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal*. Lisboa, 1882, Vol. II, pp. 153-154.

As Confrarias em Portugal no XVII



Fonte: Entre outros:

LEAL, Pinho, *Portugal Antigo e Moderno. Dicionário Geographico. ...*, Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira e Cardosos, 1882, vol. I-X.

SILVA, Andrade, *Collecção Chronológica da Legislação portugueza: Compilada e Anotada 1603-1702*, Lisboa, Imprensa de J. J. A. Silva, 1854.

IRIA, Alberto, *Descobrimientos Portuguezes*, Lisboa, 1988, vol. II, tomo I.

OLIVEIRA, Eduardo, *Elementos para a História do Município de Lisboa Municipal de Lisboa*, Lisboa, 1882, tomo I-XVII.

Carta Administrativa de Portugal (Atlas do Ambiente), escala 1:250.000, Direcção Geral do Ambiente, 1994.



fac letras univ porto
serv. doc. informação
cartografia 2002

A CONFRARIA DO CORPO SANTO, sita na capela de S. Pedro Gonçalves Telmo, da Vila de Cascais, em 1729.⁹⁵

A capela de S. Pedro Gonçalves (S. Pedro Gonçalves é o Santelmo dos navegantes), também chamada de Nossa Senhora dos Prazeres e vulgarmente denominada igreja dos homens do mar. Esta capela é antiga, tendo a imagem de Nossa Senhora dos Prazeres vindo para aqui de uma antiquíssima capela da sua invocação. A Capela é octogonal, tem cinco altares e foi construída com pedra lioz. Nada sofreu com o terramoto de 1755, devido à sua sólida construção. Está aqui instalada a Ordem Terceira de S. Francisco, que tomou a seu cargo a celebração das festas dos marítimos, desde que foi suprimida a Irmandade.

Horta:

IRMANDADE DO CORPO SANTO, sita na Capela de S. Pedro Gonçalves Telmo do antigo Convento de São Francisco da Horta, nos Açores, em 1740.⁹⁶

No convento de São Francisco da Horta devemos salientar a excelência dos azulejos da capela de São Pedro Gonçalves Telmo.

Leça da Palmeira:

IRMANDADE DE S. PEDRO GONÇALVES TELMO (CORPO SANTO) de Leça da Palmeira em Matosinhos, sita na Capela do Corpo Santo, fundada em 1744.⁹⁷

Parece oportuno recordar algumas devoções como em Leça da Palmeira / Matosinhos:

“S. Pedro Gonçalves Telmo, orago dos mareantes, com as suas três luzes em físga, e a nau votiva do século XVI, mas a devoção do Corpo Santo, ampliam o quadro devoto que o fogo do santo alimentou no coração dos pescadores e marinheiros.”⁹⁸

⁹⁵ LEAL, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno. Dicionário Geographico, Estatístico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal*. Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Cardosos, 1882, Vol. II, p. 154.

⁹⁶ DIAS, Pedro - *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822), O Espaço Atlântico*. Navarra, 1999, p. 287.

⁹⁷ CLETO, Joel Alves C. e OLIVEIRA, Maria José - “Confrarias do Concelho de Matosinhos.” *O Tripeiro*, 7.ª Série, Ano XII / n.º 5, Maio, 1993, pp. 154-155.

⁹⁸ FILGUEIRAS, Octávio Lixa - *O Barco Poveiro*. Câmara Municipal da Póvoa do Varzim, 1995, p. 144.

Lisboa:

IRMANDADE DO SENHOR JESUS DA BOA NOVA, sita na Igreja do Senhor Jesus da Boa Nova, antiga ermida de N.^a S.^a do Rosário, em Lisboa, 1748.⁹⁹

Os Irmãos do Senhor Jesus da Boa Nova fizeram uma petição a el-rei D. João V, pedindo para fazer uma nova igreja, a que deram o nome de Senhor Jesus da Boa Nova. A ermida foi edificada no ano de 1748, com umas casas místicas, no Largo da Galé, onde ficava o extremo oriental da cerca de D. Fernando, do lado da Ribeira. O templo era de ordem jónica, feito por conta dos irmãos da congregação do Senhor Jesus da Boa Nova sita na ermida de Nossa Senhora do Rosário.

Póvoa de Varzim:

A CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DA LAPA DA PÓVOA DE VARZIM, Padroeira dos homens do mar, sita na Ermida de S. Roque, na Póvoa do Varzim em 1761¹⁰⁰

A devoção da Senhora da Lapa começou, na Póvoa na ermida de S. Roque,¹⁰¹ fundada no ano de 1582 por Diogo Peres de S. Pedro e sua mulher, Maria Fernandes de Faria.

Em 1791 passou a Irmandade de Nossa Senhora da Assunção e, desde 1883, passou a Real Irmandade de N.^a S.^a da Assunção, usa opas de cor branca, com cabeção verde, o branco da pureza e o verde da esperança.¹⁰²

Para vencer as duras provações recorriam a múltiplas formas de protecção, baseadas na crença das forças sobrenaturais:

“Entretanto, logo na primeira incursão do barco recém-construído, apegavam-se a S. Telmo. A legenda colocada junto da imagem do santo, no museu da Póvoa, esclarece que este foi venerado pelos poveiros... sob a invocação do divino Espírito Santo. / quando a lancha nova ia pela primeira vez ao ar as mulheres da campanha alumiam a imagem até à volta da embarcação. O mesmo sucedia por ocasião de tempestade.”¹⁰³

⁹⁹ OLIVEIRA, Eduardo Freire de - *Elementos para a História do Município de Lisboa*. C. M. Lisboa, Lisboa, 1882, Tomo XII, pp. 184-185.

¹⁰⁰ COSTA, Martins da - “Irmandades e Confrarias da Póvoa de Varzim.” Separata do Bolet. Cultural, Póvoa de Varzim. 1978, Vol. XVII, n.º 1, pp. 51-53.

¹⁰¹ BARBOSA, Viriato - *A Póvoa de Varsim - Ensaio da História desta Vila*, 1972, cap. VII, pp. 81-83.

¹⁰² Por alvará de 21 de Fevereiro de 1791, D. Maria I declarou-se protectora da Irmandade e outorgou novo estatuto, isentando-a de jurisdição paroquial. Por esse diploma, recebeu o título de Irmandade de Nossa Senhora da Assunção, título que, em 1883, por mercê de El-Rei D. Luis I, começou a ser precedido do nome de Real.

¹⁰³ FILGUEIRAS, Octávio Lixa - *O Barco Poveiro*. Câmara Municipal da Póvoa do Varzim, 1995, p. 143.

Nazaré:

CONFRARIA DOS MAREANTES DA VILA DA PEDERNEIRA, sita na Capela dos Homens do Mar na Vila da Pederneira / Nazaré, teria sido, administrada pela Santa Casa da Misericórdia, Séc. XVIII.¹⁰⁴

Olhão:

A CONFRARIA DOS MAREANTES DE OLHÃO, separou-se do compromisso de Faro no século XVIII.¹⁰⁵

Vila Real de Santo António:

A CONFRARIA E HOSPITAL DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, data do Século XVIII.¹⁰⁶

Além dos serviços médicos, tinha a seu cargo a administração do Hospital Marquez de Pombal.

Aveiro:

A IRMANDADE DE N.ª S.ª DOS NAVEGANTES, sita na Capela de N.ª S.ª dos Navegantes, junto ao Forte da Barra de Aveiro.¹⁰⁷

Forte da Barra de Aveiro fica situado na Praia Sul. Aqui se construiu uma elegante capela, sob a invocação de Nossa Senhora dos Navegantes.

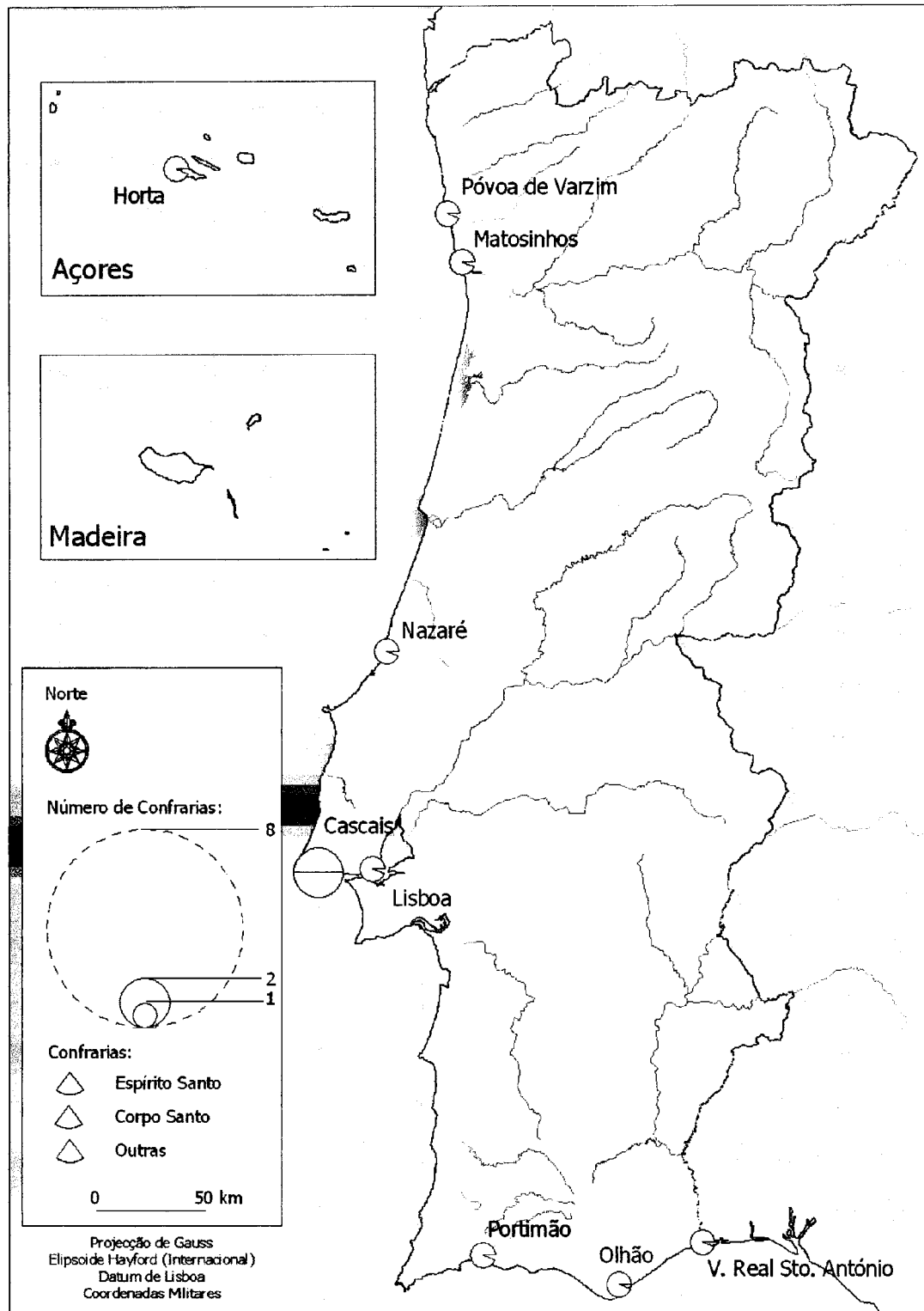
¹⁰⁴ RIBEIRO, Victor - *História da Beneficência Pública em Portugal*. Coimbra, 1907, p.384.

¹⁰⁵ RIBEIRO, Victor - *História da Beneficência Pública em Portugal*. Coimbra, 1907, p. 387; IRIA, Alberto - *Descobrimientos Portugueses*. INIC, Lisboa, 1988, Vol. II, Tomo I, p. 26.

¹⁰⁶ RIBEIRO, Victor - *História da Beneficência Pública em Portugal*. Coimbra, 1907, p. 388.

¹⁰⁷ LEAL, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno. Diccionario Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal*. Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Cardosos, 1882, Vol. I, p. 275.

As Confrarias em Portugal no XVIII



Fonte: Entre outros:

LEAL, Pinho, *Portugal Antigo e Moderno. Dicionário Geographico. ...*, Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira e Cardosos, 1882, vol. I-X.

SILVA, Andrade, *Collecção Chronológica da Legislação portugueza: Compilada e Anotada 1603-1702*, Lisboa, Imprensa de J. J. A. Silva, 1854.

IRIA, Alberto, *Descobrimientos Portugueses*, Lisboa, 1988, vol. II, tomo I.

OLIVEIRA, Eduardo, *Elementos para a História do Município de Lisboa Municipal de Lisboa*, Lisboa, 1882, tomo I-XVII.

Carta Administrativa de Portugal (Atlas do Ambiente), escala 1:250.000, Direcção Geral do Ambiente, 1994.



fac letras univ porto
serv. doc. informação
cartografia 2002

Na Idade Moderna verifica-se, em Portugal, um aumento acentuado do número de confrarias e irmandades de mareantes e pescadores. Nos mapas onde vão cartografadas as confrarias, deve sublinhar-se que, atendemos ao primeiro registo documental que aparece, o qual pode não ser a verdadeira data da fundação das mesmas.

Esta vida esplendorosa das confrarias de mareantes, que por vezes cometiam excessos, começou a sofrer contrariedades. Os reis delas necessitaram no início, com a organização da Armada Real, e, por fim, com a sua política de restauração do poder real, as confrarias e irmandades haviam de ficar reduzidas a seus justos limites de associações profissionais. Ainda que, muito superiores em faculdade de governo e jurisdições em relação aos grémios da época.

2. A organização interna da confraria de mareantes e seus sistemas de Previsão Social.

O espírito, práticas e costumes, que se verificaram no seio da confraria religioso-assistencial, poderia repetir-se no caso concreto das confrarias de mareantes, pois todas foram ramos de um mesmo tronco. Seus cultos, festividades, cerimónias profanas, práticas funerárias, etc., foram os mesmos, embora, variassem apenas de umas ordenanças a outras. Porém, a confraria de mareantes mostrou-se, desde a sua origem, nos mais remotos tempos, como entidade total e absoluta, que absorveu por completo a vida do marinheiro ou pescador, e a submeteu aos seus postulados e determinações.

Nasceu a confraria como grémio constituído, para isso coadjuvaram as circunstâncias especiais da vida marinheira, que impôs sempre uma solidariedade extraordinária entre todos os seus membros, e, de outra parte, a necessidade de organizar uma autoridade robusta e forte que defendesse os interessados frente aos elementos da natureza, frente ao inimigo interior ou exterior, e evitasse a situação de luta de competências e a disputas entre seus membros ou confrades.

Porque a vida de mareante não se podia fazer sem portos acondicionados e limpos, porque ela mesma impunha um estado de vigilância contínua das costas e portos, e porque esta não se podia realizar sem o respeito mútuo a umas leis de pesca, estes fins ocuparam por completo a confraria de mareantes.

As confrarias ditaram leis de polícia (que apareceram consignadas nos estatutos) para manterem limpos os portos e ordenar as fainas de carga e descarga; elas organizaram as velas ou vigias em todas as atalaias da costa; elas ordenaram a pesca em épocas determinadas do ano; elas estabeleceram, por último, uma disciplina férrea de obediência, frente aos perigos do mar, e uma solidariedade tão extremada, que preferia o sacrifício da vida, a abandonar o companheiro no perigo.

A confraria cumpriu todos estes fins e, para o fazer, precisava duma organização. A autoridade suprema estava nas mãos dos «Mordomos», nome pelo que eram designados em todos os estatutos ou ordenanças. Estes cargos foram electivos e a sua duração era anual. Porém os «Mordomos», nas confrarias de mareantes, tiveram um poder mais absoluto que as autoridades das confrarias gremiais.

Não menos interessante, nos seus estatutos, era o referente ao regime económico. Sociedades de tão amplos fins, e que levavam a Previsão Social até os últimos extremos, necessitavam estar em posse de rendas elevadas. Não é de estranhar, portanto, que as confrarias adoptassem o sistema da contribuição por desconto: de quanto ganhasse ou pescasse, o confrade tinha que entregar, perpetuamente, uma parte. Esta variava de umas confrarias para outras. Porém, constituía geralmente um por cento de todos os ingressos dos sócios. Esta percentagem, juntamente com as penas e multas, constituíam os fundos da confraria.

Os Estatutos das confrarias tinham por hábito ser muito minuciosos e detalhados, pois regulavam não somente o religioso, assistencial ou assuntos de pura organização interna, senão também todas as fainas de pesca, carga e descarga, conserto e limpeza dos portos, etc.

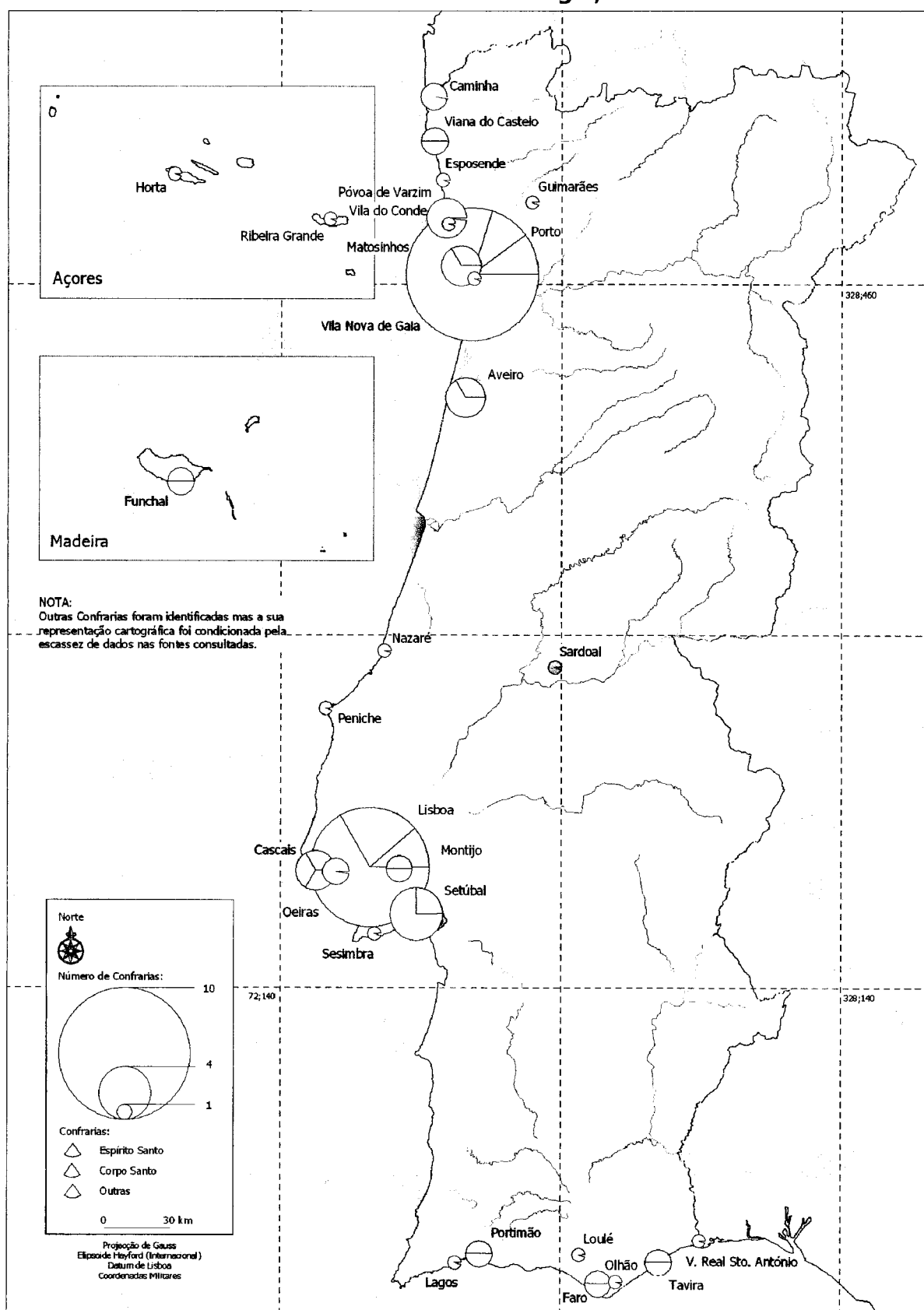
Não menos interessantes eram seus postulados ou regras para os casos de perigo. Os mais experientes nas lides marinheiras tinham por hábito levar sempre um farol ou sinal, para avisar os seus companheiros da eminência de tempestade ou de qualquer outro perigo. A este sinal chamavam “atalaia”, e, à sua simples vista, todas as embarcações obedientes enfolavam ao porto. Estava igualmente prescrito o auxílio mútuo nos casos de perigo.

Quanto à Previsão Social, os marinheiros mostraram-se muito mais preocupados que os homens de terra adentro. Quanto maior o risco, maior é o espírito de

previsão, e aqueles homens acostumados às lutas do mar, sabiam bem que, em muitas ocasiões, partiam cheios de vida, por vezes para não mais voltar, deixando desamparados a sua mulher e os seus filhos, e outras, para regressar inválidos, e sumir-se na mais negra e miserável indigência.

Por isso se caracterizam por uma preocupação constante, não só por assegurar-se contra os riscos de doença e morte, mas também, e com especial incidência, contra os de velhice, invalidez, viuvez e orfandade. O auxílio em caso de doença foi prática geral em todas as confrarias de mareantes, que tinham hospital e recebiam os doentes.

As Confrarias e Irmandades dos mareantes e pescadores em Portugal, entre o século XIII e XVIII



Fonte: Entre outros:

LEAL, Pinho, *Portugal Antigo e Moderno. Dicionário Geographico...*, Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira e Cardosos, 1882, vol. I-X.
 SILVA, Andrade, *Coleção Chronologica da Legislação portugueza. Compilada e Anotada 1603-1702*, Lisboa, Imprensa de J. J. A. Silva, 1854.
 IRIA, Alberto, *Descobrimientos Portugueses*, Lisboa, 1988, vol. II, tomo I.
 OLIVEIRA, Eduardo, *Elementos para a História do Município de Lisboa*, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa, 1882, tomo I-XVII.
Carta Administrativa de Portugal (Atlas do Ambiente), escala 1:250.000, Direcção Geral do Ambiente, 1994.

IV
CONFRARIA DAS ALMAS DO CORPO SANTO
(MASSARELOS)

IV. Confraria das Almas do Corpo Santo de Massarelos

1. Perspectiva Histórica

Pedro Gonçalves Telmo, um dominicano espanhol nascido em Palência no fim do século XII, geralmente conhecido pelo nome de S. Telmo, foi um dos apóstolos enviados para pregar a cruzada contra os Albigenses, hereges do Sul da França:

“...um dia estando em Bayona da Aquitânea junto do mar, falando a grande multidão, porque se levantou furiosa tempestade que nem lhe permitia fazer-se ouvir nem aos ouvintes permanecer ali, em nome de Deus estendeu os braços em direcção ao mar ordenando à borrasca que se acalmasse. O que realmente sucedeu. Desde então todos quantos andavam sobre as ondas do mar, a ele recorriam mal se anunciava a porcela”¹⁰⁸

Devido à fama das suas virtudes e aos milagres que lhe eram atribuídos, era muito venerado e o seu nome sempre invocado em horas de aflição, principalmente pelos homens do mar. Pedro Gonçalves Telmo ou *Santelmo*, denominação que era bem conhecida dos marinheiros portugueses, viveu e pregou na Galiza e também em Portugal, sendo sepultado em Tuy. Era a *Santelmo* que os mareantes e pescadores recorriam na sua aflição, como seu patrono e defensor, assim se justificando que a sua devoção se tivesse expandido, levada pelos nossos navegadores ao Portugal de *Aquém e Além mar*.

Foi invocado por Camões nos *Lusíadas*,¹⁰⁹ quando Vasco da Gama, na sua viagem para a Índia refere:

“Vi, claramente visto, o lume vivo
que a marítima gente tem por santo,
em tempo de tormenta, e vento esquivo,
de tempestade escura e triste pranto.
Não menos foi a todos excessivo
milagre, e cousa, certo, de alto espanto,
ver as nuvens, do mar com largo cano,
sorver as altas águas do Oceano.”¹¹⁰

¹⁰⁸ SOUSA, Francisco de Almeida e - “A confraria das Almas do Corpo Santo.” Porto: O Tripeiro, 7.ª Série, Ano XI, n.º 3, p. 67.

¹⁰⁹ SARAIVA, António José - *Os Lusíadas*. Figueirinhas, Porto, 1982, Canto V, estrofe 18.

¹¹⁰ vi, com toda a nitidez, o lume que a gente do mar considera santo, (S. Telmo) no meio da tempestade, do vento e da aflição. E que não foi milagre menos extraordinário ver as nuvens chuparem as águas profundas do oceano, por meio de um cano largo.

Este fogo, que aparecia nos mastros, era chamado vulgarmente de Santelmo, ou S. Telmo, anunciando o fim das tempestades.

O Galeão S. Pedro, com vinte e sete homens de tripulação, vindo de Londres para a cidade o Porto, no ano de 1394, numa das demais viagens movidas pelos intercâmbios comerciais entre o Porto e o Norte da Europa, foi surpreendido por um grande temporal no mar da Biscaia, como documenta este treslado:

1616. Em nome de Deos Amen e da S.S. Trindade e da Virgem Snr.^a Nossa,
eu António do Espírito Santo Silva, Cappitam e Ignácio de Souza, Gageiro do Galião S. Pedro e mais vinte e sete homens de guarniçam fizemos votos de fazer hua Ermida a S. Pedro Gonçalves Telmo pello Milagre que nos fez em viagem de Londres para o Porto porque ao chegar ao mar de Viscaya um temporal como nunca tinha soffrido o navio nos partiu o mastro da proua e arrincou a velaria toda do mastro real e levou tambem os gáldropes prestadios do leme e os porretoens do mesmo pello que andou o navio sem governo trez dias e trez noites só amparado com tabuas do poram e com as obras mortas com agoa aberta com risco de nos perder todos. Mas tendo o gageiro Ignacio de Souza, home muito temente a Deos, subido ao mastro real para descobrir o Orizonte recorreu à protecçam de S. Pedro Gonçalvez Telmo advogado dos navegantes e das almas e logo a Sua Imagem nos appareceo no tope dos mastros com os pharoes accezos pello que cheios de Fé e coragem ligamos hus panos velhos do mastro mizeno acalmendo-se o mar e bonança feita se descobriu terra e depois o vento de poppa constante nos levou todos cansados e alguns feridos arribados a Vigo ahonde desembarcamos e ao outro dia fomos todos em procissam descalsos pedindo esmola ao tumulo de S. Pedro a Tuy ahonde diante do seu Corpo juramos cumprir o nosso voto e depois de concertado o navio ao mayor fizemos rumo ao Porto ahonde chegamos sem mais novidade no dia 20 de Dezembro da Era do Senhor de 1394 annos. Para perpetua memória e devoçam a tam grande Santo dei por doaçam que fiz o baldio de matto da Paxam para ahi se fazer a Ermida e com as esmollas dos devotos e assignamos este com os nossos signaes de officio por nós e nossos descendentes que assim juramos se hade cumprir. (Seguem-se dous navios desenhados, e com as duas assignaturas).¹¹¹

¹¹¹ Arquivo Paroquial de Massarelos - Tombo n.º 1, fol. n.º 1

A sua prece foi atendida, e o galeão chegou à cidade do Porto a 20 de Dezembro de 1394. Os marinheiros cumpriram a promessa e a pequena ermida foi edificada no Cais da Paixão (actual Cais das pedras), sendo-lhe dada a invocação de S. Pedro Gonçalves Telmo, S. Telmo ou Corpo Santo, como era conhecido. Tendo os mareantes fundado uma confraria para tratar da Ermida, dos irmãos pobres, das viúvas e órfãos.

Existem documentos relativos às relíquias do Santo Lenho, S. Bento Abade e o S. Pedro Gonçalves Telmo. As duas primeiras foram adquiridas em 1751 e vieram de Roma. Transcrevo o documento em que se examina e confere a relíquia de Santo Lenho:

Examinando e Conferindo
a relíquia do Santo Lenho de fila-
grana de prata, lacrada com o sello
de armas encarnadas nas costas,
e o claro em que se acha a Santa Crus
encarnado tambem acho ser a mes-
de que falla a attestação junta
rezão porque concedo licença para que
se possa colocar, e venerar com a
decensia devida na dita cappela Port-
to 12 de Outubro de 1751¹¹²

Reconhecendo os seus beneficios e as suas virtudes, os próprios Papas não deixaram de ser sensíveis à obra feita e lhe foram concedendo várias mercês espirituais. Assim, o Papa Pio VI, por Breve datado de 4 de Março de 1788, concedeu-lhe «Indulgência dos Thezouros da Igreja», todas as vezes que fosse celebrada missa em determinado altar.¹¹³

“Attendendo por caridade paterna á salvação de todos, enriquecemos algumas vezes os *Logares Sagrados, com os dons espirituales das Indulgencias* para que as ALMAS DOS FIEIS DEFUNCTOS possam com elas alcançar os Suffragios dos merecimentos de N. Senhor Jesus Christo e dos seus Sanctos e ajudadas por estes Suffragios possam pela Misericórdia de deus ser tiradas das Penas do Purgatório para a eterna Salvação. Querendo Nós, portanto, exornar com *este dom especial a Igreja denominada de S. Pedro Gonçalves Telmo, do logar de Massarellos*, na area da igreja parochial igualmente denominada de N. Snr.^a da Boa Viagem, do Bispado do Porto...

... *concedemos e permittimos* que todas as vezes que algum sacerdote secular ou de qualquer *Ordem Congregação ou Instituto regular celebre MISSA DE DEFUNCTOS*, no dicto Altar... alcance uma Indulgencia do Theouro da Igreja”¹¹⁴

¹¹² A.P.M. - Tombo n.º 4, fol. n.º 1

¹¹³ A.P.M. - Tombo n.º 3, fol. n.º 4.

¹¹⁴ A.P.M. - Tombo n.º 3, fol. n.º 6.

Depois, em 19 de Setembro de 1797, Indulgência Plenária a todos os fiéis que, em determinadas circunstâncias, visitassem a Igreja no dia 1 de Janeiro de cada ano. Pio VII, por seu lado, tendo-lhe concedido a permanência do Santíssimo Sacramento durante 10 anos, mas, não se tendo encontrado em parte alguma as «Letras» que o garantiam, pediu ao seu internúncio em Portugal, Vicente Macchi, que concedesse à Confraria a Conservação «in perpetuum» do mesmo Santíssimo Sacramento.

Estes Breves, intransmissíveis e inamovíveis, não podem passar a outra Corporação nem para outra Igreja, ou ficar válidos na mesma se esta mudar de Orago ou Invocação. Por isso, as indulgências concedidas nestes Breves encerram esta característica fundamental: são pessoais, porque foram dadas à pessoa jurídica da Confraria das Almas do Corpo Santo, pelo que só tem valor na Capela de S. Pedro Gonçalves.¹¹⁵

Mas nem tudo correria bem no termo da Cidade. Toda esta zona era, ao tempo, domínio do Priorado de Cedofeita, a quem a existência ali de uma confraria daquele tamanho e com tanta influência nos povos da região não agradava.

Aliás, teria sido por isso que, nos fins do século XVI, quem sabe se aproveitando a má vontade do governo de então para com a confraria, foi estabelecida ali muito perto a Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Boa Viagem, também ela muito dirigida aos mareantes e em cuja jurisdição se situava a Capela de Massarelos.¹¹⁶

Posteriormente, e alegando más condições dessa Igreja, por várias vezes se quis passar o serviço paroquial para o Corpo Santo, e será isso que terá levado a que, em 1804 e em 1815, antes e depois das invasões francesas e suas depredações, a Confraria tivesse despendido da sua bolsa elevadas quantias para a reparação e reedificação da Matriz. Quando, em 1862, a paroquial de Massarelos deixou a antiga igreja da Boa Viagem, que ameaçava iminente ruína, passou a igreja do Corpo Santo a servir de igreja matriz da Freguesia.¹¹⁷ Foram vários os processos que o Priorado de Cedofeita instaurou contra a Confraria, processos esses que esta pacientemente foi vencendo.¹¹⁸

¹¹⁵ A.P.M. - Tombo n.º 3, fols 1-18.

¹¹⁶ LANHOSO, Adriano Coutinho - "Nossa Senhora Protectora dos Mareantes do Velho Burgo do Porto." Boletim Cultural da C.M.Porto, 1996, Vol. XXIX, p. 80.

¹¹⁷ LANHOSO, Adriano Coutinho - "Nossa Senhora Protectora dos Mareantes do Velho Burgo do Porto." Boletim Cultural da C.M.Porto, 1996, Vol. XXIX, p. 82.

¹¹⁸ A.P.M. - Tombo n.º 2, fols n.º 1 e seguintes.

2. Os Homens e a instituição

A Confraria das Almas do Corpo Santo foi constituída por mareantes, sempre ligada ao mar e à marinha. Quizeram os confrades que o Infante D. Henrique, nascido no ano da fundação da confraria, fosse seu primeiro Juiz Honorário. Da Confraria fizeram sempre parte pessoas de vulto, muitos capitães da Índia, entre os quais D. Luís de Athayde, fidalgo e Conde de Athouguaia, que, regressando da Índia, em 1579, ofereceu à confraria, em reconhecimento pela vitória sobre os Rumes, um colar e uma cruz de «Nau de Portugal» cravejada de safiras; e D. Lopo de Almeida, com cuja fortuna foi fundado o Hospital de Santo António.¹¹⁹

Martim Ferreira, rico negociante que, em cumprimento de uma promessa que fez no Brasil a S. Telmo, ofereceu à Confraria dois brigues, o «Esmeralda» e «Nossa Senhora da Conceição».¹²⁰

Esta oferta foi feita com a obrigação do rendimento líquido dos dois brigues se destinar ao aumento da Capela; ao socorro dos irmãos necessitados e, à compra de 12 lençóis de linho, todos os anos, para dar sepultura condigna aos cadáveres dos náufragos, como é devoção da confraria.

A Confraria e os irmãos não aceitaram o domínio espanhol, tomando o partido do Prior do Crato que, depois da Batalha de Alcântara, foi perseguido, sendo acolhido pela Confraria. Foram ainda os irmãos que o fizeram sair para o Minho e aí o esconderam, para o fazerem embarcar para França, em navio da confraria.

Quando Filipe II organizou a Armada Invencível contra a Inglaterra, foram confiscados à Confraria, entre outros, os melhores navios: os brigues «Esmeralda» e «Nossa Senhora da Conceição», que como já foi referido, tinham sido oferecidos. Os membros da confraria reagiram, queimaram a bandeira espanhola e juraram vingança, pelo que foram presos o Juiz Provedor, Alfredo dos Santos Couto, e alguns dos mesários:

“Tinham os dois navios chegado há pouco das suas viagens para Portugal e quando o provedor *«a chorar»* deu conhecimento da *«intimaçam sacrilégia à marinhagem, todos os Irmãos das Almas se revoltaram»*, rasgando e queimando a bandeira de Espanha no cais que hoje se chama das *Pedras* e

¹¹⁹ BASTO, A. de Magalhães - *História da Santa Casa da Misericórdia do Porto*. Porto, 1934, p.8.

¹²⁰ A Confraria das Almas do Corpo Santo de Massarelos - *Apointamentos para a História da Cidade do Porto*. Porto, 1994, p. 12

que, dessa ocasião em diante, por expressa determinação do rei opressor, passou a denominar-se *Praia dos Insurrectos*”¹²¹

Foram juizes provedores da Confraria das Almas e Corpo Santo os Intendente da «Ribeira, Fábrica e Estaleiros do Ouro» e, assim que foram criadas as Intendências da Marinha, os Intendentes da Marinha do Porto e Províncias do Norte, sempre oficiais gerais da Armada Real.

Em 1640, durante a restauração de Portugal, a confraria mostrou-se grandemente interessada no bom êxito da revolução. É oportuno realçar o nome do capitão honorário da Armada Real, Fernando César de Carvalhais Negreiros, um dos conjurados da Revolução.

A 6 de Maio de 1643, el-rei D. João IV, por Alvará régio, concedeu privilégios e isenções marítimas aos navios que arvorassem o pavilhão das Almas do Corpo Santo, em todos os nossos portos e seus domínios.

Nesse mesmo ano, ordenou o mesmo monarca ao juiz da confraria a construção do Forte do Queijo, que ficou com a denominação de S. Francisco Xavier. Trabalharam na edificação do forte os irmãos desta Confraria, sob a direcção do juiz e do Provedor.

Parece ter estado Salvador Correia de Sá, intimamente ligado à temática marítima do século XVII¹²², é muito provável que tenha sido, um dos ilustres confrades desta Confraria.

“Na Tomada d’Angola aos Olandezes por Salvador Correia de Sá e sua heroyca Defesa em 1648.

Cantigas que á Conceiçam imaculada
da Virgem Senhora Nossa cantavam a bordo
os nossos caros Irmãos em 1649 ao despe-
dir-se da nossa Padroeira para as suas viagens
5 cantigas em honra das 5 Chagas da nossa Bandeira.

Senhora da Conceiçam
Que salvastes Portugal
Salvae as nossas Almas
Do tirano infernal

¹²¹ A Confraria das Almas do Corpo Santo de Massarelos - *Apontamentos para a História da Cidade do Porto*. Porto, 1994, p. 12

¹²² DIAS, Pedro - *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822), O Espaço Atlântico*. Navarra, 1999, Pág. 131.
Luanda - Irmandade do Corpo Santo (*S. Pedro Gonçalves Telmo*) - Igreja do Corpo Santo, 1671.

Senhora da Conceiçam
Isempa de todo o mal
Afastai de todos nós
As desgraças de Portugal

Senhora da Conceiçam
Padroeira de Portugal
Protegei D João IV
Nosso Rey que é imortal

Senhora da Conceiçam
Ancora universal
Salvai a Confraria
Que luctou por Portugal

Senhora da Conceiçam
Luz do nosso Portugal
Serás sempre da Confraria
E das Almas o Fanal.”¹²²

Por volta de 1790 ou 1791, mandou a rainha entregar a N.^a S.^a da Conceição da Nossa Igreja, por promessa e voto que fez, o véu do seu manto real, que foi trazido por Aias e Damas do seu serviço palaciano, bem como o primitivo Símbolo do S. Coração de Jesus, em forma de custódia em sol radioso, que se conserva no Altar de N.^a S.^a das Dores. Toda ou quase toda esta família está sepultada na Igreja do Corpo Santo de Massarelos.¹²³

No século XIX foi chefe de divisão da Armada Real, Luís da Mota (1807-1808); almirante, José Joaquim da Rosa Coelho (1815-1817); capitão de mar-e-guerra, Bernardino Pedro de Araújo (1832); vice-almirante, João de Sousa; capitão de mar-e-guerra, conselheiro António Ricardo Graça; e vice-almirante, José Joaquim de Andrade Pinto, o último Intendente da Marinha e o primeiro Chefe do Departamento Marítimo do Norte.¹²⁴

Napoleão Bonaparte, por decreto impõe a Portugal, a contribuição de guerra de cem milhões de Francos. Nesse mesmo decreto determina que se remeta à Casa da Moeda da cidade de Lisboa todo o ouro e prata das Igrejas, capelas e confrarias, exceptuando apenas o indispensável ao Culto. Toda a pessoa que falsificasse a declaração dos objectos existentes,

¹²² A.P.M. - Tombo n.º 9, fol. n.º 2.

¹²³ A.P.M. - Tombo 3, fol. 1.

¹²⁴ LANHOSO, Adriano Coutinho - “A Confraria das Almas do Corpo Santo de Massarelos.” Porto: O Tripeiro, Ano XIII, n.º 9, 1958, p. 11.

ou desviasse os mesmos em seu proveito pessoal, era condenada a pagar o quadruplo dos objectos não declarados ou desviados.¹²⁵

Ao portador dos objectos era emitida, pelo Tesoureiro da Casa da Moeda, uma relação dos objectos entregues, com a indicação do peso em marcos e onças e o respectivo recibo.¹²⁶

Da Confraria das Almas do Corpo Santo ficou-nos a seguinte relação:

“Massarelos relação da prata que recebi da Capela do Corpo Santo a saber

1	Lampada com cincoenta e cinco marcos e duas onças	55 marcos e 2 onças
1	dita com vinte e dois marcos e seis onças	22 marcos e 6 onças
1	dita com vinte e dois marcos e tres onças	22 marcos e 3 onças
2	Castiçais com treze marcos e seis onças	13 marcos e 6 onças
1	Crus com treze marcos e duas e meia onças	13 marcos e 2 1/2 onças
1	Crus com coatro marcos e duas onças e seis oitavas	4 marcos e 2 onças e 6 oitavas
1	Crus com tres marcos e sete onças	3 marcos e 7 onças
1	Triboenabeta com oito marcos e coatro onças	8 marcos e 4 onças
2	Galhetas e prato com seis marcos e duas e meia onças	6 marcos e 2 1/2 onças
1	Caldeira com seis marcos e quato onças	6 marcos e 4 onças
1	Bazo de labatório com dois marcos e seis oitavas	2 marcos e 6 oitavas

Recebi a dita em 17 de Janeiro de 1808 José Aves da Cunha”

Em várias épocas, o extinto priorado de Cedofeita intentou demandas contra a confraria, com o intuito de lhe absorver os rendimentos, que esta destinava ao aumento da capela e à compra de lenços de linho para embrulhar os cadáveres dos náufragos, quando fossem dados à sepultura, como era de sua devoção.¹²⁷

3. A Confraria e a acção de solidariedade económica e social.

A Confraria foi sempre muito auxiliada e defendida pelos devotos, por se dedicar, principalmente, como indicam o seu nome e origem, aos Sufrágios pelas Almas do Purgatório em geral, e especialmente pelas dos seus associados; obteve, por isso, muitas Graças, Privilégios, Isenções e outras que, no decurso dos tempos, lhe foram concedidas pelos

¹²⁵ A.P.M. - Tombo n.º 6, Fol. n.º 2.

¹²⁶ A.P.M. - Tombo n.º 6, Fol. n.º 1.

Sumos Pontífices e pelos Reis. Criaram uma caixa de socorros para as viúvas necessitadas e órfãos dos irmãos pobres, aos quais faziam os funerais e rezavam missas. Criaram marinheiros cuja escola eram os seus navios. Estabeleceram os primitivos e originais postos das novas e actuais instituições: Socorros a Náufragos, Cruz Vermelha e Bombeiros Voluntários, benéficas e humanitárias sucessoras desta confraria, no espirito evangélico que a notabilizou.¹²⁸ Em caso de sinistros, tinham todo o material necessário para acudir, imediatamente, a essas eventualidades, na altura muito frequentes.

A confraria tinha uma caixa de socorros para auxilio das viúvas e órfãos dos irmãos pobres. Tomavam os órfãos a seu cargo, ensinando-lhes marinharia a bordo dos seus navios, enterravam os mortos, com inteira obrigação para com todos os náufragos que davam à costa, velando-os e dando-lhes mortalha e sepultura, como se de verdadeiros irmãos se tratasse, conforme está registado na despesa do ano de 1701, pelo tesoureiro da Confraria das Almas do Lugar de Massarelos:

“Por dinheiro que paguei ao coveiro e huã missa que mandei dizer pela Alma hum corpo que sahio á praia que enterramos duzentos e vinte reis”¹²⁹

Manoel Rodrigues Conceição, diplomado em Teologia e Secretário da Confraria das Almas do Corpo Santo em 1920, no seu resumo do Tombo, diz-nos que ainda existia, embora danificado, o esquife dourado à volta com encaixes para 4 lanternas, onde eram transportados os cadáveres dos náufragos ou de outros desastres.¹³⁰

Tratavam também do possível auxílio a quantos se encontrassem em dificuldade no mar, dispondo para isso de todo o material ao tempo recomendado. Procuravam garantir as pessoas e os bens contra os aleatórios da navegação da época, e ainda, e já extravasando alguma coisa as suas primitivas obrigações, guardavam o dinheiro e valores que as contingências daquela época punham em risco.

¹²⁷ A.P.M. - Tombo n.º 2, fol. 1 e seguintes.

¹²⁸ A.P.M. - Tombo n.º 2, fol. n.º 1.

¹²⁹ A.P.M. - Tombo 1684-1717, Livro n.º 67, 1684, fol. n.º 33 v.

¹³⁰ A.P.M. - Tombo n.º 2, fol. 1.

4. Bens e Patrimónios da Confraria das Almas do Corpo Santo

A Ermida foi reedificada em 1584, apesar da conjuntura política não ter sido a melhor para a confraria. Esta reedificação está documentada através do contracto de 1584, entre os administradores da Igreja Nova do Corpo Santo de Massarelos e os mestres de pedraria:

«Contracto e obrigasom entre António Gonzalez Bravo, Janallvarez e Gonçalo Afonso como administradores da Igreja Nova do Corpo Santo de Maçarellos, com Domingos Doniz e André Moreira, mestres de pedraria»¹³¹

Existem documentos comprovativos da 3.^a ampliação da Capela e das despesas feitas com a sua nova transformação nos fins do século XVIII. É este documento, que é único no arquivo da Confraria, e está relacionado com a obra de reconstrução da Capela Nova de Massarelos, que a seguir transcrevo:

Folha do pagamento para os oficiais que trabalharam na capela nova de Maçarellos, desde 10 Setembro de 1776 athe 25 do dito.¹³²

Nome	Dias	Pedra	Dinheiro
Manuel José Alvares do Rego	12	240	2,880
Paulo José do Rego	12	200	2,400
Domingos Francisco	12	240	2,880
Manoel da Costa	4,5	180	0,810
Francisco Xavier	8	170	1,360
Manoel Francisco	2	160	1,920
José de Payba	12	160	1,920
António Rodrigues	8	160	1,280
Manoel de Sousa	12	160	1,920
Manoel Pinto	12	160	1,920
André de Paranhos	12	170	2,040
António da Costa	7,5	140	1,050
João Lopes	6	140	0,840
José Carvalho	9	160	1,440
Manoel Domingos	9	130	1,170
João Domingos	12	100	1,200
Bernardo Moreira	12	100	1,200

¹³¹ Arquivo Distrital do Porto, PO- 1.º- 74/76, ano 1584, fol. 1 e seg.

¹³² A.P.M. - Tombo n.º 9, fol. n.º 22.

João d'alemdorrio	12	100	1,200
Manoel Lopes	12	100	1,200
Estevo Trabalhador	12	120	1,440
Ilário da Silva	12	100	1,200
José Marques	6	90	0,540
de pedra que veio para a obra			0,555
da despesa que se fez no ferro			3,680
	Soma		38,045

Soma trinta e oito mil e cinquenta e cinco
reis que recebi para todas as despesas aqui nomeadas, he
pellos ter recebido a dita coantia declarada de trinta
e oito mil, e cinquenta e cinco reis, lhe pasei este
que assino oje Porto 25 de 7^{bro} de 1776.

Assinado: O Mestre José Alvarez do Rego”

Doutro documento, datado de 1776, da Confraria das Almas do Corpo Santo,
consta o seguinte apontamento:

“Que das esmolas feitas à mesma Confraria, e do Rendimento
das Entradas, Annaes e Condenaçõs na con
formidade dos Estatutos / Carregaçõs de fazendas
que por conta da mesma Confraria se carregam para
Brasil / Rendimentos dos pescadores, e ofertas
dos navegantes, Rendimentos
dos toques dos sinos e das Sepulturas, e a
acressimo das mordomias, tudo para a Redefica
ção desta Capella e várias compras
de terreno que se comprarão para a mesma Redifica
ção.

Há em ser huma letra da quantia 351\$750
e 2 Apolices cada hua de
100\$000, emprestimo feito ao Real Ira-
rio, de cujos Rendimentos se satisfazem varios
legados a que esta Confraria he obrigada a
cumprir.”¹³³

Em 1776, os Confrades pediram ao Bispo de Tuy D. Dominguez Fernandez y
Angelo, uma relíquia do Corpo Santo. O Bispo satisfez-lhes a devoção e enviou a Provisão,
escrita em idioma galaico do Século XVIII, concedendo à Confraria das Almas do Corpo
Santo de Massarelos a preciosa Relíquia do seu glorioso padroeiro S. Pedro Gonçalves Telmo:

¹³³ A.P.M. - Tombo 9, fol. n.º 26.

“En la Ciudad de Tuy a diez yocho dias del mez de Abril de mil sietecientos setenta y siete habiendose abierto el altar de las Reliquias de esta Santa Iglezia con la presencia del Ill.^m Señor D. Domingo Fernandez Angelo, Obispo y Señor de esta ciudad y del Convento de Suya Ill.^m Iglezia, con asistencia de D. Francisco Blanco, Dignidad y Mestre Escuela, y D. Joan António Rodriguez, Canónicos de esta Santa Iglesia,... entregó y donó por parte de Suya Señoria Ill.^m y del Cabido de esta Santa Iglezia de Tuy a la Congregaçion de la feligrezia de Mazarelos suburbios de la Ciudad de Oporto, Reyno de Portugal, con la condicion de colocarla en la Capilla nuevamente fabricada en honor de Telmo, para cuyo efecto aprueba Suya Señoria Ill.^m la dicha Relíquia, para que se pueda venerar y adorar poublicamente como parte del Cuerpo del dicho Santo...”¹³⁴

Penso que houve uma 4.^a reedificação, uma vez que a Mesa da Confraria das Almas do Corpo Santo a requereu à Câmara Municipal do Porto em 1877, sendo esta obra efectuada na casa da Sacristia a acrescentar, junto à sua Igreja pelo lado do Rio Douro.¹³⁵

5. Embarcações e Propriedades

5.1. Embarcações

O navio caracterizava-se, pela sua capacidade de carga, intermediária entre a nau e a caravela. O navio era veloz e, facilmente convertível em barco de guerra ou de pesca do alto-mar. Transportava entre 80 e 150 toneladas. Comportava três mastros convencionais e velame redondo, à excepção do mastro de popa, que ostentava vela triangular.

A entrada de um navio em qualquer porto, obrigava ao cumprimento de uma série de formalidades, sempre sob vigilância atenta das autoridades. A embarcação estava sujeita a rigorosas inspecções por parte das autoridades alfandegárias, dos serviços sanitários e dos poderes inquisitoriais.

As mercadorias embarcadas, devidamente identificadas com a marca oficial, acorrentadas e embaladas, faziam-se acompanhar de um documento denominado «conhecimento de bordo», ficando o duplicado em posse do mercador. Na confraria do Corpo

¹³⁴ A.P.M. - Tombo n.º 4, fl. 6.

Santo apenas restam 5 destes documentos, os quais nos permitem identificar quatro navios e uma nau:

Ano	Tipo de Barco	Nome	Comandante
1741	Navio	São João da Foz	Capitão António Santos
1741	Navio	N. ^a S. ^a da Conceição e São Felipe	Capitão João Pinto Homem
1741	Navio	Santo António de Lixboa	Capitão Francisco da Costa Martiz
1741	Navio	S. Pedro Felis	Capitão Manoel Dias Pereira
1741	Nau	Sr. ^a da Conceição e Almas	Capitão João da Costa Carlos

Quadro n.º 1 Embarcações

Está documentado, através de exemplares de embarque de mercadorias da Confraria em 1741, nome de alguns dos navios que possuía na centúria de setecentos: São João da Foz; Santo António e Lisboa; S. Pedro; S. Félix; N.^a S.^a da Conceição e Almas; N.^a S.^a da Conceição e S. Philippe. Este era um navio que a seguir se transcreve:¹³⁶

Com privilegio de Sua Magestade, para que só destes conhecimentos se uze
Digo eu João Pinto Homem¹³⁷ visinho de Porto e cappitam
que sou do navio que Deos salve, por nome N.^a Sr.^a da Conceição e São Felipe
que ao presente està furt[a], e ancorad[a], no porto desta cidade do Porto.
para com o favor de Deos seguir viagem ao porto da Bahia onde he minha
direita descarga, que he verdade, que recebi, e tenho carregado dentro n[o], dito
debaixo de cuberta, enxut[a], e bem acondicionado de Domingos António Escovial/
hum pacote em que dis vam coatrocentos e treze varas
de pano de linho ordinario que declarou fazer por conta e risco do Corpo Santo e
Almas de Massarellos.

Marcad[oria], com a marca de fora, o qual me obrigo, e prometo, levandome Deos a
bom sal
vamento a dito navio no dito porto, de entregar em nome do sobredito ao Cappitam
Davim Marques de Oliveira auzente António João Pereira na de
anbos a Simão Pinto de Queirós nos mais presentes o procurador
dos proprietários da Companhia.

Pagandome de frete grates
Para assim cumprir, e guardar, obrigo minha pessoa, e bens, e [o], dito navio
Em certeza do qual dei quatro conhecimentos de hum theor, assinados por mim, ou por

¹³⁵ A.H.M.P. - Livro LX de Plantas de Casas, fl. 7-9.

¹³⁶ A.P.M. - Tombo n.º 9, fol. n.º 3.

¹³⁷ Ver Aprndice documental IV.

Meu Escrivão, hum cumprido os outros não valhão. Feito em Oporto 14 de Abril de 1741.

(Assinado:) João Pinto Homem

(Do lado esquerdo do texto:) Corpo Santo e Almas n.º 2

5.2. Propriedades

A confraria administrava um pequeno conjunto de propriedades, algumas das quais, foram obtidas através de legados dos benfeitores, estando representadas neste Quadro:

Quadro n.º 2

As Propriedades da Confraria das Almas do Corpo Santo de Massarelos

Tipo de propriedade	Localização	Arendatário	Ano	Pensão (Réis)
Casas	Banhos	Maria João	1685	10,000
Casas	Banhos	Luís da Fonseca e Sousa	1689	10,000
Quintal	Bica	Domingos Lopes Porto	1693	3,000
Casas	Banhos	Cónego António Luís da Costa (Legado)	1693	10,000
Quintal da Teresa	Batalha		1696	3,700
Casas		Gaspar de Campos	1698	0,100
Casas	Banhos	Manoel Pinto	1701	10,000
Quintal		Simão Pinto de Miranda	1701	3,700

6. A Fábrica da Confraria da Almas da Capela de S. Pedro Gonçalves

A fábrica da capela é a entidade económica que subvenciona todas as necessidades do culto público, ou seja, a administração temporal que preside, guarda e dispõe do recheio geral do templo.

No inventário¹³⁸ relativo aos anos de 1754 a 1773 estão registados: numerosas peças de prata e ouro (cerca de 113 peças) e, toda a fábrica da Capela de S. Pedro Gonçalves, que incluía seda, lã, linho, latão e pau, descritas por ordem alfabética, para facilitar a consulta em caso de necessidade.

Os inventários constituíam uma prática anual das confrarias. Eram indispensáveis para evitar roubos e desvios de peças. Eram elaborados pela mesa cessante e conferidos pela nova. Versavam sobre bens móveis: pratas, paramentos e pequenas alfaías do culto. Não nos vamos referir a todos os inventários feitos pelos mordomos da Confraria das Almas do Corpo Santo. Foram, provavelmente muitos mas, o que atrás foi discriminado e transcrito na totalidade, permite-nos ajudar a datar algumas peças, que ainda hoje possam eventualmente existir.

Como único documento relativo ao tratamento dos bens e património da confraria, dispomos apenas de um documento tardio de 1754. Não dispomos por isso dos primeiros bens e da sua evolução até essa data. Todavia, os bens e patrimónios das instituições eclesiásticas ou para eclesiásticas ficaram consolidados desde o século XVII não se registando, de um modo geral, e salvo casos excepcionais, alterações significativas nesses bens.¹³⁹ É de supor, por isso, que a confraria de Massarelos não tenha saído muito desses parâmetros e tenha consolidado o genérico do seu património do século XVII. Nesta altura, aliás, verifica-se um crescimento dos “portos secundários”, Porto, Viana, Vila do Conde, Aveiro, que registam, os seus períodos de maior prosperidade mercantil.¹⁴⁰

Deste documento, damos, por isso em detalhe, no Apêndice II, o inventário da Fábrica da Confraria respeitante aos anos de 1754 a 1773, que esquematizamos por ordem alfabética.

7. Rendimento e Despesa

Uma vez que, apenas tratamos o Tombo¹⁴¹, relativo aos anos de 1684-1702, damos, por isso em detalhe, as rubricas que parecem ter constituído o núcleo principal do

¹³⁸ A.P.M. - Livro 59, Tombo Inventário, 1754.

¹³⁹ OLIVEIRA, Aurélio - *Bens e Património Eclesiástico Durante a Época Moderna*. Congresso da Associação Internacional de História Económica e Social, Madrid, 1999.

¹⁴⁰ CORTESÃO, Jaime - *Geografia e Economia da Restauração*. Vol. II, Lisboa, 1940. MAURO, Frédéric - *Le Portugal, Le Brasil et l'Atlantique aux XVII^e et XVIII^e Siècles Etude Economique*. Paris, 1983.

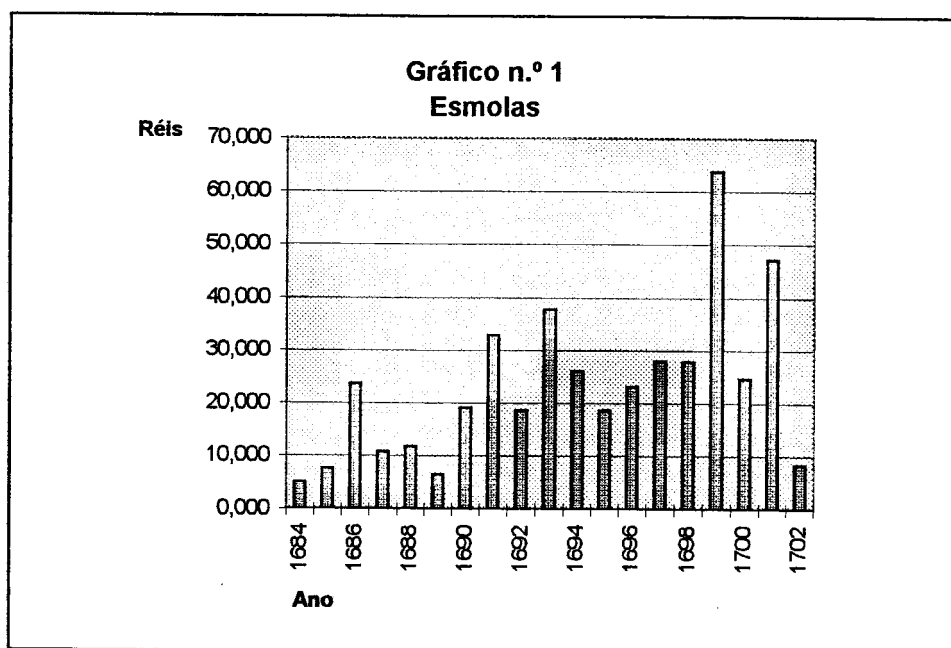
¹⁴¹ A.P.M. - Livro 67, Diário Receitas Despesas, 1684. Fols. 1-51.

rendimento e despesas da Confraria. Esse património sintetizamos-lo nos gráficos n.º 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13 e 14, remetendo a especificidade das rubricas para o apêndice I.

7.1. Rendimento

As fontes de rendimento da confraria tinham várias proveniências. Referimo-nos a algumas das rubricas identificadas e inventariadas como por exemplo: as esmolos, entradas dos irmãos, condenações, pensões que os arrendatários pagavam à confraria, juros dos penhores, os anais, as entrada de irmãos, os legados, o aluguer, vendas e serviços prestados à comunidade.

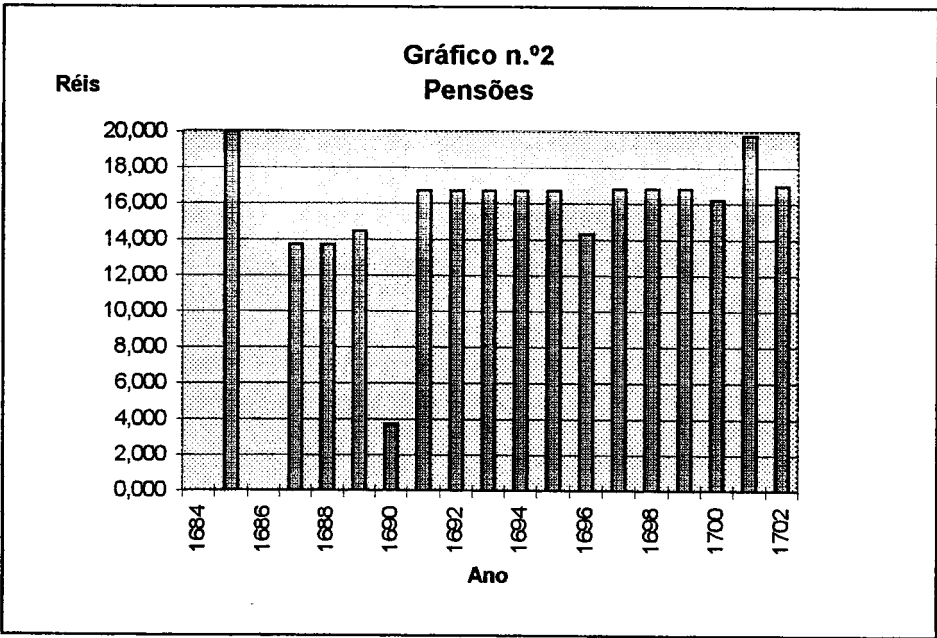
Porém convém destacarmos as principais rubricas das receitas da instituição: as esmolos representam um encaixe de receitas que apesar de não apresentarem um crescimento regular, podemos verificar que, em alguns anos, esta rubrica tem um crescimento acentuado atingindo um pico no ano de 1699. É provável que factores de ordem religiosa se tenham reflectido na mudança de século, tendo contribuído para um aumento considerável das esmolos, principalmente nos anos de 1699 e 1701, conforme nos demonstra o gráfico:



A posse de terra e habitação são sinónimos de riqueza e prestígio social. Nobres, clérigos e burgueses tornaram-se tradicionais investidores. O dinheiro das cidades, ganho no comércio e serviços citadinos, tendia a ser aplicado no mundo rural.

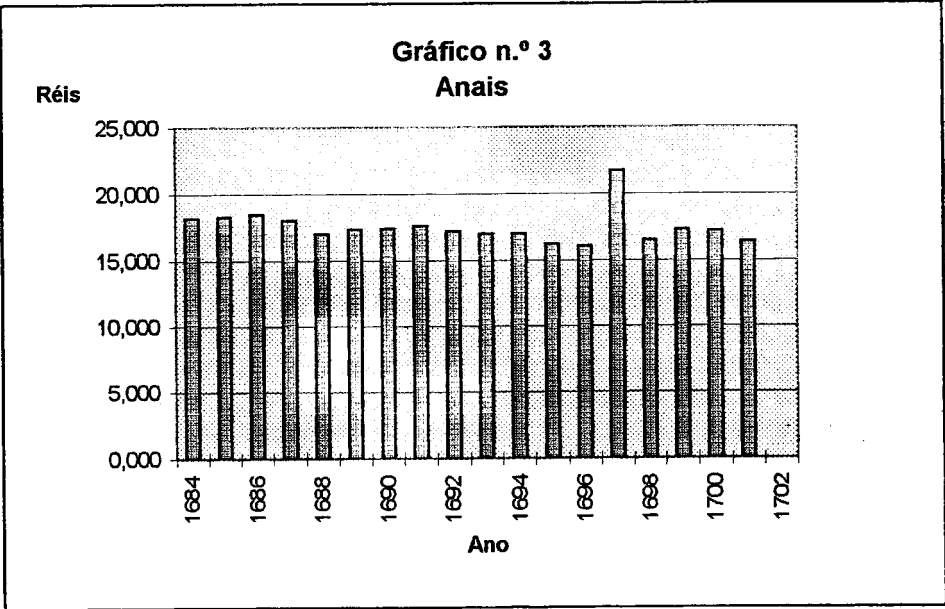
A Confraria das Almas do Corpo Santo de Massarelos adquiriu, por compra ou doação um pequeno conjunto de prédios rústicos e urbanos. Constituía uma forma de valorizar o património e rentabilizar o capital. É muito provável que as propriedades rústicas estejam representadas no mapa com os valores mais baixos, por exemplo, o “quintal da Teresa” com uma pensão de 3,700 réis; as propriedades urbanas nos valores mais elevados, por exemplo, as “casas dos Banhos” de Luís da Fonseca e Sousa, com um valor de 10,000 réis.

Os rendimentos que a confraria obtinha através destas pensões, embora não atingissem valores muito elevados, eram contudo constantes, excepto os anos de 1686 e 1690, que apresentam um rendimento nulo ou inferior aos quatro mil réis, como podemos verificar no gráfico das pensões:

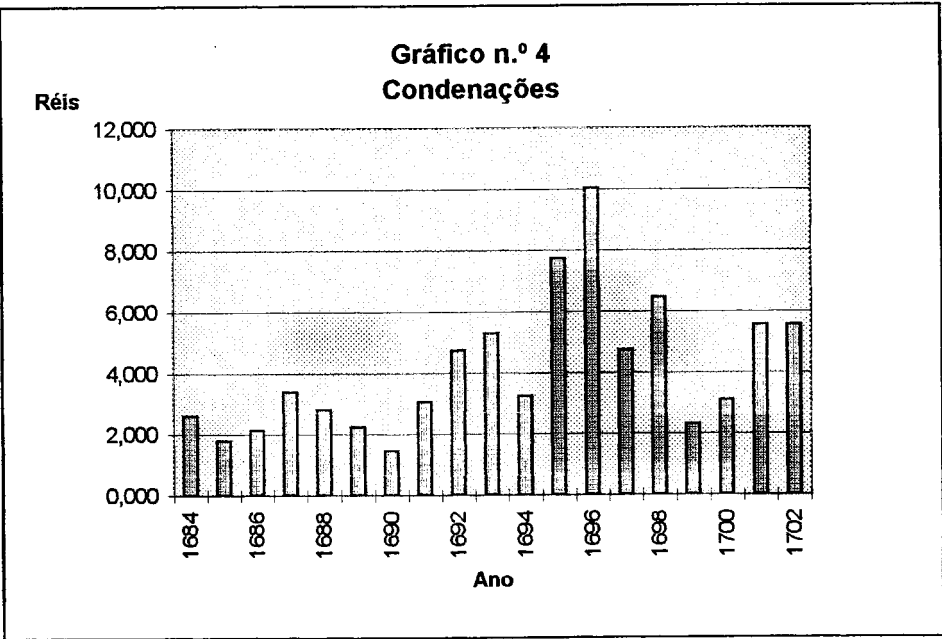


Devemos também fazer referência aos rendimentos estatutários, isto é, os que estão regulamentados nos compromissos, em especial as cotizações dos confrades, as entradas de novos irmãos para a confraria e as condenações.

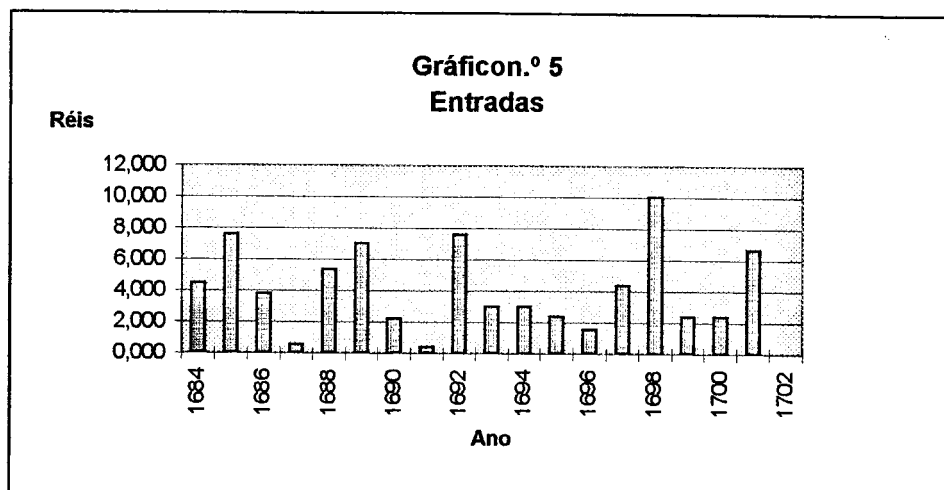
Relativamente aos anais, verificamos um rendimento constante, atingindo uma média de aproximada de 17000 réis anuais, se demonstra no respectivo mapa:



As condenações entravam como receita e estavam regulamentadas nos estatutos da confraria do Corpo Santo de Massarelos. Os confrades eram multados quando cometiam infracções graves:

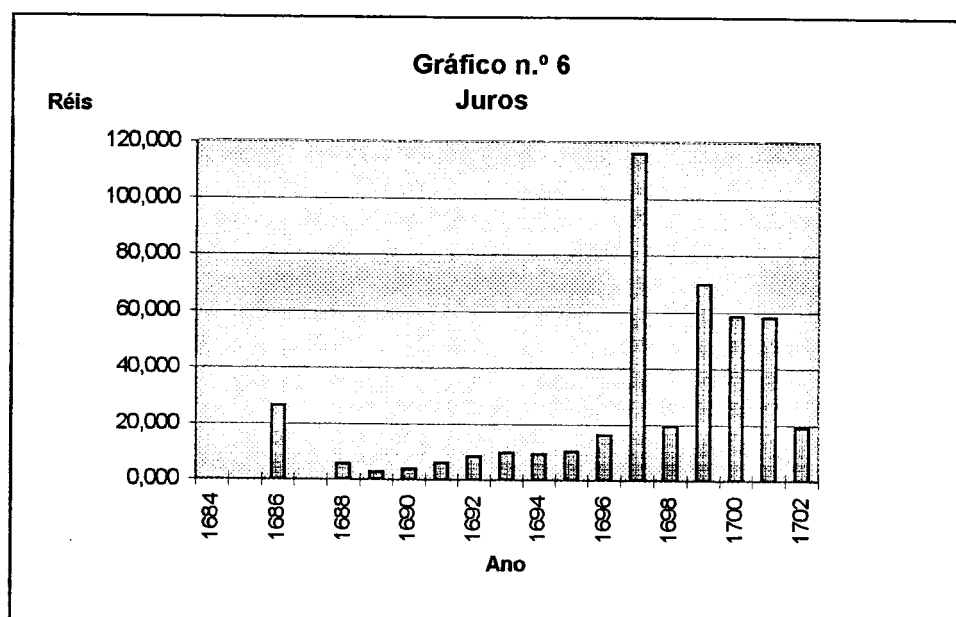


O gráfico das entradas dos novos irmãos:

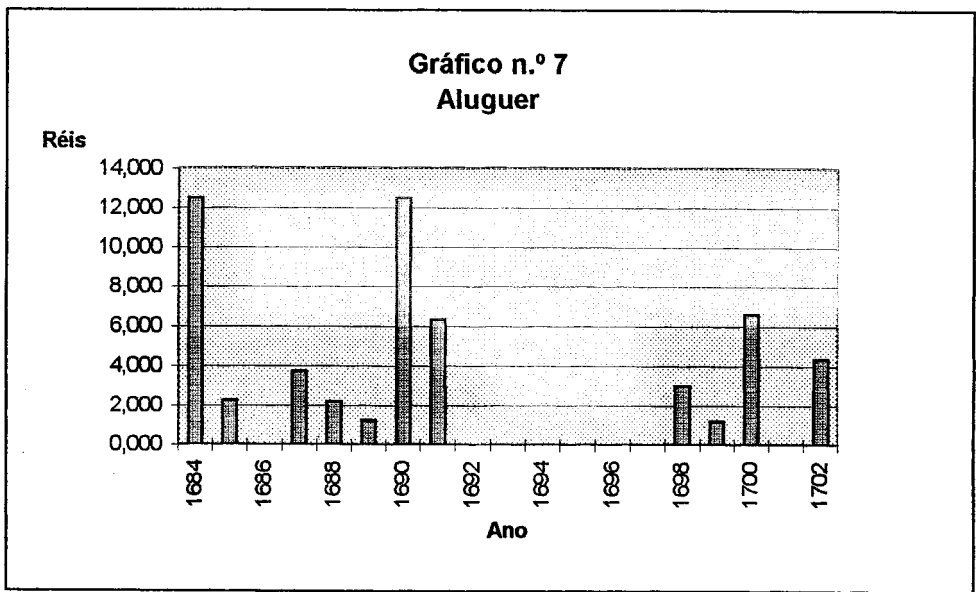


Os juros representavam, também, uma forma de rendimento bastante lucrativa para a instituição, visto que os confrades recorriam ao crédito para fazer face aos infortúnios do quotidiano.

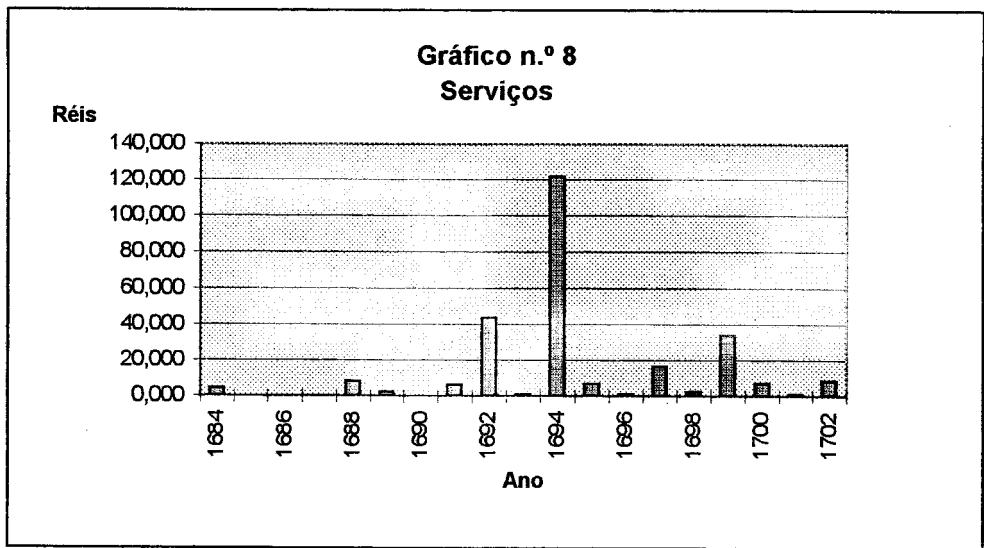
O recurso ao crédito acentua-se no período compreendido entre 1690 a 1702:



Além das receitas referidas, faziam parte, embora em menor percentagem o aluguer das campas, esquife:



Usufruíam, também, receitas na prestação de serviços à comunidade, como era o caso de acompanhamento nos funerais:

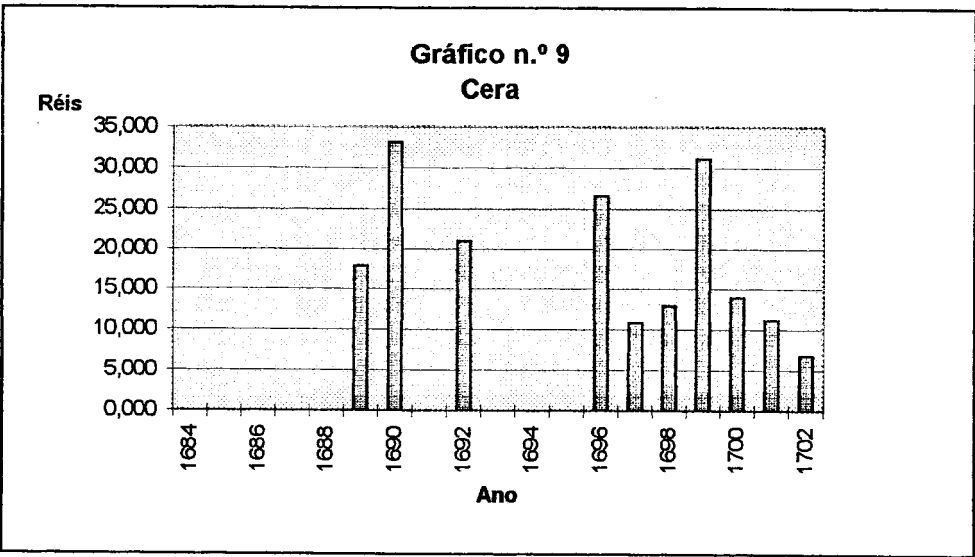


Podemos assim dizer que, no que respeita a receitas constantes para a mesa da confraria, entram: as pensões, os anais e os juros cobrados. Representam assim estas três rubricas a maior parte do rendimento total, o que permite à tesouraria da confraria estabilidade financeira.

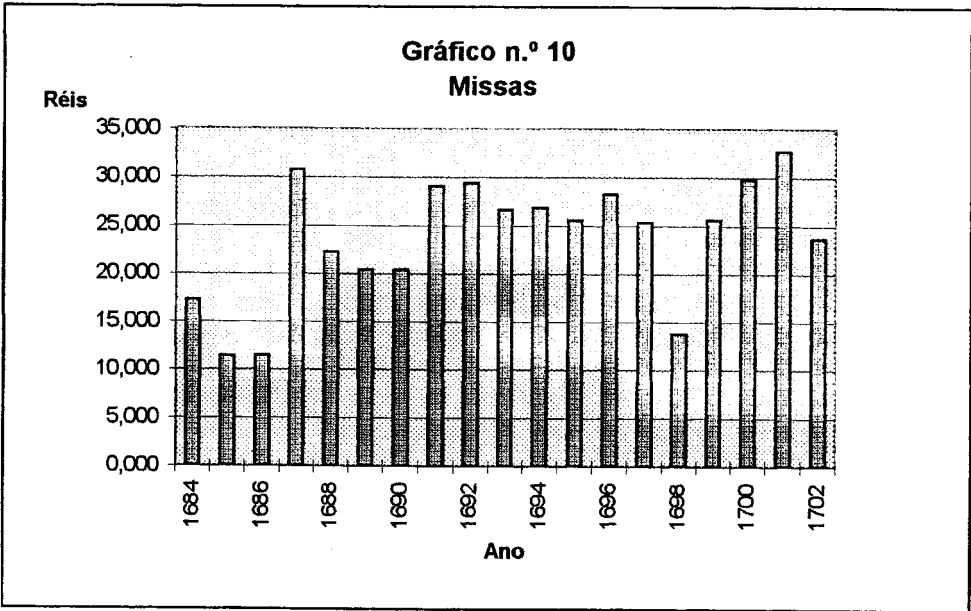
7.2. Despesas

As despesas a que a confraria do Corpo Santo tinha que fazer face eram variadas. Podemos referir as de função religiosa: serviços fúnebres e missas pelas almas dos confrades e benfeitores; a celebração de festividades; a manutenção da capela, obras de restauro, compra de objectos de culto e mobiliário da confraria, como por exemplo, bandeiras, missais candelabros, etc.

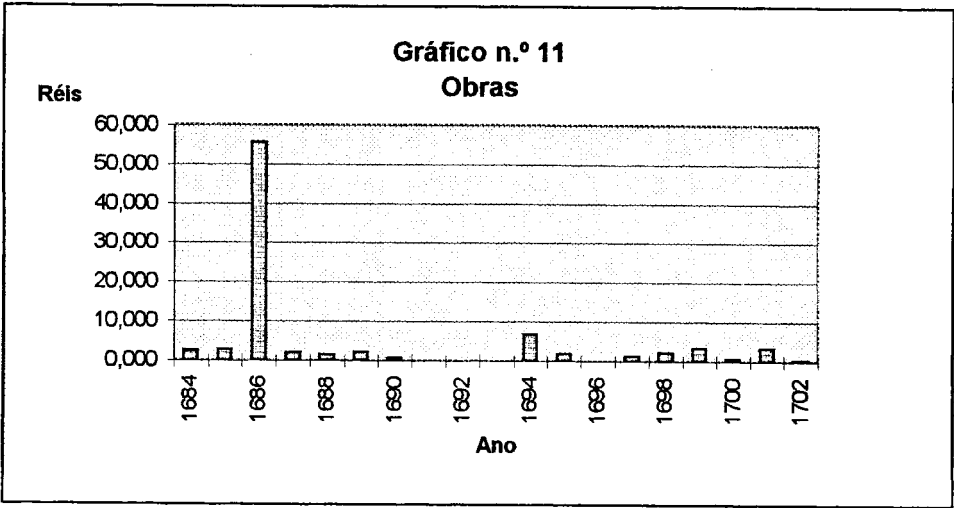
A rubrica da cera, necessária para a feitura dos círios e tochas que os confrades levavam na procissão:



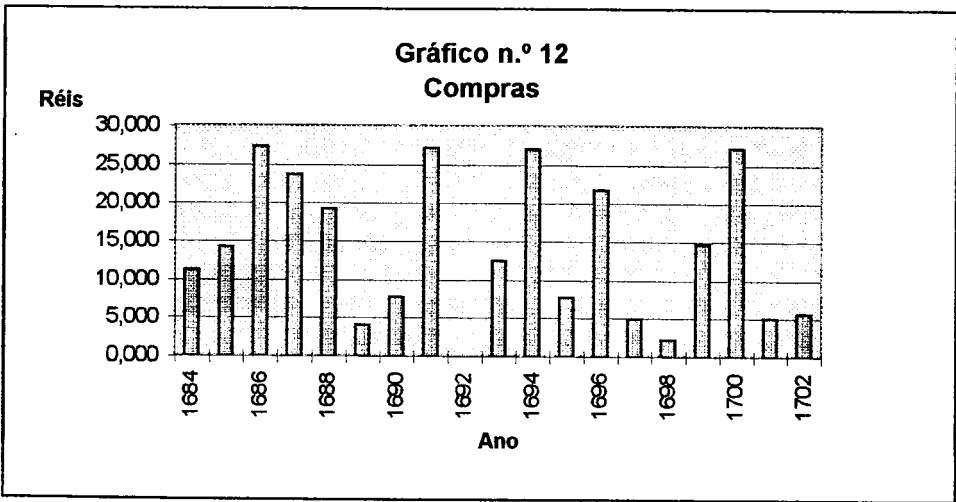
Contudo, a despesa em cera alargava-se também ao círio pascal e missas que mandava dizer pela alma dos seus defuntos.



As propriedades eram quase todas fruto de doações ou legados de certos benfeitores. Nos documentos de doação eram estabelecidas várias contrapartidas, que a confraria tinha de cumprir em favor das suas almas, nomeadamente, mandar rezar missas e auxiliar os pobres.

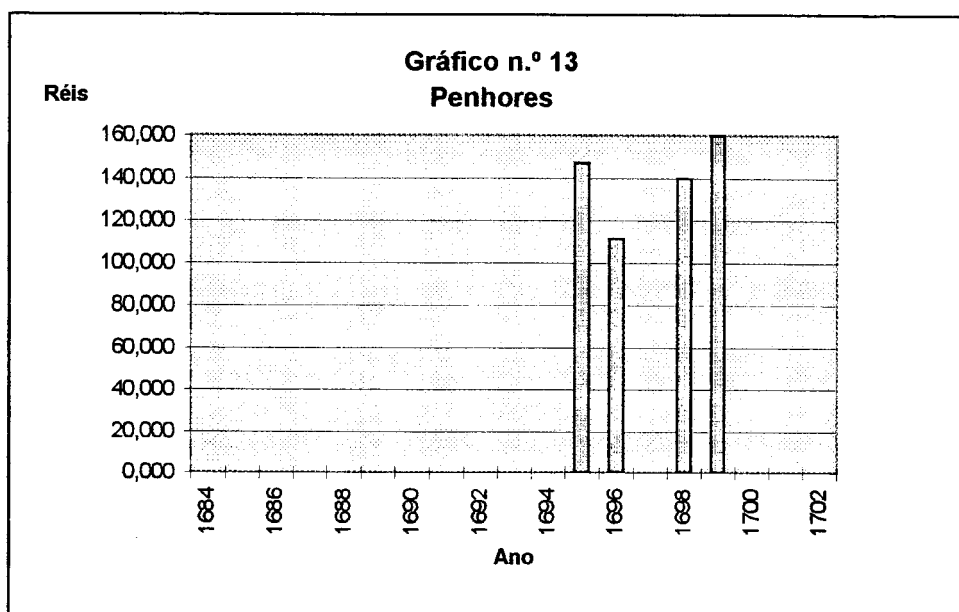


Podemos ver os pequenos arranjos, em que se gastaram pequenas quantias, e as grandes obras, para as quais foi necessário, dispender avultadas verbas, como representámos no gráfico. No que se refere às obras mais dispendiosas, a obra de empreitada da Sacristia, no ano de 1696, representou um uma despesa no valor de 55,90 réis.

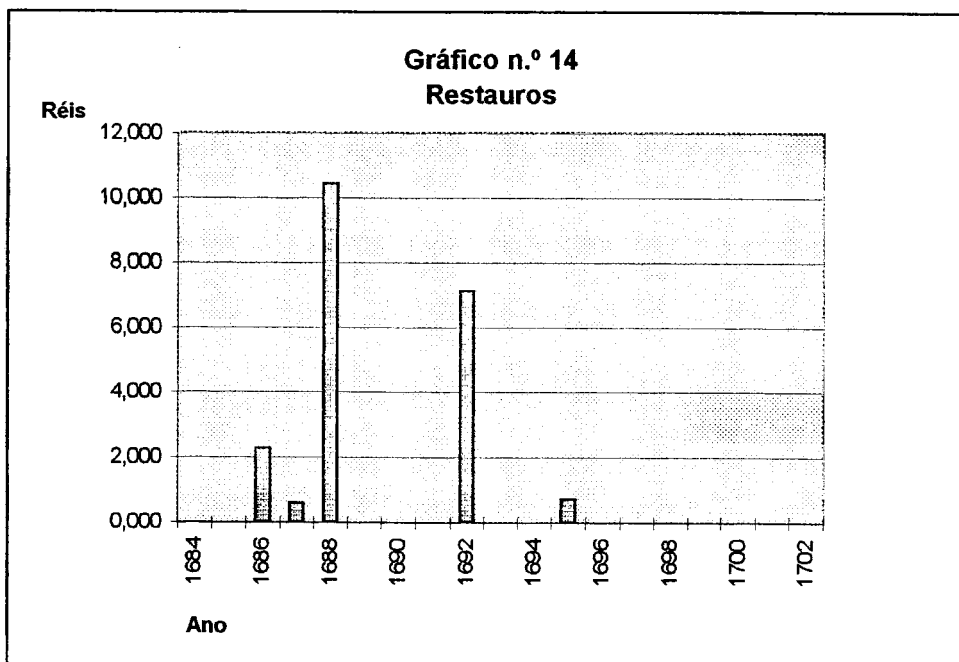


Efectuaram-se compras de materiais, para a manutenção da capela; para compra de objectos de culto e mobiliário: candelabros, missais, etc., como podemos verificar no gráfico n.º 12.

Entrava, também, como despesa, o dinheiro emprestado através de penhores:

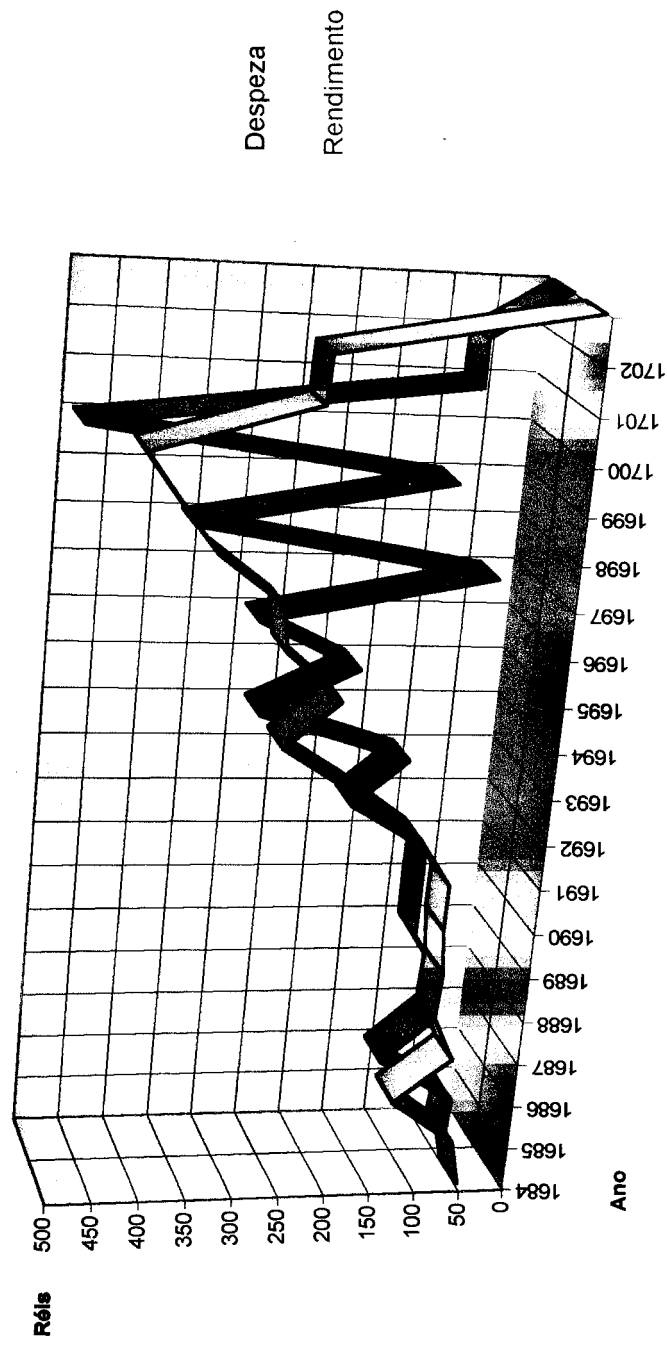


As despesas com os restauros, limitam-se a determinados anos, provavelmente devido a necessidade de conservação de algumas peças de mobiliário da capela:



Entre as despesas fixas da confraria contam-se as que se relacionam com os referidos encargos para com as almas dos confrades e benfeitores, em regra ligados à celebração das missas e ao auxílio a prestar aos necessitados. Também entram nas despesas fixas a rubrica das aquisições.

Confraria das Almas do Corpo Santo de Massarelos



No Mapa n.º 15, o período compreendido entre 1684 e 1696, verifica um equilíbrio entre o rendimento e as despesas. No entanto, a partir de 1687 até 1699 verificas-se um crescimento acentuado das receitas em relação às despesas.

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

A Confraria de Massarelos parece ter sido uma das mais antigas. É provável que as mais fortes articulações da devoção de S. Telmo desta e doutras confrarias de Portugal, sejam com as suas congéneres da Galiza. Existiam, desde muito longa data, ligações entre estas regiões, em particular a partir do século XIII, quando se difunde o culto de S. Telmo. Este articula-se com o proselitismo das novas Ordens Mendicantes, tão ligadas aos cultos heterodoxos e à expansão mercantil, de que as comunidades pesqueiras, neste ocidente peninsular, foram os mais poderosos agentes.

A raridade da documentação existente e a brevidade da apresentação do trabalho tornou impossível mais longa consideração sobre os bens e patrimónios da instituição, como era nosso primitivo propósito. Por isso, aproveitamos para traçar um primeiro quadro. Julgamos, no entanto, ter-se verificado a difusão e instalação destas confrarias marítimas em toda a costa portuguesa. Pensando ter dado um primeiro contributo para o estudo desta problemática entre nós.

Desta inventariação, das fontes bibliográficas consultadas e da ponderação de alguns documentos referidos, se constata que muitas dessas confraria são muito anteriores à primeira referência documental que sobre elas aparece.

Foi esta Época que serviu à cartografia que efectuamos mas fica aberta a pista para uma investigação que possa penetrar mais profundamente na obscuridade dos tempos de algumas delas.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

ANDRÉS ORDAX, Salvador - *Un Patrono para los Navegantes Portugueses: «O Corpo Santo»*. Tomo V (El Área Atlántica. Portugal y Flandres) In *Las Sociedades Ibéricas y el Mar a Finlaes del Siglo XVI*, Universidad de Valladolid.

AVELAR, Ana Filipe Sá e Serpa Gomes de - *O Compromisso da Confraria de Setúbal de 1330*. Policopiado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1996.

BARBOSA, Viriato - *A Póvoa de Varsim - Ensaio da História desta Vila*, 1972.

BARROS, Amândio Jorge Morais, *A Confraria de S. Pedro de Miragaia do Porto no Século XV*, (Dissertação de Mestrado em História Medieval), FLUP, Porto, 1991.

BASTO, A. de Magalhães - *História da Santa Casa da Misericórdia do Porto*. Porto, 1934.

BEIRANTE, Maria Ângela Godinho Vieira da Rocha - *Confrarias Medievais Portuguesas*. Lisboa, 1990.

BRÁSIO, António - *As Confrarias Medievais do Espírito Santo, Paradigmas das Misericórdias*. Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1982.

CAMPOS, Fernando - *O princípio da organização corporativa através da História*. Lisboa, Edições da Nação Portuguesa, 1936.

CLETO, Joel Alves C. e OLIVEIRA, Maria José - *Confrarias do Concelho de Matosinhos. O Tripeiro*, 7.^a Série, Ano XII / n.º 5, Maio, 1993.

CONFRARIA DAS ALMAS DO CORPO SANTO DE MASSARELOS - *Apontamentos para a História da Cidade do Porto*. Porto, 1994.

CORTESÃO, Jaime - *História dos Descobrimentos Portugueses*. Vol. I, Lisboa, 1978.

CORTESÃO, Jaime - *Geografia e Economia da Restauração*. Vol. II, Lisboa, 1940.

BASTO, A. de Magalhães - *História da Santa Casa da Misericórdia do Porto*. Porto, 1934.

COSTA, Américo - *Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular*. Vol. VI, Porto.

COSTA, Martins da - “Irmandades e Confrarias da Póvoa de Varzim.” Separata do Boletim Cultural, Póvoa de Varzim. Vol. XVII, n.º 1, 1978.

“Descoberta da Arte do Tempo de D. Manuel II”. O Comércio do Porto, Porto: 9 Ago. 2002.

FILGUEIRAS, Octávio Lixa - *O Barco Poveiro*. Câmara Municipal da Póvoa do Varzim, 1995.

GOODOPHIM, Costa - *A Associação*. Lisboa, Seara Nova, 1974.

IRIA, Alberto - *Descobrimientos Portugueses*. INIC, Lisboa, 1988, Vol. II, Tomo I.

LANHOSO, Adriano Coutinho - “A Confraria das Almas do Corpo Santo de Massarelos.” Porto: O Tripeiro, Ano XIII, n.º 9, 1958.

LANHOSO, Adriano Coutinho - “Nossa Senhora Protectora dos Mareantes do Velho Burgo do Porto.” Boletim Cultural da C. M. do Porto, Vol. XXIX, 1966.

LEAL, Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho - *Portugal Antigo e Moderno. Diccionario Geographico, Estatístico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal*. Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Cardosos, 1882, Vols. I-X.

MAGALHÃES, Joaquim Antero Romero - *Algarve Económico Durante o Século XVI*. Lisboa, Edições Cosmos, 1970.

MARQUES, João Martins da Silva - *Descobrimientos Portugueses*. Vol. III, Lisboa, Instituto para a Alta Cultura, 1944.

MARQUES, José - *Antecedentes das Misericórdias Portuguesas*. Viana do Castelo, Centro de Estudos Regionais, 2001.

MARQUES, José - *Os pergaminhos da confraria de S. João do Souto da Cidade de Braga (1186-1545)*, sep. De "Bracara Augusta", Vol. 36, Braga, 1982.

MAURO, Frédéric - *Le Portugal, Le Brasil et l'Atlantique aux XVII Siecle Etude Economique*. Paris, 1983

MOREIRA, António Fernandes Moreira - *Os Mareantes de Viana e a Construção da Atlantidade*. Viana do Castelo, Câmara Municipal, 1994.

NEVES, Francisco Ferreira - *A Confraria dos Pescadores e Mareantes de Aveiro (1200 - 1855)*. Separata do Vol. XXXIX do Arquivo do Distrito de Aveiro, Aveiro, 1973.

OLIVEIRA, Aurélio; CRUZ, Maria Augusta Lima; GUERREIRO, Inácio; DOMINGUES, Francisco Contente - *História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa*. Universidade Aberta, Lisboa, 1990.

OLIVEIRA, Aurélio de; GARCIA LOMBARDEIRO, Jaime - "Alguns dados em torno das relações económicas entre o Porto e a Galiza na Época Moderna" - Sec. XVII, XVIII. In «Revista de História», Vol. II, Porto, 1979.

OLIVEIRA, Aurélio - *Bens e Património Eclesiástico Durante a Época Moderna*. Congresso da Associação Internacional de História Económica e Social, Madrid, 1999.

OLIVEIRA, Eduardo Freire de - *Elementos para a História do Município de Lisboa*. C. M. Lisboa, Lisboa, 1882, Tomo I-XVII

OLIVEIRA, Aurélio - *Do Porto a Pontevedra Os Tratos Marítimos no Noroeste Peninsular Séc. XII - XVII*. Pontevedra, 2001.

RIBEIRO, João Pedro - *Índice Chronologico Remissivo da Legislação Portuguesa*. Lisboa, 1805.

RIBEIRO, Victor - *História da Beneficência Pública em Portugal*. Coimbra, 1907.

RUMEU DE ARMAS, António - *Historia de La Prevision Social en España*. Madrid. 1958.

SANTA ROSA de Viterbo, Joaquim de , frei - *Elucidário das Palavras, Termos e Frases*. Edição Crítica FIÚSA, Mário, Vol. I, II, Porto, Civilização Editora, 1983.

SARAIVA, António José - *Os Lusíadas*. Figueirinhas, Porto, 1982.

SILVA, José Justino de Andrade e - "Collecção Chronológica da Legislação Portugueza: Compilada e Annotada 1603 - 1612." Lisboa, Imprensa de J. J. A. Silva, 1854.

SILVA, Francisco Ribeiro da - *Porto, Noroeste de Portugal e Galiza: Achegas para o Estudo dos Intercâmbios e Influências (1580-1640)*. Separata do Boletim Cultural da C.M.P., 2.^a Série, vol. 3 / 4 - 1985/86.

SOUSA, Francisco de Almeida e - "A Confraria das Almas do Corpo Santo". Porto: O Tripeiro, 7.^a Série, Ano XI, n.º 3.

VAUCHEZ, André - *A Espiritualidade da Idade Média Ocidental Séc. VIII - XIII*. Lisboa, Editorial Estampa, 1995.

ÍNDICE

ÍNDICE

QUADROS E GRÁFICOS

QUADROS

Quadro n.º 1 -	Embarcações da Confraria das Almas do Corpo Santo de Massarelos -----	pag. 81
Quadro n.º 2 -	Propriedades da Confraria das Almas do Corpo Santo de Massarelos -----	pag. 82

GRÁFICOS

Gráfico n.º 1 -	Esmolas -----	pag. 84
Gráfico n.º 2 -	Pensões -----	pag. 85
Gráfico n.º 3 -	Anais -----	pag. 86
Gráfico n.º 4 -	Condenações -----	pag. 86
Gráfico n.º 5 -	Entradas -----	pag. 87
Gráfico n.º 6 -	Juros -----	pag. 87
Gráfico n.º 7 -	Aluguer -----	pag. 88
Gráfico n.º 8 -	Serviços -----	pag. 88
Gráfico n.º 9 -	Cera -----	pag. 89
Gráfico n.º 10 -	Missas -----	pag. 89
Gráfico n.º 11 -	Obras -----	pag. 90
Gráfico n.º 12 -	Compras -----	pag. 90
Gráfico n.º 13 -	Penhores -----	pag. 91
Gráfico n.º 14 -	Restauros -----	pag. 91
Gráfico n.º 15 -	Rendimento e Despesas da Confraria das Almas do Corpo Santo de Massarelos -----	pag. 92

ÍNDICE

MAPAS

Mapa n.º 1 -	Séc. XIII -----	pag. 31
Mapa n.º 2 -	Século XIV -----	pag. 35
Mapa n.º 3 -	Séc. XV -----	pag. 43
Mapa n.º 4 -	Séc. XVI -----	pag. 49
Mapa n.º 5 -	Séc XVII -----	pag. 59
Mapa n.º 6 -	Séc. XVIII -----	pag. 63
Mapa n.º 7 -	Sécs XIII-XVIII -----	pag. 67
Mapa n.º 8 -	Mapa da Cidade do Porto (Confrarias de mareantes) -----	pag. 36

APÊNDICE I

Rendimento da Confraria das Almas do Lugar de Massarelos

1684	Esmolas	Entradas	Condenações	Pensões	Juros	Anals	Dávidas	Aluguer	Vendas	Serviços	Receitas do ano anterior	Recetas
	0,500	4,480	2,600			18,140		1,700		4,000		31,420
	0,500							0,800				1,300
	4,000							10,000				14,000
												0,000
												0,000
												0,000
												0,000
												0,000
												0,000
												0,000
Totais	5,000	4,480	2,600	0,000	0,000	18,140	0,000	12,500	0,000	4,000	0,000	46,720

A.P.M., Tombo B, fol. n.º 2

Despesas da Confraria das Almas do Lugar de Massarelos

[illegible]

Balanco anual das receitas e despesas: 13,520

Rendimento da Confraria das Almas do Lugar de Massarelos

1686	Esmolas	Entradas	Condenações	Pensões	Juros	Anals	Dávidas	Aluguer	Vendas	Serviços	Receitas do ano anterior	Receitas
	3,500	3,800	2,140		26,250	18,460	10,000		9,000		25,690	98,840
	0,200						2,400					2,600
	6,300						0,850					7,150
	0,200						3,480					3,680
	3,480						3,700					7,180
	0,200											0,200
	4,050											4,050
	0,500											0,500
	2,000											2,000
	0,250											0,250
	3,000											3,000
Totais	23,680	3,800	2,140	0,000	26,250	18,460	20,430	0,000	9,000	0,000	25,690	129,450

Despesas da Confraria das Almas do Lugar de Massarelos

1686	Compras	Obras	Jornais	Juros	Missas	Restauro	Transporte contas	Festas	Embargos	Consertos	Serviços	Despesas
	13,120	12,000	10,180	0,700	9,950	1,100		2,000				49,050
	0,330	0,600		4,730	1,400	0,900						7,960
	3,980	11,880			0,160	0,290						16,310
	0,500	18,500										19,000
	1,350	0,150										1,500
	2,160	0,400										2,560
	1,400	1,920										3,320
	0,850	3,450										4,300
	1,000	7,000										8,000
	0,850											0,850
	0,230											0,230
	1,605											1,605
Totais	27,375	55,900	10,180	5,430	11,510	2,290	0,000	2,000	0,000	0,000	0,000	114,685

Rendimento da Confraria das Almas do Lugar de Massarelos

1687	Esmolas	Entradas	Condenações	Pensões	Juros	Anais	Dávidas	Aluguer	Vendas	Serviços	Receitas do ano anterior	Receitas
	1,400	0,600	3,390	10,000		18,000	0,300	0,700			18,060	52,450
	0,500			3,700				0,500				4,700
	0,500							0,500				1,000
	0,500							0,240				0,740
	0,500							0,500				1,000
	0,200							0,500				0,700
	7,200							0,400				7,600
								0,400				0,400
												0,000
												0,000
												0,000
Totals	10,800	0,600	3,390	13,700	0,000	18,000	0,300	3,740	0,000	0,000	18,060	68,590

Despesas da Confraria das Almas do Lugar de Massarelos

1687	Compras	Obras	Demandas	Dividas	Missas	Restauro	Transporte contas	Festas	Embargos	Consertos	Serviços	Despesas
	10,810	0,800	1,234	0,280	18,750	0,600						32,474
	7,000	1,170			1,400							9,570
	5,400				2,900							8,300
	0,450				1,440							1,890
					6,240							6,240
												0,000
												0,000
												0,000
												0,000
												0,000
												0,000
Totals	23,660	1,970	1,234	0,280	30,730	0,600	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	58,474

Rendimento da Confraria das Almas do Lugar de Massarelos

1688	Esmolas	Entradas	Condenações	Pensões	Juros	Anais	Dávidas	Aluguer	Vendas	Serviços	Receitas do ano anterior	Receitas
	0,200	3,850	0,500	10,000	3,000	16,940	0,200	0,350	10,000	4,000	16,945	65,985
	6,000	1,200	2,290	3,700	2,500		0,400	0,250		4,000		20,340
	3,900	0,300						0,250				4,450
	1,700							0,250				1,950
								0,500				0,500
								0,600				0,600
												0,000
												0,000
												0,000
												0,000
												0,000
Totals	11,800	5,350	2,790	13,700	5,500	16,940	0,600	2,200	10,000	8,000	16,945	93,825

Despesas da Confraria das Almas do Lugar de Massarelos

1688	Compras	Obras	Demandas	cera	Missas	Restauro	Transporte contas	Festas	Embargos	Consertos	Serviços	Despesas
	0,200	1,570			1,400	0,500		1,800	1,170			6,640
	4,060				2,900	9,930						16,890
	14,620				1,120							15,740
	0,400				6,240							6,640
					8,000							8,000
					2,600							2,600
												0,000
												0,000
												0,000
												0,000
												0,000
Totais	19,280	1,570	0,000	0,000	22,260	10,430	0,000	1,800	1,170	0,000	0,000	56,510

Rendimento da Confraria das Almas do Lugar de Massarelos

1690	Esmolas	Entradas	Condenações	Pensões	Juros	Anais	Dávidas	Aluguer	Vendas	Serviços	Receltas do ano anterior	Receltas
	4,690	2,200	1,460	3,700	0,750	17,360		10,000			35,027	75,187
	0,800				3,000			2,500				6,300
	0,060											0,060
	2,000											2,000
	3,000											3,000
	0,900											0,900
	0,460											0,460
	4,550											4,550
	2,520											2,520
	0,120											0,120
												0,000
Totals	19,100	2,200	1,460	3,700	3,750	17,360	0,000	12,500	0,000	0,000	35,027	95,097

Despesas da Confraria das Almas do Lugar de Massarelos

1690	Compras	Obras	Mão de obra	cera	Missas	Restauro	Transporte contas	Festas	Embargos	Consertos	Serviços	Despesas
	2,400	0,600	0,600	8,437	4,550		25,505			0,600	0,340	43,032
	3,450		0,240	2,070	4,000						1,800	11,560
	0,460			0,320	1,400							2,180
	0,675			0,320	0,650							1,645
	0,200			22,000	9,800							32,000
	0,250											0,250
	0,170											0,170
	0,150											0,150
												0,000
												0,000
												0,000
Totals	7,755	0,600	0,840	33,147	20,400	0,000	25,505	0,000	0,000	0,600	2,140	90,987

Rendimento da Confraria das Almas do Lugar de Massarelos

1693	Esmolas	Entradas	Condenações	Pensões	Juros	Anais	Receitas em mesa	Aluguer	Vendas	Serviços	Receitas do ano anterior	Receitas
	13,600	3,000	5,300	10,000	0,730	16,980	1,330			0,300	111,485	162,735
	8,370			3,700	3,000					0,600		15,670
	3,000			3,000	2,300							8,300
	1,330				3,750							5,080
	6,240											6,240
	4,000											4,000
	1,270											1,270
												0,000
												0,000
												0,000
												0,000
												0,000
Totals	37,810	3,000	5,300	16,700	9,780	16,980	1,330	0,000	0,000	0,900	111,485	203,295

Despesas da Confraria das Almas do Lugar de Massarelos

1693	Compras	Obras	Dividas	cera	Missas	Restauro	Transporte contas	Festas	Embargos	Consertos	Serviços	Despesas
	0,290		5,770		9,600							15,660
	0,620		75,000		9,900							85,520
	10,300		0,030		4,000							14,330
	1,360				1,200							2,560
					1,600							1,600
					0,300							0,300
												0,000
												0,000
												0,000
												0,000
												0,000
												0,000
Totals	12,570	0,000	80,800	0,000	26,600	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	119,970

Rendimento da Confraria das Almas do Lugar de Massarelos

1694	Esmolas	Entradas	Condenações	Pensões	Juros	Analis	Dávidas	Aluguer	Vendas	Serviços	Receitas do ano anterior	Receitas
	1,920	3,000	3,250	3,000	3,000	16,960				116,000	90,250	237,380
	16,920			10,000	3,750					0,890		31,560
	5,060			3,700	2,500					4,500		15,750
	1,040											1,040
	0,960											0,960
	0,050											0,050
												0,000
												0,000
												0,000
												0,000
												0,000
												0,000
												0,000
Totals	25,940	3,000	3,250	16,700	9,250	16,960	0,000	0,000	0,000	121,380	90,250	286,740

Despesas da Confraria das Almas do Lugar de Massarelos

1694	Compras	Obras	Jornais	Despesas não especificadas	Missas	Restauro	Transporte contas	Festas	Embargos	Consertos	Serviços	Despesas
	5,000	4,480	5,160	0,360	7,300		149,671			0,220		172,191
	22,059	1,160	18,320	0,300	8,800					0,840		51,479
		0,720	13,000	0,470	3,570							17,760
		0,360	18,000	19,900	0,500							38,760
					0,500							0,500
					1,690							1,690
					1,591							1,591
					0,900							0,900
					2,000							2,000
												0,000
												0,000
Totals	27,059	6,720	54,480	21,030	26,851	0,000	149,671	0,000	0,000	1,060	0,000	286,871

Rendimento da Confraria das Almas do Lugar de Massarelos

1695	Esmolas	Entradas	Condenações	Pensões	Juros	Anais	Dávidas	Aluguer	Vendas	Serviços	Receitas do ano anterior	Receitas
	5,800	1,800	6,800	10,000	2,500	16,180			1,700	5,960	149,671	200,411
	6,140	0,600	0,960	3,700	3,000					0,480		14,880
	1,800			3,000	3,750							8,550
	0,600				0,900							1,500
	0,300											0,300
	0,100											0,100
	3,840											3,840
												0,000
												0,000
												0,000
												0,000
Totals	18,580	2,400	7,760	16,700	10,150	16,180	0,000	0,000	1,700	6,440	149,671	229,581

Despesas da Confraria das Almas do Lugar de Massarelos

1695	Compras	mão de obra	Demandas	cera	Missas	Restauro	Transporte contas	Valores penhorados	Embargos	Consertos	Serviços	Despesas
	0,060	0,390			4,080	0,730		65,000				70,260
	0,900	0,900			4,160			4,580				10,540
	0,120	0,480			7,430			77,431				85,461
	0,680	0,120			6,800							7,600
	0,290				1,400							1,690
	5,740				0,800							6,540
					0,900							0,900
												0,000
												0,000
												0,000
												0,000
Totals	7,790	1,890	0,000	0,000	25,570	0,730	0,000	147,011	0,000	0,000	0,000	182,991

Rendimento da Confraria das Almas do Lugar de Massarelos

1697	Esmolas	Entradas	Condenações	Pensões	Juros	Anais	Dávidas	Aluguer	Vendas	Serviços	Receitas do ano anterior	Receitas
	2,760	4,400	4,740	10,000	20,000	5,360			2,300	4,000	88,743	142,303
	2,250			3,700	0,180	16,340				2,400		24,870
	7,320			0,100	18,000					4,000		29,420
	1,420			3,000	1,000					6,000		11,420
	7,680				50,000							57,680
	5,570				16,100							21,670
	0,900				1,200							2,100
					1,000							1,000
					1,250							1,250
					0,525							0,525
					3,000							3,000
					3,750							3,750
Totals	27,900	4,400	4,740	16,800	116,005	21,700	0,000	0,000	2,300	16,400	88,743	298,988

Despesas da Confraria das Almas do Lugar de Massarelos

1697	Compras	Obras	Cera	Dividas	Missas	Restauro	Transporte contas	Festas	Embargos	Mão de obra	Consertos	Despesas
	1,140	1,350	10,800		4,160					1,140	0,240	18,830
	0,200				4,000						0,300	4,500
	0,120				6,150							6,270
	0,660				0,800							1,460
	0,900				1,400							2,300
	0,600				7,950							8,550
	0,940				0,900							1,840
	0,250											0,250
	0,160											0,160
Totals	4,970	1,350	10,800	0,000	25,360	0,000	0,000	0,000	0,000	1,140	0,540	44,160

Balanço anual das receitas e despesas: 254,828

Rendimento da Confraria das Almas do Lugar de Massarelos

1698	Esmolas	Entradas	Condenações	Pensões	Juros	Anals	Dávidas	Aluguer	Acerto	Serviços	Receitas do ano anterior	Receitas
	6,450	9,840	5,090	3,700	3,750	16,450	1,600	2,400	12,480	2,000	256,508	320,268
	0,390	0,200	1,380	10,000	10,500		1,480	0,600				24,550
	0,170			3,000	0,920		0,300					4,390
	1,100			0,100	2,000							3,200
	3,000				1,250							4,250
	0,100				1,000							1,100
	1,050											1,050
	6,000											6,000
	3,410											3,410
	5,110											0,000
	1,010											1,010
Totais	27,790	10,040	6,470	16,800	19,420	16,450	3,380	3,000	12,480	2,000	256,508	369,228

Despesas da Confraria das Almas do Lugar de Massarelos

1698	Compras	Obras	Cera	Jornais	Missas	Serviços	Despesas do ano anterior	Penhores	Embargos	Consertos	Despesas
	0,030	0,960	12,920	1,650	1,000	0,200	180,918	40,000		0,400	238,078
	0,150	0,980		0,050	3,500	0,480		6,000		0,070	11,230
	0,340	0,160		1,240	1,200			5,000		3,000	10,940
	0,210	0,120			4,080			7,000		1,350	12,760
	0,110				4,000			27,000		9,380	40,490
	0,980							25,000			25,980
	0,230							30,000			30,230
	0,150										0,150
											0,000
											0,000
											0,000
Totais	2,200	2,220	12,920	2,940	13,780	0,680	180,918	140,000	0,000	14,200	369,858

Rendimento da Confraria das Almas do Lugar de Massarelos

1699	Esmolas	Entradas	Condenações	Pensões	Juros	Anais	Dávidas	Aluguer	Vendas	Serviços	Receitas do ano anterior	Receitas
	9,110	6,000		3,000	26,060	17,240		1,200		4,000	180,918	252,218
	0,480	3,380		0,100	7,450					6,000		17,410
	3,750	2,640		3,700	1,500					8,700		20,290
	12,000	1,070		10,000	2,200					6,000		31,270
	8,190	3,300			20,000					9,000		40,490
	2,500	0,900			0,250							3,650
	12,000	2,890			3,750							18,640
	10,000				1,000							11,000
	0,960				1,250							2,210
	1,200				1,000							2,200
	3,600				0,300							3,900
					3,000							3,000
					2,000							2,000
Totals	63,790	2,400	2,300	16,800	69,750	17,240	0,000	1,200	0,000	33,700	180,918	408,278

A.P.M., Tombo B, fol. n.º 41

Despesas da Confraria das Almas do Lugar de Massarelos

1699	Compras	Obras	Demandas	cera	Missas	Restauro	Transporte contas	Festas	Embargos	Consertos	Serviços	Despesas
	0,060	0,900	0,400	29,800	4,400					1,000	0,120	48,680
	1,200	0,600	1,360	1,310	0,900					9,200		14,570
	0,440	0,300	1,500		4,400					0,150		6,790
	2,080	6,000			1,400					0,150		9,630
	0,140	2,400			0,800					0,150		3,490
	0,600				7,650					0,300		8,550
					5,450					0,370		5,820
					0,100					0,100		0,200
					0,500							0,500
												0,000
Totals	14,720	3,260	12,000	31,110	25,600	0,000	0,000	0,000	0,000	11,420	0,120	98,230

Rendimento da Confraria das Almas do Lugar de Massarelos

1700	Esmolas		Entradas	Condenações	Pensões	Juros		Anais	Aluguer	Serviços	Receitas do ano anterior	Receitas
	3,570	0,180	1,980	3,090	3,200	40,120	0,500	17,180	4,040	6,000	311,958	391,818
	7,450	0,100	0,400		10,000	1,000	0,400		0,600	0,900		20,850
	0,600	0,100			3,000	0,900	0,760		0,600			5,960
	0,050	0,500				5,370	3,750		0,750			10,420
	0,240	0,530				0,350	3,000		0,600			4,720
	0,200	1,500				0,300	0,400					2,400
	0,200	9,320				0,300	1,250					11,070
	0,140											0,140
												0,000
												0,000
												0,000
Totals	24,680		2,360	3,090	16,200	58,400		17,180	6,590	6,900	311,958	447,378

Despesas da Confraria das Almas do Lugar de Massarelos

1700	Compras	Obras	Demandas	Jornais	Missas	cera reformada	Transporte contas	penhores prata ouro	Embargos	Consertos	Serviços	Despesas
	0,180	0,480	12,000	0,650	4,980	13,990	117,248	6,000	7,500	0,780	0,120	163,928
	17,610	0,160		0,300	4,080			10,000	4,500	1,980		38,630
	5,490			1,100	8,890			8,000	20,000	0,080		43,560
	0,180				1,200			15,000	48,000	0,060		64,440
	0,100				0,650			12,000	30,000	0,240		42,990
	0,880				0,100			4,000	7,000	0,300		12,280
	0,960				3,000			5,000	6,000	0,390		15,350
	0,160				0,650			20,000				20,810
	0,540				5,500			30,000				36,040
	1,080				0,650			30,000				31,730
								20,000				20,000
Totals	27,180	0,640	12,000	2,050	29,700	13,990	117,248	160,000	123,000	3,830	0,120	488,788

Rendimento da Confraria das Almas do Lugar de Massarelos

1701	Esmolas	Entradas	Condenações	Pensões	Juros		Anais	Acerto	Vendas	Serviços	Receitas do ano anterior	Receitas
	7,590	6,660	5,550	10,000	3,750	0,750	16,360	0,820		0,900	119,878	172,258
	6,360			3,700	1,250	0,600						11,910
	6,000			3,000	1,000	0,200						10,200
	2,310			0,100	1,500	1,000						4,910
	1,320			3,000	2,000	1,500						7,820
	3,540				0,350	1,000						4,890
	6,600				0,300	0,375						7,275
	6,000				32,500	0,225						38,725
	2,140				5,440	1,000						8,580
	0,460				0,300	1,000						1,760
	3,200				0,500	1,000						4,700
	1,500				0,400							1,900
Totals	47,020	6,660	5,550	19,800	57,940		16,360	0,820	0,000	0,900	119,878	274,928

Despesas da Confraria das Almas do Lugar de Massarelos

1701	Compras	Obras	Demandas	cera	Missas	Jornais	Acertos	Festas	Embargos	Consertos	Serviços	Despesas
	0,900	1,120	2,610	11,415	1,000	3,340	27,555			0,300	0,220	48,460
	0,300	0,200			1,000	0,460				1,400		3,360
	2,200	1,500			1,200							4,900
	0,300	0,460			7,100							7,860
	0,080				4,900							4,980
	1,230				4,000							5,230
					5,510							5,510
					2,000							2,000
					6,000							6,000
												0,000
Totals	5,010	3,280	2,610	11,415	32,710	3,800	27,555	0,000	0,000	1,700	0,220	88,300

Rendimento da Confraria das Almas do Lugar de Massarelos

1702	Esmolas	Entradas	Condenações	Pensões	Juros	Cera	Acertos	Aluguer	Vendas	Serviços	Receitas do ano anterior	Receitas
	5,980		2,460	10,000	3,000	2,200	21,610	4,000		6,000	186,625	241,875
	2,400		0,050	3,900	3,750			0,345		2,000		12,445
			3,040	3,000	1,250					0,200		7,490
				0,100	1,000							1,100
					0,350							0,350
					0,300							0,300
					0,300							0,300
					0,600							0,600
					0,200							0,200
					1,500							1,500
					1,000							1,000
					0,375							0,375
					0,225							0,225
					1,000							1,000
					3,000							3,000
					1,000							1,000
Totais	8,380	0,000	5,550	17,000	18,850	2,200	21,610	4,345	0,000	8,200	186,625	272,760

Despesas da Confraria das Almas do Lugar de Massarelos

1702	Compras	Obras	Demandias	cera	Missas	Jornais	Transporte contas	Acertos	Embargos	Consertos	Serviços	Despesas
	1,550	0,300		6,770	1,000	0,370		28,000		8,040	3,000	49,030
	1,500				1,200	0,150				0,100	6,560	9,510
	0,025				8,750	0,100						8,875
	0,280				5,380	0,400						6,060
	0,060				4,000							4,060
	2,250				2,890							5,140
					0,420							0,420
Totais	5,665	0,300	0,000	6,770	23,640	1,020	0,000	28,000	0,000	8,140	9,560	83,095

APÊNDICE II

Inventário de toda
a fãbrica que pertence à Confraria das Almas desta nossa Capella
de S. Pedro Gonçalves.

De que he Snar', e admmenistradora a dita Confraria

Tombo de 1754-1773

	Annos	1754	1755	1756	1768	1773
	Numero das peças					
Prata e oiro						
Hum vaso doirado, elaborado que esta no Sacrário -----	1*	-----	-----	-----		1
Hum vaso doirado, lizo que esta no Sacrário -----	1*	-----	-----	-----		1
Hua custódia antiga doirada, com lavores -----	1*	-----	-----	-----		1
Hua custódia moderna doirada e lavrada -----	1*	-----	-----	-----		1
Hum relicario doirado, e lavrado, moderno -----	1*	-----	-----	-----		1
Dois calices antigos doirados, e lavrados -----	2*	-----	-----	-----		2
Hum calis moderno com filetes, e doirado -----	1*	-----	-----	-----		1
Duas patenas grandes doiradas, concavas no meio -----	2*	-----	-----	-----		2
Hua colher doirada dos calices -----	1*	-----	-----	-----		1
Tres Cálices de prata lizos do uso comum -----	3*	-----	-----	-----		3
Tres patenas dos mesmos -----	3*	-----	4	5		5
Tres colheres dos mesmos -----	3*	-----	-----	-----		4
Hum Cális com copo de prata, e pê de latam -----	1*	-----	-----	-----		1
Dois turibulos lavrados com copos de cobre -----	2*	-----	-----	-----		2
Hua naveta também lavrada -----	1*	-----	-----	-----		1
Hua colher de tirar o insenço -----	1*	-----	-----	-----		1
Duas galhetas -----	2*	-----	-----	-----		2
Hua salva para as mesmas galhetas -----	1*	-----	-----	-----		1
Hum vaso para o lavatorio da comunham -----	1*	-----	-----	-----		1
Hum purificador lavrado -----	1*	-----	-----	-----		1
Hua chave do sacrário com sua fita -----	1*	-----	-----	-----		1
Hua boceta lavrada de goardar a dita chave -----	1*	-----	-----	-----		1
Hua campainha para quando o Senhor sahe fora -----	1*	-----	-----	-----		1
Hua caldeira com seu izópe -----	1*	-----	-----	-----		1
Seis varas do palio -----	6*	-----	-----	-----		6
Seis Tucheiras -----	6*	-----	-----	-----		6
Hua vara do Juis do S.mo, e outros juizados -----	1*	-----	-----	-----		1
Hua crus da Capela Mór liza -----	1	-----	-----	-----		1
Des castiçais -----	8*	-----	-----	-----		8
Hua crus de quando o Senhor vay fora, e das procições -----	1*	-----	-----	-----		1
Hua crus grande de hir aos enterros -----	1*	-----	-----	-----		1
Coatro cruces dos guiões -----	4*	-----	-----	2		2*
Hum chapeo de prata de S. Sebastiam -----	1*	-----	-----	-----		-----
Hum espadim do mesmo Santo -----	1*	-----	-----	-----		1
Oito setas do mesmo Santo -----	8*	-----	-----	8		8
Dois resplandores velhos -----	2*	-----	-----	-----		-----
Hua custódia de finagrana com o Santo Leinho, que está no Sacrário -----	1*	-----	-----	-----		1

Continua a Prata

	Annos	1754	1755	1756	1768	1773
	Numero das peças					
Hum lampadário na lampada mor -----	1*	-----	-----	-----		1
Dois lampadários grandes, que estão em caza de João Ferreyra de Sam Payo -----	2	-----	-----	-----		-----
Dois bocados, ou pedacinhos de cordam de oiro, que o thizoureiro tem em seu poder do Menino Jhesus -----	2	-----	-----	-----		-----
Hum resplendor de S. Joam Batista -----	1*	-----	-----	-----		1
Hum resplendor de S. Pedro Gonçalves -----	1*	-----	-----	-----		1
Hum castiçal que está na mão do mesmo Santo -----	1*	-----	-----	-----		1
Hum resplendor que está no Senhor da Reçurreição -----	1*	Guarda	do	na caixa		1
Hum resplendor que está na cabeça do Senhor Jhesus -----	1*	-----	-----	-----		1
Hua coroa que está tambem na cabeça do mesmo Senhor -----	1*	-----	-----	-----		1
Hua crus que está na mão de Santo António -----	1*	Furtada	-----	-----		1*
Hum resplendor que está na cabeça do mesmo Santo -----	1*	-----	-----	-----		1
Hum resplendor que está na cabeça do menino Jhesus do dito Santo -----	1*	-----	-----	-----		1
Dois casticais no altar de Santa Anna -----	2	-----	-----	-----		-----
Hum resplendor na cabeça da mesma Santa -----	1*	-----	-----	-----		1
Hum resplendor aliás coroa na cabeça da Santa -----	1*	-----	-----	-----		1
Hum resplendor na cabeça do menino -----	1*	-----	-----	-----		1
Hua cruz de Santo António Pequeno -----	1	Furtado	-----	-----		-----
Hum resplendor do mesmo Santo -----	1	-----	-----	-----		-----
Hum resplendor do menino do mesmo Santo -----	1*	-----	-----	-----		-----
Hum resplendor que está em S. Jozé -----	1*	-----	-----	-----		1
Hum resplendor que tem o menino -----	1*	-----	-----	-----		1
Hum resplendor em Santa Rita -----	1*	Guarda	do	-----		1
Hum resplendor em Santo André -----	1*	Guarda	do	-----		1
Hum resplendor e Santa Luzia -----	1*	-----	-----	-----		1
Hua coroa da Senhora da Conceição -----	1*	-----	-----	-----		1
Hum resplendor do menino que tem nos braços -----	1*	-----	-----	-----		1
Hum resplendor de Santa Clara -----	1*	-----	-----	-----		1
Hum resplendor de Santa Margarida -----	1*	-----	-----	-----		
Hua diadema da Senhora da Conceição pequena -----	1*					1
Hua Relíquia do Corpo Santo com seu castiçal e resplendor de prata -----	1*	O	castiçal	furtado		1
Huas contas emgastoadas em prata com os Padres Nossos de ouro, e crus do mesmo, que o Padre António Dias Palhares deo a N.ª S.ª da da Conceição -----	-----	-----	-----	-----		-----
Hua de prata com tres coroas da mesma prata que deu Euquerio Jozé a Santa Rita -----	1*	-----	-----	-----		1
Hum jarro e hua baçia de prata -----	2*	-----	-----	-----		2
Hum resplendor de São Bento -----	1*	-----	-----	-----		1
Dois resplandores piquenos e hua crussinha piquena -----	-----	guarda	das	-----		-----

Seguece toda a mais fábrica, e que tem esta Capela
de seda, lan, linho, estanho, lotam, e pao, descrita por ordem
alfabética para melhor Clareza, e para se acharem as coizas com maiz
facelidade.

Letra A

	Annos	1754	1755	1756	1768	1773
	Numero das peças					
Onze alvas com rendas, e das festas -----	11*	**	-----	7	7	
Tres alvas mais com tres ordens de rendaz -----	8*	-----	-----	-----	3	
Hua alcatifa grande da capela mor -----	1*	-----	-----	-----	1	
Hum abanador de penas do Brasil -----	1	-----	-----	-----	1	
Duas alvas maiz com rendas -----	2*	-----	-----	-----	2	
Duas alvas maiz com tres ordens de rendas -----	2*	-----	-----	-----	3	
Coatro almofadinha sde Rio Preto da Tumba -----	4	-----	-----	-----	4	
Duas alvas mais e com rendas -----	2*	-----	-----	-----	2	
Vinte e dois amítos com renda, e sem -----	22*	***	-----	-----	26	
Seis almofadinhas de veludo preto da Tumba -----	6	-----	-----	-----	6	
Hum avito de S. Pedro Gonçalves, que consta de tunica e escapulario, e capa, tudo lavrado de oiro e prata, que theo nosso irmão António Marques Gomes -----	1	-----	-----	-----	1	
Outro Avito bordado de oiro -----	1	-----	-----	-----	1	

** Aliás 7.

*** Aliás 24; alias 27; alias 24.

** Aliás 7.

*** Aliás 24; alias 27; alias 24.

B

	Annos	1754	1755	1756	1768	1773
	Numero das peças					
Tres bestimentas de damasco vermelho, com suas estolas, manipolos, bolsas e veos **	3*	-----	-----	-----	-----	-----
Tres bestimentas de damasco branco com o mesmo, aparelho	3*	-----	-----	-----	-----	-----
Tres bestimentas de damasco branco novas, guarnecidas de galam de oiro, com o mesmo aparelho	3*	-----	-----	-----	-----	-----
Tres bestimentas de ceda roixa com galam de oiro como mesmo aparelho	3*	-----	-----	-----	-----	-----
Hua bestimenta de damasco, e veludo vermelho, estola e manipolo do mesmo	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Tres bestimentas de felepixim branco com seus aparelhos vermelho com seus aparelhos	3*	-----	-----	-----	-----	-----
Tres bestimentas de felepixim vermelho com seus aparelhos	3*	-----	-----	-----	-----	-----
Tres bestimentas de felexipim verde com seu aparelho	3*	-----	-----	-----	-----	-----
Tres bestimentas de felepixim verde mais antigas com seu aparelho	3	-----	-----	-----	-----	-----
Tres bestimentas de felexipim roixo com seu aparelho	3*	-----	-----	-----	-----	-----
Tres bestimesntas de felepixim preto com seu aparelho	3*	-----	-----	-----	-----	-----
Tres bolsas novas de setim branco, e vermelho	3*	-----	-----	-----	-----	-----
Tres bolsas novas de setim verde, e roixo	3*	-----	-----	-----	-----	-----
Tres bolsas novas de setim preto	3*	-----	-----	-----	-----	-----
Huâ bolsa de milania branca, e prata, com crus de galam de ouro nova	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Huâ bolsa de milania vermelha, e prata, com crus de galam de ouro nova	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Tres bolsas de damasco roixo	3*	-----	-----	-----	-----	-----
Huâ bolsa de milania verde uzada	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Huâ bolsa de ceda parda	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Tres bolsas de damasco vermelho	3*	-----	-----	-----	-----	-----
Tres bolsas de damasco branco	3*	-----	-----	-----	-----	-----
Hua banda de setim vermelho com trena, franja de oiro de S. Sebastiam	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Hua banda de setim roixo com a mesma goarniçam do mesmo Santo	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Hua dita de garça preta e branca com renda de retros preto do mesmo Santo	1	-----	-----	-----	-----	-----
Duas bolsas de damasco vermelho do Senhor	2*	-----	-----	-----	-----	-----
Sete bolsas das cruses para a quaresma de tafeta roixo	7*	-----	-----	-----	-----	-----
Hua banda de setim vermelho de S. Sebastiam	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Hua bandeira dos emterros	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Vinte e dois balandráos pretos de hir aos emterros	22*	-----	-----	-----	-----	-----
* Número riscado.	-----	-----	-----	-----	-----	-----
** Falta uma estola.	-----	-----	-----	-----	-----	-----
*** Aliás 4.	-----	-----	-----	-----	-----	-----

C

	Annos	1754	1755	1756	1768	1773
	Numero das peças					
Dois pares de cortinas de damasco vermelho com sanefas de veludo cortado do Senhor Jhesus, e Nossa Senhora da Conceição	2*	-----	-----	-----	-----	-----
Dois pares de cortinas de damasco vermelho com franjas de oiro dos Altares colaterais	2*	-----	-----	-----	-----	-----
Hua cortina de damasco vermelho da boca da tribuna	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Duas cortinas de tafetã carmezim com goarniçam de oiro, huas, e outras de prata com sanefas	2*	-----	-----	-----	-----	-----
Hua cortina de damasco roixo do Senhor Jhesus com goarnição e franja de prata	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Huas cortinas da Senhora da Conceição também roixas e com a mesma goarnição	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Hua cortina com sua sanefa de damasco uzada	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Hua cortina do Senhor Jhesus de Thafetã uzada		-----	-----	-----	-----	-----
Hua cortina de ló lavrado	1	-----	-----	-----	-----	-----
Hum par de cortinas com sanefa de ceda amarela	1	-----	-----	-----	-----	-----
Hum par de cortinas de ceda parda antigas	1	-----	-----	-----	-----	-----
Huas cortinas de riscas do S. Jhesus antigas	1	-----	-----	-----	-----	-----
Hum par de cortinas a mais de riscas	1	-----	-----	-----	-----	-----
Seis cortinas brancas dos altares	6	-----	-----	-----	-----	-----
hua cortina de ceda, e oiro do sacrario nova branca	1	-----	-----	-----	-----	-----
Hua cortina de ceda, e oiro vermelha nova do sacrario	1	-----	-----	-----	-----	-----
Hua cortina de tella e oiro já uzada do sacrario	1	-----	-----	-----	-----	-----
Hua cortina de ceda branca, e oiro em bom uzo do mesmo	1	-----	-----	-----	-----	-----
Hua capa de asperges de ceda roixa	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Hua capa de asperges de damasco branco goarnecida de ceda das domingos 3. ^{as}	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Hum chapeo de veludo com renda de prata de S. Sebastiam	1	-----	-----	-----	-----	-----
Tres corporais de olanda com goarda corporais	3	-----	-----	-----	-----	3
Des corporais com rendas e suas capas	10	-----	-----	-----	-----	12
Dois mais de olanda com capas	2	-----	-----	-----	-----	2
Dois corporais do sacrario	2	-----	-----	-----	-----	2
Hum corporal do Senhor quando sahe fora	1	-----	-----	-----	-----	1
Hum corporal de trasparente, e sua capa	1	-----	-----	-----	-----	1
Nove cordoiz de singir as alvas	19	-----	-----	alias	-----	16
Dois capelos de damasco preto com galam de oiro	2	-----	-----	-----	-----	-----
Hua capa de asperges, e sobre Santo António	1	-----	-----	-----	-----	-----
Catorze castiçais de pao pratiados	14	-----	-----	-----	-----	-----
Hua crus de pao pratiada do altar mor	1	-----	-----	-----	-----	-----
Hua crus de pao de talha do altar mor	1	-----	-----	-----	-----	-----
Dois ciriais de pao pratiados da capela mor	2	-----	-----	-----	-----	-----
Hua capa de asperges de damasco branco Senhor fora	1*	-----	-----	-----	-----	1*
Hua caldeira de estanho para os defuntos	1	-----	-----	-----	-----	-----
Hua campainha da capela mor	1	-----	-----	-----	-----	-----
Três campainhas dos outros altares	3	-----	-----	-----	-----	-----
Tres cadeiras lazer de couro lavrado	3	-----	-----	-----	-----	-----

C verso

	Annos	1754	1755	1756	1768	1773
	Numero das peças					
Hua campainha de metal dourado que foi do ex.mo Senhor D. F. José Maria Bispo estão gravadas as armas	1	-----	-----	-----	-----	-----
Hua capa de asperges nova de damasco roixo com galam e franja de oiro, cuja deu o Reverendíssimo Conigo João Leyte Pereira	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Oito castiçais de pao lavrados deu António Ferreira Soares	8	-----	-----	-----	-----	-----
Hua cortina de damasco vermelho de lam, do Senhor Jhesus	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Hua cortina de damasco de sada, da sanefa do altar do Senhor Jhesus que deu João de Basto e Maya Pereira	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Hum veo de ombros	1*	-----	-----	-----	-----	-----

D

	Annos	1754	1755	1756	1768	1773
	Numero das peças					
Hum ducel de sírio de oiro, e prata com franja de oiro -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----

E

	Annos	1754	1755	1756	1768	1773
	Numero das peças					
Hua Escova comprida -----		1*	-----	-----	-----	-----
Hum Estolam de damasco roixo -----		1*	-----	-----	-----	-----
Tres Estolas de felipixim roixo -----		3*	-----	-----	-----	-----
Hua Estola deceda vermelha, e oiro com sua masaneta de oiro---		1*	-----	-----	-----	-----
Hum Espaldar de damasco vermelho do Senhor Jezus -----		1*	-----	-----	-----	-----
Hum estolão velho roixo de ceda -----		1*	-----	-----	-----	-----
Hum espelho, que está na Sacristia -----		1*	-----	-----	-----	-----

F

	Annos	1754	1755	1756	1768	1773
	Numero das peças					
Sete Frontais do altar mor -----	7	-----	-----	-----	-----	-----
Sinco Frontais do altar de S. José -----	5	-----	-----	-----	-----	-----
Sinco Frontais do altar de Santa Anna -----	6	-----	-----	-----	-----	-----
Seis Frontais do altar de N.ª S.ª da Conceição -----	6	-----	-----	-----	-----	-----
Seis Frontais do altar do Senhor Jezus -----	6	-----	-----	-----	-----	-----

G

	Annos	1754	1755	1756	1768	1773
	Numero das peças					
Hum par de Galhetas da India azuis com pires e tapaduras do mesmo -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Dezasete Galhetas de vidro -----	17	-----	-----	-----	-----	-----
Tres pares de Galhetas de Estanho -----	3	-----	-----	-----	-----	-----
Hum Guiam de Santa Anna -----	1	-----	-----	-----	-----	-----
Hum Guiam da Senhora da Conceição -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Hum Guiam da Corpo Santo verde -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Hum Guião de S. Sebastiam -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Todos de damasco -----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Hum Guiam de tres pernas antigo -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Tras pares de galhetas de estanho -----	3*	-----	-----	-----	-----	-----

J

	Annos	1754	1755	1756	1768	1773
	Numero das peças					
Hum jarro de prata lavrado -----		1*	-----	-----	-----	-----

L

	Annos	1754	1755	1756	1768	1773
	Numero das peças					
Hum livro das missas cantadas dos defuntos -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Hum livro de quando o Senhor sahe fora com corporal, sanguinho, e bolsa de semeste vermelho -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----

M

	Annos	1754	1755	1756	1768	1773
	Numero das peças					
Coatro mantos de ceda da Senhora Santa Anna Delores - aliás ---	5	-----	-----	-----	-----	-----
Coatro mantos de Nossa Senhora da Comceiçam - aliás -----	5	-----	-----	-----	-----	-----
Hua manga da crus de veludo preto goarnecido de ceda de oiro, e franja do mesmo -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Hua manga da crus de riço preto -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----
quatro misais do comum -----	4*	-----	-----	-----	-----	-----
Hum martello para uzo da San Crestia -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Tres manipolos de Felepixim roixo irmãos dos estollois da mesma cor para a somanna Santa -----	3	-----	-----	-----	-----	-----
Hum missal forrado de veludo vermelho goarnecido com chapas de prata -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Hua manga da crus de milania branca -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Hua manga da crus vermelha -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Hum manto de primavera azul de Nossa Senhora - aliás branco --	1	-----	-----	-----	-----	-----

O

	Annos	1754	1755	1756	1768	1773
	Numero das peças					
Hum ornamento de ceda preta com galam de oiro, que consta de duas dialmaticas: hua cazula, e capa de asperjes, estollas, e manipolos do mesmo, Pano da estanta pequena do altar, e dois da estanta grande, hum de lam, e outro de ceda -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Hum ornamento de damasco branco e ceda parda, que consta: cazula: duas dialmaticas: estollas, manipolos. -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Hum ornamento de ceda vermelha, que consta de cazula: duas dialmaticas: estolas: manipolos, e hum pano da estante -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Hum ornamento de tella branca, que consta de cazulla; duas dialmaticas; capa de asperjes; e panno da estante do altar -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Hum ornamento de ceda branca, e oiro que consta de cazula; duas dialmaticas; capa de asperjes; panno da estante do altar, estollas, e manipolos -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Hum ornamento de chamaloce verde, que consta de cazula: duas dialmaticas; estollas, e manipolos, e panno da estante do altar mor. Hé do Corpo Santo. -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Quinze opas de sera fina do Senhor fóra -----	15*	-----	-----	-----	-----	-----
Dezaseis opas de tafetá verde do Corpo Santo -----	16*	-----	-----	-----	-----	-----
Tres opas de tafetá branco uzadas -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----

P

	Annos	1754	1755	1756	1768	1773
	Numero das peças					
Hum panno de ceda verde do altar mor, que hé como garsa -----	1	-----	-----	-----	-----	-----
Hum panno de damasco vermelho goarnecido de galam de oiro, e franja de retros que serve no esquife novo, com sua almofada do mesmo -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Hum panno tambem de damasco vermelho uzado goarnecido com renda de prata com almofada do mesmo -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Hum panno da tumba de veludo preto franjado de oiro com suas massanetas, e almofada do mesmo goarnecida de galam de oiro -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Hum panno da tumba de riço preto -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Vinte e nove purificadores -----	29*	-----	-----	-----	-----	27
Hum panno vermelho da grade -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Nove pallas -----	9*	-----	-----	-----	-----	-----
Hum palio do Senhor de fora de damasco vermelho -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Hum palio vermelho de ceda labrada das domingas 3 ^{as} e outras funções -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Hum palio de tella branca com franja de oiro -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Hum panno do pulpito de ceda labrada vermelha -----	1	-----	-----	-----	-----	-----
Hum panno do pulpito de tella branca com franja de oiro -----	1	-----	-----	-----	-----	-----
Dois pannos de pulpito de damasco branco goarnecidos com galam, e franja de oiro -----	2*	-----	-----	-----	-----	-----
Dois pannos do pulpito de telipixm roixo, goarnecidos com galam de ceda e franja de retros. -----	2*	-----	-----	-----	-----	-----
Seis pianhas de pao pratidas -----	6	-----	-----	-----	-----	-----
Coatro pires para as xicaras -----	4	-----	-----	-----	-----	-----
Tres pires de louça do Norte para as galhetas -----	3	-----	-----	-----	-----	-----
Coatro pires de estanho para as galhetas -----	4	-----	-----	-----	-----	-----
Hum panno de tafetá branco, que serve para a adoração da crus -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Hum pano da ambola do sacrario, bordado de oiro, com franja do mesmo -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Hum pano de ceda com ramos de oiro, e franja do mesmo que está cobrindo a ambolla lavrada que está no sacrario -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Hum pano em forma de cortina de tella branca que está no sacrario cubrindo o vazo liso -----	1	-----	-----	-----	-----	-----
Nove palas se acha supira -----	9	-----	-----	-----	-----	-----
Prato grande de prata lavrado -----	1	-----	-----	-----	-----	-----
Hum paynel do Senhor Jezus na caza do despacho -----	1	-----	-----	-----	-----	-----

Q

	Annos	1754	1755	1756	1768	1773
	Numero das peças					
Tres Quadernos de missa de defuntos -----		3*	-----	-----	-----	-----

R

	Annos	1754	1755	1756	1768	1773
	Numero das peças					
Vinte ramos de pasta pratiados com suas pianhas -----	20*	-----	-----	-----	-----	-----
Dois pequeninos do mesmo -----	2	-----	-----	-----	-----	-----
Seis rosas de cambraya -----	6*	-----	-----	-----	-----	-----
Hum reposteiro de panno verde bordado da porta principal -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Hum reposteiro enserado velho -----	1	-----	-----	-----	-----	-----
Dois ramos mais de prata prateados -----	2	-----	-----	-----	-----	-----
Coatro ramos de papel de cores -----	4	-----	-----	-----	-----	-----
Coatro ramos de cambraya -----	4	-----	-----	-----	-----	-----
Mais do esquife -----	4	-----	-----	-----	-----	-----

S

	Annos	1754	1755	1756	1768	1773
	Numero das peças					
Sacras do altar mor tres pessas goarnecida de vidro de espelho --		3	-----	-----	-----	-----
Hum Santo Sudario novo -----		1*	-----	-----	-----	-----
Hum Santo Sudario velho -----		1*	-----	-----	-----	-----
Dezasete sanguinhos -----		17	-----	-----	-----	-----
Hua sobre peles de pano de linho uzada -----		1	-----	-----	-----	-----
Vinte e quatro sanguinhos -----		24*	-----	-----	-----	-----
Hua sanefa de ceda verde, e branca -----		1	-----	-----	-----	-----
Dezoito sanguinhos -----		18	-----	-----	-----	-----
Mais outra que deo o padre António Dias -----		1	-----	-----	-----	-----

T

	Annos	1754	1755	1756	1768	1773
	Numero das peças					
Oito toalhas de maos -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Vinte toalhas dos altares -----	20	-----	-----	-----	-----	-----
Coatro toalhas do Senhor fora -----	4	-----	-----	-----	-----	-----
Duas toalhas mais do senhor fora -----	2	-----	-----	-----	-----	-----
Duas toalhas piquenas da comunhão -----	2	-----	-----	-----	-----	-----
Hua toalha grande para a grade da comunhão -----	1	-----	-----	-----	-----	-----
Tres toalhas grandes da comunham -----	3	-----	-----	-----	-----	-----
Treze toalhas mais dos altares -----	13	-----	-----	-----	-----	-----
Dois tapetes de ceda -----	2	-----	-----	-----	-----	2
Dois tapetes de lam -----	2*	-----	-----	-----	-----	1
Oito tocheiras pratiadas -----	8	-----	-----	-----	-----	8
Oito tocheiras velhas -----	8	-----	-----	-----	-----	-----
Hua toalha da crus do tumolo -----	1	-----	-----	-----	-----	-----
Duas tualhas mais dos altares -----	2	-----	-----	-----	-----	-----
Oito toalhas -----	8	-----	-----	-----	-----	-----

V

	Annos	1754	1755	1756	1768	1773
	Numero das peças					
Hum veo de ombros de setim roixo -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Hum veo de ombros de ceda vermelha com ramos de oiro, e prata -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Hum veo de ombros do Senhor de fora de ceda branca, e vermelha -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Hum veo de volante branco para a custodia -----	1	-----	-----	-----	-----	-----
Hum veo de ombros de ceda branca, e oiro: aparelho de ornamento da mesma ceda -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Hum veo de ombros de tella branca: aparelho do ornamento da mesma cor, e ceda -----	1	-----	-----	-----	-----	-----
Hum veo de ombros de ceda preta: aparelho do ornamento da mesma ceda -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Hum volante branco de cobrir os defuntos -----	1	-----	-----	-----	-----	-----
Hum vazo de estanho para a comunham -----	1*	-----	-----	-----	-----	-----
Hum veo de ló vermelho -----	1	-----	-----	-----	-----	-----
Hum veo de tafetá roixo da semana Santa -----	1	-----	-----	-----	-----	-----

X

	1754	1755	1756	1768	1773
Coatro xicaras pardas -----	4	-----	-----	-----	-----
Duas xicaras brancas -----	2	-----	-----	-----	-----

APÊNDICE III

ÍNDICE GEOGRÁFICO
CONFRARIAS E IRMANDADES DOS MAREANTES E PESCADORES
EM PORTUGAL, ENTRE O SÉCULO XIII E XVIII
(Subsídios para um inventário)

Albufeira / Algarve - Confraria dos Mareantes de Alvor - IRIA, Alberto - *Descobrimientos Portugueses*. INIC, Lisboa, 1988, Vol. II, Tomo I, p. 24.

Alcântara - Irmandade de N.^a S.^a das Necessidades - Ermida de N.^a S.^a das Necessidades, 1613. OLIVEIRA, Eduardo Freire de - *Elementos para a História do Município de Lisboa*. C. M. Lisboa, Lisboa, 1882, Tomo XV, pp. 219-225.

Aldea-Gallega de Riba-Tejo - Confraria de N.^a S.^a d'Atalaya (*Protectora Soberana das Alfândegas*) - Ermida de N.^a S.^a d'Atalaya, 1507. OLIVEIRA, Eduardo Freire de - *Elementos para a História do Município de Lisboa*. C. M. Lisboa, Lisboa, 1882, Tomo XIII, pp. 474-475.

Alvor (Portimão) / Algarve - Confraria dos Mareantes de Alvor, 1787 - IRIA, Alberto - *Descobrimientos Portugueses*. INIC, Lisboa, 1988, Vol. II, Tomo I, p. 26.

Ancora - Irmandade de Nossa Senhora do Socorro - Capela de Nossa Senhora do Socorro, 1640. LEAL, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno. Diccionario Geographico, Estatístico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal*. Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Cardosos, 1882, Vol. I, pp. 210-212.

Aveiro - Confraria de N.^a S.^a da Alegria - Capela de N.^a S.^a da Alegria, Séc. XVI, GOMES, Marques - *Memórias de Aveiro*, p. 102. Cit. RIBEIRO, Victor - *História da Beneficência Pública em Portugal*. Coimbra, 1907, p. 387.

Aveiro - Confraria de Nossa Senhora de Sá - Igreja do Lugar de Sá, 1200-1855. NEVES, Francisco Ferreira - *A Confraria dos Pescadores e Mareantes de Aveiro (1200 - 1855)*. Separata do Vol. XXXIX do Arquivo do Distrito de Aveiro, Aveiro, 1973.

Aveiro / Junto ao Forte da Barra - Irmandade de N.^a S.^a dos Navegantes - Capela de N.^a S.^a dos Navegantes. LEAL, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno. Diccionario Geographico, Estatístico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico*

de todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal. Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Cardosos, 1882, Vol. I, p. 275.

Aveiro / São Jacinto - Confraria do Corpo Santo - Capela de Nossa Senhora das Areias, Séc. XV. ANDRÉS ORDAX, Salvador - *Un Patrono para los Navegantes Portugueses: «O Corpo Santo»*. Tomo V (El Área Atlántica. Portugal y Flandres) In *Las Sociedades Ibéricas y el Mar a Finlaes del Siglo XVI*, Universidad de Valladolid, p. 135. GOMES, Marques - “Memórias de Aveiro”, p. 102. Cit. RIBEIRO, Victor - *História da Beneficência Pública em Portugal*. Coimbra, 1907, p. 387. ✠

Caminha - Confraria dos Navegantes - Capela da Igreja Matriz de Caminha, 1488. “À Descoberta da Arte do Tempo de D. Manuel II.” *O Comércio do Porto*, Porto, 9 Ago. 2002, p. 2. FILGUEIRAS, Octávio Lixa - *O Barco Poveiro*. Câmara Municipal da Póvoa do Varzim, 1995, p. 144.

Cascais - Confraria de N.^a S.^a da Guia (*Espírito Santo*) - Capela e Farol de N.^a S.^a da Guia, 1570. Leal, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno. Diccionario Geographico, Estatístico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal*. Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Cardosos, 1882, Vol. II, p. 154. ✠

Cascais - Confraria do Corpo Santo - Capela de S. Pedro Gonçalves Telmo, 1729. LEAL, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno. Diccionario Geographico, Estatístico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal*. Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Cardosos, 1882, Vol. II, p. 154. RIBEIRO, Victor - *História da Beneficência Pública em Portugal*. Coimbra, 1907, p. 384. SILVA, José Justino de Andrade e - *Collecção Chronológica da Legislação Portuguesa: Compilada e Annotada 1641 - 1683 (Suplemento à Segunda Serie)*. Lisboa, Imprensa de J. J. A. Silva, 1857, p.351. ✠

Cascais - Irmandade do Santíssimo Sacramento - Igreja de N.^a S.^a da Assunção, 1720. LEAL, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno. Diccionario Geographico, Estatístico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal*. Lisboa, 1882, Vol. II, pp. 153-154.

Castro Marim / Algarve - Confraria dos Mareantes de Castro Marim, 1815 - IRIA, Alberto - *Descobrimentos Portugueses*. INIC, Lisboa, 1988, Vol. II, Tomo I, p. 85.

Esposende - Confraria de Mareantes - Capela dos Mareantes, 1650. ALMEIDA, José António Ferreira de - *Direcção de Tesouros Artísticos de Portugal. Edição de Selecções do Reader's Digest*, Lisboa, 1976, pág 237.

✠ Confrarias do Corpo Santo

✠ Confrarias do Espírito Santo

Faro / Algarve - Confraria do Corpo Santo - Capela de S. Pedro, 1392. IRIA, Alberto - *Descobrimentos Portugueses*. INIC, Lisboa, 1988, Vol. II, Tomo I, p. 49. ✱

Faro / Algarve - Confraria e Irmandade de Nossa Senhora da Vitória - Igreja de S. Pedro, 1598. IRIA, Alberto - *Descobrimentos Portugueses*. INIC, Lisboa, 1988, Vol. II, Tomo I, p. 56. COSTA, Américo - *Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular*. Porto, Vol. VI, p. 604.

Ferragudo (Portimão) / Algarve - Confraria dos Mareantes de Ferragudo - IRIA, Alberto - *Descobrimentos Portugueses*. INIC, Lisboa, 1988, Vol. II, Tomo I, p. 26. ✱

Funchal / Madeira - Confraria de Nossa Senhora da Boa Viagem - sita na Ermida do Apostolo S. Bartholomeu, 1696. SILVA, José Justino de Andrade e - *Collecção Chronológica da Legislação Portuguesa: Compilada e Annotada 1683 - 1700*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1859, p.388.

Funchal / Madeira - Irmandade do Corpo Santo (*S. Pedro Gonçalves Telmo*) - Capela do Corpo Santo, 1450, DIAS, Pedro - *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822), O Espaço Atlântico*. Navarra, 1999, pág. 147.

Funchal / Madeira - Irmandade do espírito Santo - Igreja do Espírito Santo do Funchal, 1508. DIAS, Pedro - *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822), O Espaço Atlântico*. Navarra, 1999, pág. 179.

Funchal / Calheta - Madeira - Irmandade do Espírito Santo - Igreja do Espírito Santo da Calheta, Séc. XVII. DIAS, Pedro - *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822), O Espaço Atlântico*. Navarra, 1999, pág. 184.

Fuseta (Tavira) Algarve / - Confraria dos Mareantes da Fuseta. 1825 - IRIA, Alberto - *Descobrimentos Portugueses*. INIC, Lisboa, 1988, Vol. II, Tomo I, p. 26. ✱

Guimarães - Confraria de S. Pedro Gonçalves Telmo - Capela do Convento Dominicano, 1553. ANDRÉS ORDAX, Salvador - *Un Patrono para los Navegantes Portugueses: «O Corpo Santo»*. Tomo V (El Área Atlántica. Portugal y Flandes) In *Las Sociedades Ibéricas y el Mar a Finlaes del Siglo XVI*, Universidad de Valladolid, p. 131. ✱

Horta / Açores - Irmandade do Corpo Santo - Igreja do antigo Convento de São Francisco da Horta, *Capela de S. Pedro Gonçalves Telmo*, 1740. DIAS, Pedro - *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822), O Espaço Atlântico*. Navarra, 1999, p. 287. ANDRÉS ORDAX, Salvador - *Un Patrono para los Navegantes Portugueses: «O Corpo Santo»*. Tomo

V (El Área Atlántica. Portugal y Flandres) In Las Sociedades Ibéricas y el Mar a Finales del Siglo XVI, Universidad de Valladolid, p. 135. ✱

Horta / Ribeira Grande - Açores - Irmandade do Espírito Santo - Igreja Matriz do Espírito Santo da Maia, Séc. XVII DIAS, Pedro - *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822)*, O Espaço Atlântico. Navarra, 1999, pp. 270-271.

Lagos / Algarve - Confraria do Corpo Santo - Igreja do Corpo Santo, 1412. IRIA, Alberto - *Descobrimentos Portugueses*. INIC, Lisboa, 1988, Vol. II, Tomo I, p. 76. RIBEIRO, Victor - *História da Beneficência Pública em Portugal*. Coimbra, 1907, p. 387. ✱

Lisboa - Confraria da Corte - Capela Real, Casa da Índia, 1672. SILVA, José Justino de Andrade e - *Collecção Chronológica da Legislação Portuguesa: Compilada e Annotada 1683 - 1700*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1859, p. 473.

Lisboa - Confraria de N.^a S.^a da Penha de França - Capela de N.^a S.^a da Penha de França, 1617. SILVA, José Justino de Andrade e - *Collecção Chronológica da Legislação Portuguesa: Compilada e Annotada 1613 - 1619*. Lisboa, Imprensa de J. J. A. Silva, 1855. p. 263.

Lisboa - Confraria do Espírito Santo (*Irmandade dos Mareantes e Pescadores do Alto*) - Igreja de S. Miguel de Alfama, 1645. SILVA, José Justino de Andrade e - *Collecção Chronológica da Legislação Portuguesa: Compilada e Annotada (Supplemento á Segunda Serie) 1641 - 1683*. Lisboa, Imprensa de F. X. De Souza, 1857, pp. 261-262.

Lisboa - Irmandade das Chagas de Cristo - sita na Igreja Paroquial das Chagas de N.º Sr. Jesus Cristo, 1689. SILVA, José Justino de Andrade e - *Collecção Chronológica da Legislação Portuguesa: Compilada e Annotada 1641 - 1683* Lisboa, Imprensa de F. X. De Souza, 1857, p. 201.

Lisboa - Irmandade do Espírito Santo dos Pescadores - Ermida de Nossa Senhora dos Remédios, 1674. SILVA, José Justino de Andrade e - *Collecção Chronológica da Legislação Portuguesa: Compilada e Annotada 1641 - 1683* Lisboa, Imprensa de F. X. De Souza, 1857, 201.p. 314. ✱

Lisboa - Irmandade do Senhor Jesus da Boa Nova - Igreja do Senhor Jesus da Boa Nova - antiga ermida de N.^a S.^a do Rosário, 1723. OLIVEIRA, Eduardo Freire de - *Elementos para a História do Município de Lisboa*. C. M. Lisboa, Lisboa, 1882, Tomo XIII.

Lisboa - Irmandade dos Mareantes da Igreja das Chagas - Igreja das Chagas, 1645. SILVA, José Justino de Andrade e - *Collecção Chronológica... Compilada e Annotada (Supplemento á Segunda Serie) 1641 - 1683*. Lisboa, Imprensa de F. X. De Souza, 1857, pp. 149-150.

✱ Confrarias do Corpo Santo

✱ Confrarias do Espírito Santo

Lisboa - Irmandade e Hospital de Nossa Senhora da Graça do Corpo Santo (*pescadores da Cruz de Cata-o-que-farás*) - Igreja do Corpo Santo, 1648. SILVA, José Justino de Andrade e - *Collecção Chronológica da Legislação Portuguesa: Compilada e Annotada (Supplemento á Segunda Serie) 1641 - 1683*. Lisboa, Imprensa de F. X. De Souza, 1857, pp. 181-182. ✱

Loulé / Algarve - Confraria de mareantes (S. Gonçalo de Lagos) - Convento de N.ª S.ª da Graça. IRIA, Alberto - *Descobrimentos Portugueses*. INIC, Lisboa, 1988, Vol. II, Tomo I, p. 67.

Loulé / Algarve - Confraria e Hospital dos Mareantes do Espírito Santo - 1471. BRÁSIO, António - *As Confrarias Medievais do Espírito Santo, Paradigmas das Misericórdias*. Academia Portuguesa da História, Separata de Presença de Portugal no Mundo (actas do Colóquio), Lisboa, 1982, p. 81.

Matosinhos - Real Confraria do Bom Jesus de Matosinhos - Igreja Paroquial do Bom Jesus de Matosinhos, 1607. CLETO, Joel Alves C. e OLIVEIRA, Maria José - *Confrarias do Concelho de Matosinhos*. O Tripeiro, 7.ª Série, Ano XII / n.º 5, Maio, 1993, p. 155.

Matosinhos / Bouças - Confraria do Santo Crucifixo de Bouças, 1680. CLETO, Joel Alves C. e OLIVEIRA, Maria José - "Confrarias do Concelho de Matosinhos." O Tripeiro, 7.ª Série, Ano XII / n.º 5, Maio, 1993, p. 155.

Matosinhos / Leça da Palmeira - Irmandade de S. Pedro Gonçalves Telmo (*Corpo Santo*) - Capela do Corpo Santo, 1744. CLETO, Joel Alves C. e OLIVEIRA, Maria José - "Confrarias do Concelho de Matosinhos." O Tripeiro, 7.ª Série, Ano XII / n.º 5, Maio, 1993, pp. 154-155. ✱

Nazaré / Vila da Pederneira - Confraria dos mareantes - Capela dos Homens do Mar, administrada pela Santa Casa da Misericórdia, 1716, RIBEIRO, Victor - *História da Beneficência Pública em Portugal*. Coimbra, 1907, p. 384.

Oeiras / Boa-Viagem - Irmandade de N.ª S.ª da Boa Viagem - Igreja e Convento de N.ª S.ª da Boa Viagem, 1636. LEAL, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno. Diccionario Geographico, Estatístico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal*. Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Cardosos, 1882, Vol. I, p. 403.

Oeiras / Porto-Salvo - Irmandade de N.ª Senhora de Porto-Salvo - Capela de Nossa Senhora de Porto-Salvo, Séc. XVI. LEAL, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno. Diccionario Geographico, Estatístico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e*

✱ Confrarias do Corpo Santo

✱ Confrarias do Espírito Santo

Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal. Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1880, Vol. 7, pp. 584-587.

Olhão / Algarve - Confraria de Mareantes, Séc. XVIII, RIBEIRO, Victor - *História da Beneficiência Pública em Portugal*. Coimbra, 1907, p. 387. - IRIA, Alberto - *Descobrimentos Portugueses*. INIC, Lisboa, 1988, Vol. II, Tomo I, p. 26. ‡

Peniche - Confraria e Montepio do Corpo Santo - Capela do Corpo Santo, 1505. LEAL, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno. Diccionario Geographico, Estatístico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal*. Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1875, Vol. 6, pág. 628. ‡

Portimão / Algarve - Irmandade de Nossa Senhora da Esperança - Igreja de N.^a S.^a da Esperança, 1497. LEAL, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno. Diccionario Geographico, Estatístico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal*. Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1880, Vol. 7, pp. 266-267. - Vieira, P.^o José Baptista Gonçalves - *Memória Monográfica de Villa Nova de Portimão*. Porto 1911, p.80; IRIA, Alberto - *Descobrimentos Portugueses*. INIC, Lisboa, 1988, Vol. II, Tomo I, p. 24. ‡

Porto - Confraria das Almas do Corpo Santo de Massarelos (*S. Pedro Gonçalves Telmo*) - Ermida do Corpo Santo, 1394. A.P.M., Tombo I, fol. n.º 1. ‡

Porto - Confraria de N.^a S.^a da Boa Nova - Igreja de S. Nicolau, 1247. LANHOSO, Adriano Coutinho - "Nossa Senhora Protectora dos Mareantes do Velho Burgo do Porto". Boletim Cultural da C. M. do Porto, Vol. XXIX, 1966, pp. 109-112.

Porto - Confraria de N.^a S.^a da Guia - Igreja de S. João Novo, Convento de Santo Agostinho, 1583, LANHOSO, Adriano Coutinho - "Nossa Senhora Protectora dos Mareantes do Velho Burgo do Porto." Boletim Cultural da C. M. do Porto, Vol. XXIX, 1966, pp. 98-100.

Porto - Confraria de Nossa Senhora das Neves, das Dores e Santos Reis Magos, (*mercadores de açúcar do Brasil*) - Sita no Convento e Adro de S. Domingos da Cidade do Porto - 1556. SILVA, José Justino de Andrade e - *Collecção Chronológica da Legislação Portuguesa: Compilada e Annotada 1641 - 1683 (Suplemento à Segunda Serie)*. Lisboa, Imprensa de J. J. A. Silva, 1857, p. 349.

Porto / Miragaia- Confraria do Espírito Santo - Capela e Hospital de S. Pedro de Miragaia, 1405. BARROS, Amândio Jorge Morais - *A Confraria de S. Pedro de Miragaia do Porto no Século XV*, (Dissertação de Mestrado em História Medieval), FLUP, Porto, 1991, p. 32. Leal,

‡ Confrarias do Corpo Santo

‡ Confrarias do Espírito Santo

Pinho - Portugal Antigo e Moderno. Diccionario Geographico, Estatístico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal. Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1875, Vol. 6, pp. 287-289.

Porto / Miragaia - Confraria do Santíssimo Sacramento - Capela de N.^a S.^a da Esperança, 1893, LANHOSO, Adriano Coutinho - "Nossa Senhora Protectora dos Mareantes do Velho Burgo do Porto." Boletim Cultural da C. M. do Porto, Vol. XXIX, 1966, pp. 90-97.

Porto / Cedofeita - Confraria do Santíssimo Sacramento - Capela de N.^a S.^a da Boa Viagem, 1699-1835, LANHOSO, Adriano Coutinho - "Nossa Senhora Protectora dos Mareantes do Velho Burgo do Porto." Boletim Cultural da C. M. do Porto, Vol. XXIX, 1966, pp. 80-82.

Porto / Foz do Douro / Cantareira- Confraria de N.^a S.^a da Lapa - Capela da Senhora da Lapa, 1391. LANHOSO, Adriano Coutinho - "Nossa Senhora Protectora dos Mareantes do Velho Burgo do Porto." Boletim Cultural da C. M. do Porto, Vol. XXIX, 1966, pp. 62-65.

Porto / Foz do Douro - Confraria de N.^a S.^a da Luz - Capela da Senhora da Luz, 1680. LANHOSO, Adriano Coutinho - "Nossa Senhora Protectora dos Mareantes do Velho Burgo do Porto." Boletim Cultural da C. M. do Porto, Vol. XXIX, 1966, pp. 45-50.

Porto / Foz do Douro - Confraria de N.^a S.^a do Rosário - Igreja Matriz, 1523. LANHOSO, Adriano Coutinho - "Nossa Senhora Protectora dos Mareantes do Velho Burgo do Porto." Boletim Cultural da C. M. do Porto, Vol. XXIX, 1966, pp. 51-53.

Porto / Foz do Douro - Confraria de N.^a S.^a da Bonança - Igreja Matriz, Séc. XVII. LANHOSO, Adriano Coutinho - "Nossa Senhora Protectora dos Mareantes do Velho Burgo do Porto." Boletim Cultural da C. M. do Porto, Vol. XXIX, 1966, pp. 60-61.

Porto / Lordelo do Ouro - Confraria do Santíssimo Sacramento e Almas - Capela de Santa Catarina, 1395, LANHOSO, Adriano Coutinho - "Nossa Senhora Protectora dos Mareantes do Velho Burgo do Porto." Boletim Cultural da C. M. do Porto, Vol. XXIX, 1966, pp. 76-79.

Porto / Lordelo do Ouro - Irmandade dos homens de negócios da cidade do Porto, Capela da Ajuda, 1550, LANHOSO, Adriano Coutinho - "Nossa Senhora Protectora dos Mareantes do Velho Burgo do Porto." Boletim Cultural da C. M. do Porto, Vol. XXIX, 1966, pp. 66-75.

Porto / S. Nicolau - Irmandade de N.^a S.^a da Piedade do Cais - Capela e Hospital de N.^a S.^a da Piedade do Cais, 1484, LANHOSO, Adriano Coutinho - "Nossa Senhora Protectora dos

Mareantes do Velho Burgo do Porto.” Boletim Cultural da C. M. do Porto, Vol. XXIX, 1966, pp. 113-125.

Póvoa de Varsim - Confraria de Nossa Senhora da Lapa - Ermida de S. Roque, 1761 (*Desde 1791 passou a Irmandade de Nossa Senhora da Assunção*). COSTA, Martins da - “Irmandades e Confrarias da Póvoa de Varzim.” Separata do Boletim Cultural, Póvoa de Varzim. 1978, Vol. XVII, n.º 1, pp. 51-53.

Póvoa do Varzim / A-Ver-o-Mar - Confraria N.ª S.ª das Neves. COSTA, Martins da - “Irmandades e Confrarias da Póvoa de Varzim.” Separata do Bolet. Cultural, Póvoa de Varzim. 1978, Vol. XVII, n.º 1, p. 34.

Póvoa do Varzim / Caxinas - Confraria do Senhor dos Navegantes. COSTA, Martins da - “Irmandades e Confrarias da Póvoa de Varzim.” Separata do Bolet. Cultural, Póvoa de Varzim. 1978, Vol. XVII, n.º 1, p. 34.

Ribeira Grande / Açores - Irmandade do Corpo Santo - Igreja Matriz de Ribeira Grande, Capela de S. Pedro Gonçalves Telmo, Séc. XVI. ANDRÉS ORDAX, Salvador - *Un Patrono para los Navegantes Portugueses: «O Corpo Santo»*. Tomo V (El Área Atlántica. Portugal y Flandes) In Las Sociedades Ibéricas y el Mar a Finlaes del Siglo XVI, Universidad de Valladolid, p. 135. ‡

Santarém / Vila do Sardoal - Confraria do Espírito Santo - 1666. SILVA, José Justino de Andrade e - *Collecção Chronológica da Legislação Portuguesa: Compilada e Annotada 1641 - 1683 (Suplemento à Segunda Serie)*. Lisboa, Imprensa de J. J. A. Silva, 1857, p. 201. p. 276. ¶

Santa Maria / Açores - Confraria do Espírito Santo - Igreja do Espírito Santo de Santa Maria, Séc. XVIII. DIAS, Pedro - *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822), O Espaço Atlântico*. Navarra, 1999, p. 278.

Sesimbra - Confraria e Hospital dos Mareantes de Sesimbra - Capela do Espírito Santo dos Mareantes, 1490. ALMEIDA, José António Ferreira de - *Direcção de Tesouros Artísticos de Portugal. Edição de Selecções do Reader's Digest*, Lisboa, 1976, p. 517. ¶

Setúbal - Confraria de N.ª S.ª do Socorro - Capela de N.ª S.ª do Socorro, 1614. SILVA, José Justino de Andrade e - *Collecção Chronológica da Legislação Portuguesa: Compilada e Annotada 1613 - 1619*. Lisboa, Imprensa de J. J. A. Silva, 1855. pp. 105-106.

Setúbal - Confraria de Nossa Senhora da Conceição, do Cais - (*Guardas e remadores da alfândega*), séc. XVII. LEAL, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno. Diccionario Geographico*,

‡ Confrarias do Corpo Santo

¶ Confrarias do Espírito Santo

Estatístico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal. Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1880, Vol. 9. p. 263.

Setúbal - Confraria do Corpo Santo (*S. Pedro Gonçalves Telmo*) - 1444. SILVA, José Justino de Andrade e - *Collecção Chronológica da Legislação Portuguesa: Compilada e Annotada 1603 - 1612*. Lisboa, Imprensa de J. J. A. Silva, 1854, p. 251. ✱

Setúbal - Irmandade de Santo Estevão - 1684. SILVA, José Justino de Andrade e - *Collecção Chronológica da Legislação Portuguesa: Compilada e Annotada 1683 - 1700*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1859, pp. 17-18.

Tavira / Algarve - Confraria de Santa Maria e Hospital do Espírito Santo - 1442. LEAL, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno. Diccionario Geographico, Estatístico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal*. Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1880, Vol. IX, p. 506. BRÁSIO, António - *As Confrarias Medievais do Espírito Santo, Paradigmas das Misericórdias*. Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1982, p. 38. ‡

Tavira / Algarve - Confraria do Corpo Santo (*S. Pedro Gonçalves Telmo ou Santelmo*) - Igreja de N.ª S.ª das Ondas, 1382. IRIA, Alberto - *Descobrimentos Portugueses*. INIC, Lisboa, 1988, Vol. II, Tomo I, p. 34. LEAL, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno. Diccionario Geographico, Estatístico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal*. Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1880, Vol. IX, p. 506. ‡

Viana do Castelo - Confraria do Nome de Jesus dos Mareantes de Viana - Igreja Matriz de Santa Maria Maior, 1506. LEAL, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno. Diccionario Geographico, Estatístico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal*. Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Cardosos, 1882, Vol. 10, pp. 370-373.

Viana do Castelo / Areosa - Irmandade de S. Pedro - Capela do Espírito Santo, 1547. LEAL, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno. Diccionario Geographico, Estatístico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal*. Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Cardosos, 1882, Vol. 10, pp. 370-373. ✱

Vila de Aldea-Gallega de Riba-Tejo - Confraria do Espírito Santo - 1647. SILVA, José Justino de Andrade e - *Collecção Chronológica da Legisla... Compilada e Annotada (Supplemento á Segunda Serie) 1641 - 1683*. Lisboa, Imprensa de F. X. De Souza, 1857, p. 169. ‡

‡ Confrarias do Corpo Santo

✱ Confrarias do Espírito Santo

Vila Nova de Gaia - Irmandade de N.^a S.^a do Pilar - Igreja de N.^a S.^a do Pilar, 1678, LANHOSO, Adriano Coutinho - "Nossa Senhora Protectora dos Mareantes do Velho Burgo do Porto". Boletim Cultural da C. M. do Porto, Vol. XXIX, 1966, pp. 126-129.

Vila Nova de Gaia - Irmandade de N.^a S.^a da Bonança - Capela de N.^a S.^a da Bonança, LANHOSO, Adriano Coutinho - "Nossa Senhora Protectora dos Mareantes do Velho Burgo do Porto". Boletim Cultural da C. M. do Porto, Vol. XXIX, 1966, pp. 133-135.

Vila Nova de Gaia / Cais do Jones- Irmandade de N.^a S.^a da Piedade- Capela de N.^a S.^a da Piedade, 1683, LANHOSO, Adriano Coutinho - "Nossa Senhora Protectora dos Mareantes do Velho Burgo do Porto." Boletim Cultural da C. M. do Porto, Vol. XXIX, 1966, pp. 130-132.

Vila Real de Santo António / Algarve - Confraria e Hospital, 1744. RIBEIRO, Victor - *História da Beneficência Pública em Portugal*. Coimbra, 1907, p. 388.

Vila do Conde - Confraria do Corpo Santo - Igreja Matriz, 1542. ANDRÉS ORDAX, Salvador - *Un Patrono para los Navegantes Portugueses: «O Corpo Santo»*. Tomo V (El Área Atlántica. Portugal y Flandres) In *Las Sociedades Ibéricas y el Mar a Finlaes del Siglo XVI*, Universidad de Valladolid, p. 137.

APÊNDICE IV

Índice Onomástico					
Nome	Profissão	Fonte			Ano
		A.P.M.	Tombo	Fol.	

António Rodrigo da Costa	Artesão	“	B	48	1702
António Vieira	Artesão	“	B	46	1701

Agostinho Fernandez Palheiro	Capitão	“	B	46	1701
António de Azevedo Pimenta	Capitão	“	B	30	1695
António de Moraes	Capitão	“	B	21	1692
António de Moraes	Capitão	“	B	46	1701
António de Moraes Varella	Capitão	“	B	35	1697
António de Moraes Varella	Capitão	“	B	36	1698
António dos Santos Palheiro	Capitão	“	9	4	1741
António dos Santos	Capitão	“	9	1	1741
António Dias Palheiro	Capitão	“	B	40	1699
António Dias Palheiro	Capitão	“	B	40	1699
António Moraes	Capitão	“	B	24	1693
António Pires Delicado	Capitão	“	B	40	1699
Domingos Dias	Capitão	“	B	36	1698
Francisco Coelho	Capitão	“	B	40	1699
Francisco da Costa Martinz	Capitão	“	9	3	1741
Iozeph Fernandes Palheiros	Capitão	“	B	40	1699
Iozeph Luís Mota	Capitão	“	B	40	1699

Índice Onomástico					
Nome	Profissão	Fonte			Ano
		A.P.M.	Tombo	Fol.	

Iozeph Ribeiro	Capitão	“	B	40	1699
João da Costa Carlos	Capitão	“	9	1	1741
João Pinto Homem	Capitão	“	9	2	1741
Luis Cardoso Pereira	Capitão	“	B	30	1695
Manoel Bello	Capitão	“	B	40	1699
Manoel Carvalho	Capitão	“	B	45	1700
Manoel Carvalho da Costa	Capitão	“	B	30	1695
Manoel Carvalho da Costa	Capitão	“	B	35	1697
Manoel Carvalho da Costa	Capitão	“	B	40	1699
Manoel Dias da Crus	Capitão	“	B	36	1698
Manoel Dias Pereira	Capitão	“	9	5	1741
Manoel Dias Palheiro	Capitão	“	B	7	1687
Manoel Fernandez de Almeida	Capitão	“	B	46	1701
Manoel Lopes dos Reis	Capitão	“	B	40	1699
Manoel Neto	Capitão	“	B	6	1686
Manoel Nogueira Duarte	Capitão	“	B	36	1698
Manuel Fernandes Carvalho	Capitão	“	B	45	1700
Pedro da Costa	Capitão	“	B	11	1689
Pedro da Costa Garamacho	Capitão	“	B	35	1697
Pinheiro da Costa Gramacho	Capitão	“	B	6	1686

Índice Onomástico					
Nome	Profissão	Fonte			Ano
		A.P.M.	Tombo	Fol.	

Anecleto Viegas do Valle	Capitão e Tesoureiro	“	B	46	1701
António Pires	Capitão e Tesoureiro	“	B	10	1688
Manoel Rodrigues Freitas	Capitão e Tesoureiro	“	B	48	1702

Manoel Teixeira	Carpinteiro	“	B	6	1686
-----------------	-------------	---	---	---	------

António Luís	Conego	“	B	28	1694
António Luís	Cónego	“	B	46	1701
António Luís da Costa	Cónego	“	B	35	1697
António Luís da Costa	Cónego	“	B	40	1699
Cristóvão da Fonseca	Cónego	“	B	35	1697
João Fernandes Fontão	Cónego	“	B	40	1699
João Fernandez Frontão	Conigo	“	B	10	1688
João Gomes	Cónego	“	B	35	1697
Manoel Rodrigues	Cónego	“	B	35	1697
Manoel Rodrigues	Conego	“	B	10	1688

António dos Sanctos	Doutor e Frei	“	B	11	1689
---------------------	---------------	---	---	----	------

Índice Onomástico					
Nome	Profissão	Fonte			Ano
		A.P.M.	Tombo	Fol.	

António da Silva Moura	Escrivão	“	B	7	1687
Domingos Rodrigues da Costa	Escrivão	“	B	19	1691
Manoel da Costa Vianna	Escrivão	“	B	1	1684
Manoel Moreira Sangano	Escrivão	“	B	15	1690

Domingos Lopes	Ferreiro	"	B	40	1699
Manoel Gomes	Ferreiro	"	B	6	1686
Mathias João	Ferreiro	"	B	6	1686

Francisco Mendes	Juíz	"	B	10	1688
Francisco Martins Lima	Juiz e Administrador	"	B	1	1684
Manoel Correia de Oliveira	Juíz e Conego	"	B	10	1688

Luis Ferreira	Livreiro	"	B	45	1700
---------------	----------	---	---	----	------

Loreto	Mestre	"	B	40	1699
--------	--------	---	---	----	------

Manoel Ferreira	Mordomo da cera	"	B	40	1699
-----------------	-----------------	---	---	----	------

Índice Onomástico					
Nome	Profissão	Fonte			Ano
		A.P.M.	Tombo	Fol.	

Manoel Ribeiro	Mordomo da cera	"	B	28	1694
----------------	-----------------	---	---	----	------

Mariquita	Negra	"	B	28	1694
-----------	-------	---	---	----	------

António Gonçalves	Oficial	"	B	28	1694
Manoel dos Santos	Oficial	"	B	28	1694
Manoel Leite	Oficial	"	B	35	1697

Baltazar Machado	Padre	"	B	45	1700
Cura	Padre	"	B	28	1694
Frei Manoel de Belem	Padre	"	B	48	1702
Frei Pedro	Padre	"	B	45	1700
Frey Manoel da Vitória	Padre	"	B	45	1700
Manoel Correa Gaio	Padre	"	B	28	1694
Manoel da Comseição	Padre	"	B	35	1697

Manoel Ferreira	Pedreiro	"	B	6	1686
-----------------	----------	---	---	---	------

Manoel Gonçalves	Piloto	"	B	15	1690
------------------	--------	---	---	----	------

Índice Onomástico					
Nome	Profissão	Fonte			Ano
		A.P.M.	Tombo	Fol.	

Cristóvão da Fonseca	Pintor	"	B	45	1700
Thomé Baptista	Pintor	"	B	6	1686

António Luís da Costa	Prior e Conigo	"	B	1	1684
-----------------------	----------------	---	---	---	------

Francisco Manoel Simão	Procurador	"	B	45	1700
------------------------	------------	---	---	----	------

António Luis da Costa	Reverendo Cónigo	"	B	35	1697
Cura	Reverendo Padre	"	B	35	1697
Frei Iozeph	Reverendo Padre	"	B	46	1701
Frei Manoel	Reverendo Padre	"	B	46	1701
João Fernandez Fontão	Reverendo Cónigo	"	B	46	1701
João Fernandez Fontão	Reverendo Cónigo	"	B	35	1697
Manoel Correia Gaio	Reverendo	"	B	11	1689
Manoel da Conceição	Reverendo Padre	"	B	35	1697
Manoel da Conseição	Reverendo Padre	"	B	30	1695
Manoel Rodrigues	Reverendo Cónigo	"	B	35	1697

Índice Onomástico

Nome	Profissão	Fonte			Ano
		A.P.M.	Tombo	Fol.	

Manoel Luís	Reverendo	"	B	11	1689
Oliveira Pedro	Reverendo Padre	"	B	46	1701

Gonçalo Moreira	Sereeiro	"	B	15	1690
Izabel de Souza	Sereeira	"	B	35	1697

Manoel Pinto	Tanoeiro	"	B	45	1700
--------------	----------	---	---	----	------

Anacleto Viegas do Vale	Tezoureiro	"	B	40	1699
Anacleto Viegas do Valle	Tezoureiro	"	B	45	1700
António Dias Palheiro	Tezoureiro	"	B	35	1697
António Pires Dilicado	Tezoureiro	"	B	11	1689
António Pires Duarte	Tezoureiro	"	B	24	1693
Bento da Rocha Moreira	Tezoureiro	"	B	4	1685
Bertholomeu Barbosa Pereira	Tezoureiro	"	B	46	1701
Diogo Cardoso da Silva	Tezoureiro	"	B	36	1698
Domingos Lopes Porto	Tezoureiro	"	B	11	1689
Domingos Lopes Porto	Tezoureiro	"	B	6	1686
Francisco Mendes	Tezoureiro	"	B	7	1687
Gonçalo de Oliveira	Tezoureiro	"	B	6	1686

Índice Onomástico					
Nome	Profissão	Fonte			Ano
		A.P.M.	Tombo	Fol.	

Gonçalo de Oliveira	Tezoureiro	"	B	36	1698
---------------------	------------	---	---	----	------

Iozeph Fernandes Palheiros	Tezoureiro	"	B	36	1698
Jorge Duarte Porto	Tezoureiro	"	B	11	1689
Manoel Carvalho da Costa	Tezoureiro	"	B	35	1697
Manoel Dias Palheiro	Tezoureiro	"	B	36	1698
Manoel Fernandez dos Santos	Tezoureiro	"	B	15	1690
Manoel Ferreira	Tezoureiro	"	B	19	1691
Manoel Francisco dos Santos	Tezoureiro	"	B	19	1691
Manoel Ramos	Tezoureiro	"	B	11	1689
Manoel Tavares de Olveira	Tezoureiro	"	B	30	1695
Pedro Gonçalves	Tezoureiro	"	B	36	1698
Pedro Gonçalves Palheiro	Tezoureiro	"	B	24	1693

APÊNDICE V
INVENTÁRIO DOCUMENTAL DA CONFRARIA DAS
ALMAS DO CORPO SANTO

INVENTÁRIO DOCUMENTAL DA CONFRARIA DAS ALMAS DO CORPO SANTO

Livro 29	Tombo da Conclusão Final -----	1579 a 1925
Livro 54	Diário de Receitas e Despesas -----	1796 a 1833
Livro 55	Receitas Despesas -----	1794
Livro 56	Registo de Sepulturas -----	1779
Livro 57	Livro de Eleições -----	1773
Livro 58	Livro de Entradas de Irmãos -----	1768
Livro 59	Tombo – Inventário -----	1754
Livro 60	Livro de Estatutos -----	1749
Livro 61	Diário Receitas Despesas -----	1718 a 1748
Livro 62	62 Missal de Defuntos -----	1715
Livro 64	Livro (pasta) de Eleições -----	1707
Livro 65	INATIVITATE DOMINI -----	1691
Livro 66	Actas de Eleições -----	1684
Livro 67	Diário de Receitas e Despesas -----	1684
Livro 68	Missal Romano -----	1666
Livro 69	Livro de Entrada de Irmãos -----	1656
Tombos	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 22. -----	1616 - 1893
Pastas	Documentação Vária -----	Séc. XVIII - XIX
Tomos	Cobrança dos Anuais dos Irmãos -----	1633 e 1687
Tomos	Cobrança dos Anuais dos Irmãos -----	1719 e 1721
Tomos	Cobrança dos Anuais dos Irmãos -----	1744 e 1755
Tomos	Cobrança dos Anuais dos Irmãos -----	1756 e 1761
Tomos	Cobrança dos Anuais dos Irmãos -----	1763 e 1768

ÍNDICE

Introdução -----	pág. 7
1. Objecto do Estudo -----	pág. 7
2. Fontes -----	pág. 8
I As Confrarias e Irmandades de Mareantes e Pescadores (enquadramento Global)	pág. 10
1. A «ghilde» como antecedente da nossa Confraria medieval -----	pág. 12
2. As Confrarias no século XII -----	pág. 13
3. O município Medieval e os «Ofícios» -----	pág. 13
4. A confraria- grémio e o grémio, suas diferenças -----	pág. 14
II Enquadramento religioso: o papel das Ordens Mendicantes -----	pág. 17
1. Mistica, misticismo, surto urbano e mercantil -----	pág. 20
2. O Culto de S. Telmo e as suas prováveis relações com a Galiza -----	pág. 22
3. Influência Galega? -----	pág. 24
III As confrarias de mareantes e pescadores dos séculos XIII a XVIII -----	pág. 28
1. As Confrarias de mareantes e pescadores em Portugal Continental e Ilhas -----	pág. 29
2. A organização interna da confraria de mareantes e seus sistemas de Previsão Social.	pág. 64
IV A Confraria das Almas do Corpo Santo de Massarelos -----	pág. 68
1. Perspectiva Histórica -----	pág. 69
2. Os Homens e a instituição -----	pág. 73
3. A Confraria e a acção de solidariedade económica e social -----	pág. 76
4. Bens e Patrimónios da Confraria das Almas do Corpo Santo -----	pág. 78
5. Embarcações e Propriedades -----	pág. 80
5.1. Embarcações -----	pág. 80
5.2. Propriedades -----	pág. 82

6. A Fábrica da Confraria da Almas da Capela de S. Pedro Gonçalves -----	pág. 82
7. Rendimento e Despesa -----	pág. 83
7.1. Rendimento -----	pág. 84
7.2. Despesas -----	pág. 89
Conclusão -----	pág. 94
Bibliografia -----	pág. 96
Apêndices -----	pág. 100